Ellen G. White Estate
VIDA E ENSINOS
ELLEN G. WHITE

Vida e Ensinos

Ellen G. White

2007

Informações sobre este livro

Resumo

Esta publicação eBook é providenciada como um serviço do Estado de Ellen G. White. É parte integrante de uma vasta colecção de livros gratuitos online. Por favor visite owebsite do Estado Ellen G. White.

Sobre a Autora

Ellen G. White (1827-1915) é considerada como a autora Americana mais traduzida, tendo sido as suas publicações traduzidas para mais de 160 línguas. Escreveu mais de 100.000 páginas numa vasta variedade de tópicos práticos e espirituais. Guiada pelo Espírito Santo, exaltou Jesus e guiou-se pelas Escrituras como base da fé.

Outras Hiperligações

Uma Breve Biografia de Ellen G. White
Sobre o Estado de Ellen G. White

Contrato de Licença de Utilizador Final

Mais informações

Para mais informações sobre a autora, os editores ou como poderá financiar este serviço, é favor contactar o Estado de Ellen G.

White: (endereço de email). Estamos gratos pelo seu interesse e pelas suas sugestões, e que Deus o abençoe enquanto lê.

Conteúdo

Prefácio

Destinada aos leitores que dispõem de pouco tempo, encontra-se neste pequeno volume uma seleção de curtos artigos dentre os escritos da Sr. E. G. White.

A Sr. White esteve empenhada em trabalhos evangélicos durante mais de setenta anos. Iniciou-se o seu ministério público no Estado de Maine, e finalizou na Califórnia. Ela discursou a congregações grandes e pequenas, sobre temas religiosos ou de temperança, em quase todos os Estados da União. Empregou também, dois anos de ativíssimo serviço na Inglaterra, França, Suíça, Dinamarca, Noruega, Suécia e Alemanha; e oito anos na Austrália, Nova Zelândia e Tasmânia.

A história dos princípios de sua vida e das experiências em ganhar almas para Cristo desde a infância mesmo, conforme se acha relatada neste volume em sua própria e singela linguagem, apresenta ao leitor uma interessantíssima narrativa de ministério cristão.

Quer viajando a cavalo quer de carruagem nos Estados da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos, ou de barco pelos canais do centro do Estado de Nova Iorque, ou com um séquito de emigrantes no Texas e Oklahoma, ou nos trens para excursionistas à Califórnia, ou nos grandes navios através do Atlântico e do Pacífico, ou onde quer que pudesse estar, procurava ela aproveitar toda a oportunidade de falar ao povo "todas as palavras desta vida".

Em acréscimo aos seus labores de evangelista, a Sr. White colaborou regularmente em várias revistas religiosas. Escreveu, também, muitos livros. Sobressaem entre estes, cinco volumes que descrevem o conflito mantido através dos séculos entre Cristo e Satanás. O primeiro volume desta série — *Patriarcas e Profetas* — e o último — *O Grande Conflito* — foram traduzidos para muitas línguas e editados. Seu pequeno livro *Caminho a Cristo* acha-se publicado em mais de quarenta línguas. Todos os seus escritos respiram a mais pura devoção e ensinam a mais elevada moralidade. Revelam os [8]

ardis de Satanás, e previnem-nos contra as suas ciladas. Conduzem a Cristo e exaltam os ensinos da Bíblia.

Era plano acariciado da Sr. White preparar para publicação vários pequenos volumes, contendo, no menor número de páginas, aquela poderosa verdade que salva almas, que ela se comprazia em refletir ao povo, de viva voz e por escrito. E os passos iniciais para a compilação desses volumes foram dados pouco tempo antes de sua morte. O início da compilação do presente volume foi uma grande alegria para ela. Não viveu, porém, para que o visse completo.

Este livrinho é uma coletânea de escritos da autora, já editados em muitos livros e revistas. A apresentação que faz dos privilégios e deveres do cristão fiel, é clara e inspiradora. Os quadros que apresenta da recompensa do cristão, são belos e emocionantes.

Possa ele ser uma animação para muitos leitores, e torne-se-lhes um auxílio na vida cristã, é a esperança e oração dos

Editores

[9]

[10]

[11]

[12]

[13]

Capítulo 1 — Infância

Nasci em Gorham, Estado do Maine, em 26 de novembro de 1827. Meus pais, Roberto e Eunice Harmon, residiram por muitos anos nesse Estado. Já em sua infância tornaram-se membros fervorosos e dedicados da Igreja Metodista Episcopal. Naquela igreja, desempenharam papel saliente, e trabalharam, durante um período de quarenta anos, pela conversão de pecadores e em prol da causa de Deus. Durante esse tempo tiveram a alegria de ver seus filhos, em número de oito, convertidos e reunidos no aprisco de Cristo.

Infelicidade

Sendo eu ainda criança, meus pais se mudaram de Gorham para Portland, Maine. Aí, com nove anos de idade, sofri um acidente que me afetaria a vida inteira. Em companhia de minha irmã gêmea e de uma de nossas colegas, eu atravessava uma praça da cidade, quando uma menina de treze anos aproximadamente, zangando-se por qualquer futilidade, atirou uma pedra que me atingiu o nariz. Fiquei aturdida com o golpe e caí ao chão, desmaiada.

Quando recuperei os sentidos, achava-me na loja de um comerciante. Um estranho benévolo ofereceu-se para levar-me para casa em sua carruagem. Mas eu, desconhecendo meu estado de fraqueza, disse-lhe que preferia ir a pé. Os presentes não se aperceberam de que meu ferimento fosse tão sério e deixaram-me ir. Mas, depois de andar apenas alguns metros, fiquei atordoada. Minha irmã gêmea e colega carregaram-me para casa. [14]

Não tenho lembrança de coisa alguma ocorrida durante algum tempo após o acidente. Minha mãe disse que eu nada notava. Permaneci em estado de torpor durante três semanas. Ninguém, além dela, julgava possível que eu me restabelecesse; mas, por qualquer motivo, ela pressentia que eu havia de viver.

Ao recobrar o uso de minhas faculdades, parecia-me que estivera a dormir. Não lembrava o acidente, e ignorava a causa de minha

enfermidade. Um grande berço tinha sido feito para mim, e nele permaneci por muitas semanas. Fiquei quase reduzida a esqueleto.

Comecei, nessa ocasião, a orar ao Senhor, com o fito de preparar-me para a morte. Quando amigos cristãos visitavam a família, perguntavam à minha mãe se ela me havia falado a respeito de morrer. Entreouvi isso, o que me agitou. Desejei tornar-me cristã, e orei fervorosamente pelo perdão de meus pecados. Senti a paz de espírito que disso provinha, e amava a todos, sentindo-me desejosa de que todos estivessem com seus pecados perdoados e amassem a Jesus como eu o fazia.

Eu recobrava forças muito vagarosamente. Quando pude tomar parte nos brinquedos com minhas amiguinhas, fui obrigada a aprender a amarga lição de que nossa aparência pessoal muitas vezes estabelece diferença no tratamento que recebemos.

Educação

Minha saúde parecia irremediavelmente prejudicada. Durante dois anos, não pude respirar pelo nariz, e pouco pude freqüentar a escola. Parecia-me impossível estudar e reter na memória o que aprendia. A mesma menina que fora a causa de minha infelicidade, foi por nossa professora nomeada monitora, e competia-lhe ajudar-me na escrita e noutras matérias. Ela se mostrava sempre [15] sinceramente entristecida pelo grande mal que me causara, posto que eu tivesse cuidado em não lhe lembrar isso. Era meiga e paciente comigo. Mostrava-se triste e pensativa quando me via lutando com sérias desvantagens para instruir-me.

Meu sistema nervoso estava abalado, e minhas mãos tremiam tanto que pouco progresso fiz na escrita, e não pude conseguir mais do que simples cópias com má caligrafia. Esforçando-me por concentrar-me nos estudos, as letras da página pareciam embaralhar-se, grandes gotas de suor afloravam-me ao rosto, e eu me atordoava e desfalecia. Tinha uma tosse rebelde, e meu organismo todo parecia debilitado.

Minhas professoras aconselharam-me a abandonar a escola, e não retomar os estudos antes de minha saúde melhorar. Foi a mais forte luta de minha juventude, ceder à fraqueza e decidir que deveria [16] abandonar os estudos e renunciar a toda esperança de instruir-me.

Capítulo 2 — Conversão

Em março de 1840, Guilherme Miller visitou Portland, Maine, e fez uma série de pregações sobre a segunda vinda de Cristo, que produziram grande sensação. A Igreja Cristã da rua Casco, onde foram realizadas, esteve repleta dia e noite. As reuniões não foram acompanhadas de uma agitação tola, mas profunda solenidade se apoderava do espírito dos ouvintes. Não somente na cidade se manifestou grande interesse, pois pessoas do campo afluíam dia após dia, trazendo suas cestas com merenda, e permanecendo desde a manhã até ao final da reunião da noite.

Em companhia de minhas amigas, assisti a essas reuniões. O Sr. Miller apresentou as profecias com uma precisão que convencia o coração. Detinha-se a tratar dos períodos proféticos, e apresentava muitas provas para confirmar a sua opinião. Seus apelos e avisos solenes e poderosos, feitos àqueles que não se achavam preparados, deixavam assustada a multidão.

Reavivamento espiritual

Efetuaram-se reuniões especiais em que os pecadores podiam ter oportunidade de buscar a seu Salvador e preparar-se para os terríveis acontecimentos que breve ocorreriam. Terror e convicção espalharam-se por toda a cidade. Realizavam-se reuniões de oração, e havia um despertamento geral entre as várias denominações; pois mais ou menos todos sentiam a influência do ensino da próxima vinda de Cristo.

Quando os pecadores foram convidados a ir à frente, para o lugar daqueles que desejavam auxílio cristão especial, centenas atenderam ao apelo. E eu me coloquei entre os que buscavam aquele auxílio. Pensava, porém, que jamais me poderia tornar digna de ser chamada filha de Deus. Muitas vezes, procurava a paz que há em Cristo, [17] mas não me parecia encontrar o que desejava. Terrível tristeza me oprimia o coração. Não podia lembrar-me de coisa alguma que

houvesse feito sem que me entristecesse. Parecia-me, porém, não ser suficientemente boa para entrar no Céu, e desejar isso seria coisa demasiada para mim.

A falta de confiança própria e a convicção de que seria impossível fazer com que alguém compreendesse meus sentimentos, impediam-me de buscar conselho e auxílio de minhas amigas cristãs. Assim, vagueava desnecessariamente em trevas e desespero, enquanto elas, sem conhecer o meu íntimo, ignoravam completamente o meu estado.

Justiça pela fé

No verão seguinte, meus pais foram às reuniões da assembléia metodista, em Buxton, Maine, levando-me consigo. Eu estava plenamente resolvida a buscar fervorosamente ao Senhor ali, e alcançar o possível perdão de meus pecados. Sentia de coração grande anelo pela esperança cristã e pela paz que vem com a fé.

Muito me animei ouvindo um sermão sobre as palavras "Irei ter com o rei... e, perecendo, pereço." Ester 4:16. Em suas considerações, o orador referiu-se àqueles que vagavam entre a esperança e o temor, anelando serem salvos de seus pecados e receberem o amor remidor de Cristo, e, no entanto, pela timidez e receio de fracasso, se conservavam em dúvida e escravidão. Aconselhava a tais que se entregassem a Deus, e sem mais demora confiassem em Sua misericórdia. Encontrariam um Salvador compassivo, pronto para lhes apresentar o cetro da misericórdia, assim como Assuero indicou a Ester o sinal de seu favor. Tudo que se exigia do pecador, trêmulo [18] ante a presença de seu Senhor, era que estendesse a mão da fé e tocasse o cetro de Sua graça. Aquele toque asseguraria perdão e paz.

Aqueles que esperavam tornar-se mais dignos do favor divino antes de se arriscarem a alcançar as promessas de Deus, estavam cometendo um erro fatal. Somente Jesus purifica do pecado; apenas Ele pode perdoar nossas transgressões. Ele assumiu o compromisso de ouvir as petições e deferir as orações dos que pela fé a Ele recorrem. Muitos têm uma idéia vaga de que devem fazer algum esforço extraordinário a fim de alcançar o favor de Deus. Toda confiança própria, porém, é vã. É unicamente ligando-se a Jesus

pela fé, que o pecador se torna filho de Deus, cheio de esperança e crença.

Essas palavras me consolaram, e deram-me uma visão do que devia fazer para ser salva.

Passei então a ver mais claramente meu caminho, e as trevas começaram a dissipar-se. Ardorosamente busquei o perdão de meus pecados, e esforcei-me para entregar-me inteiramente ao Senhor. Meu espírito, porém, debatia-se muitas vezes em grande angústia, pois eu não experimentava o êxtase espiritual que considerava deveria ser a prova de minha aceitação da parte de Deus, e não ousava crer que, sem isso, estivesse convertida. Quanto necessitava eu de instrução no tocante à simplicidade da fé!

Remoção do fardo

Enquanto permanecia curvada junto ao altar da oração em companhia de outros que buscavam ao Senhor, toda a linguagem do meu coração era: "Auxilia-me, Jesus; salva-me, eu pereço! Não cessarei de rogar enquanto minha oração não for ouvida e perdoados os meus pecados." Como nunca antes, sentia minha condição necessitada e desamparada.

Enquanto me achava de joelhos em oração, meu fardo deixou-me, e meu coração se aliviou. A princípio me sobreveio um sentimento de susto e procurei retomar o meu fardo de angústias. Julgava não [19] ter o direito de sentir-me alegre e feliz. Mas Jesus parecia estar perto de mim; sentia-me capaz de achegar-me a Ele com todos os meus pesares, infelicidades e provações, assim como o faziam os necessitados em busca de consolo, quando Ele esteve na Terra. Eu tinha no coração a certeza de que Ele compreendia minhas provações e comigo simpatizava. Nunca poderei esquecer essa segurança preciosa da compassiva ternura de Jesus para com alguém tão indigno de Sua atenção. Naquele curto período de tempo em que fiquei prostrada entre os que oravam, aprendi mais do que nunca acerca do caráter divino de Cristo.

Uma das mães em Israel aproximou-se de mim e disse: "Querida filha, achaste a Jesus?" Eu estava para responder "Sim", quando ela exclamou: "Verdadeiramente O achaste; Sua paz está contigo, eu a vejo em teu semblante!"

Repetidas vezes, disse comigo mesma: “Pode isso ser religião? Não estarei enganada?” Parecia-me demasiado pretender um privilégio excessivamente exaltado. Se bem que tímida demais para confessá-lo abertamente, eu sentia que o Salvador me abençoara e perdoara meus pecados.

“Em novidade de vida”

Logo depois, encerrou-se a assembléia, e partimos para casa. Eu tinha a mente repleta dos sermões, exortações e orações que ouvíramos. Tudo na Natureza parecia mudado. Durante as reuniões, nuvens e chuva haviam prevalecido na maior parte do tempo, e meus sentimentos estavam em harmonia com o tempo. Agora, o Sol resplandecia brilhante e luminoso, e inundava a Terra de luz e calor. As árvores e a relva eram de um verde mais vivo; o céu, de um azul mais profundo. A Terra parecia sorrir com a paz de Deus. Igualmente, os raios do Sol da Justiça haviam penetrado as nuvens e [20] trevas do meu espírito, afugentando a tristeza.

Parecia-me que cada qual deveria estar em paz com Deus, e animado de Seu Espírito. Todas as coisas sobre as quais meu olhar repousava, parecia terem passado por uma mudança. As árvores eram mais bonitas, e os pássaros cantavam com mais suavidade do que nunca; pareciam estar louvando o Criador.

Minha vida aparecia-me sob uma luz diferente. A aflição que me obscurecera a infância, eu diria ter intervindo misericordiosamente em meu favor, para minha felicidade, desviando-me o coração do mundo e de seus prazeres, que não satisfazem, e inclinando-o para as atrações duradouras do Céu.

Logo depois de nossa volta da assembléia, eu, juntamente com vários outros, fiz profissão de fé na igreja. Preocupava-me bastante o assunto do batismo. Jovem como era, não podia ver senão uma única maneira de batismo autorizada nas Escrituras, e essa era a imersão. Algumas de minhas irmãs metodistas procuraram em vão convencer-me de que a aspersão era batismo bíblico.

Finalmente, foi marcado o tempo em que receberíamos essa solene ordenança. Foi num dia ventoso que nós, em número de doze, fomos ao mar para sermos batizados. As ondas encapelavam-se e batiam contra a praia; mas, em havendo eu tomado essa pesada cruz,

minha paz era semelhante a um rio. Quando saí da água, sentia-me quase sem forças, pois o poder do Senhor repousava sobre mim. Senti que dali em diante não era deste mundo, mas surgia daquele como que túmulo líquido, para uma novidade de vida.

No mesmo dia à tarde, fui recebida na igreja com todas as prerrogativas de membro. [21]

Capítulo 3 — Início dos trabalhos públicos

Fiquei de novo muito ansiosa por freqüentar a escola e fazer nova tentativa de instruir-me, e entrei para um colégio de moças em Portland. Ao tentar reiniciar os estudos, porém, minha saúde rapidamente declinou, tornando-se evidente para mim que se persistisse na freqüência às aulas seria à custa de minha vida. Com grande tristeza voltei para casa.

Eu achara difícil a prática da religião no colégio, cercada como estava de influências tendentes a atrair o espírito e afastá-lo de Deus. Por algum tempo, senti uma constante insatisfação própria e com meu progresso na vida cristã, e não experimentava o sentimento vívido da misericórdia e amor de Deus. Sobrevinha-me uma sensação de desânimo, o que me causava grande ansiedade de espírito.

A mensagem do advento em Portland

Em junho de 1842, o Sr. Miller fez a sua segunda série de conferências na igreja da Rua Casco, em Portland. Considerei grande privilégio haver assistido a essas conferências, pois eu caíra em desânimo e não me sentia preparada para encontrar-me com o Salvador. Essa segunda série criou na cidade muito mais agitação do que a primeira. Com poucas exceções, as várias denominações fecharam as portas de suas igrejas ao Sr. Miller. Muitos pregadores, nos vários púlpitos, procuravam expor os pretensos erros fanáticos do conferencista; mas multidões de ouvintes ansiosos assistiam a suas reuniões, e, por falta de lugar, muitos ficavam sem poder entrar. A assistência ficava silenciosa e atenta, contrariamente ao seu hábito.

O estilo de pregar do Sr. Miller não era floreado nem oratório. Ele apresentava fatos claros e surpreendentes que arrancavam os [22] ouvintes de sua despreocupada indiferença. No decorrer da pregação, [23] confirmava suas declarações e teorias com provas das Escrituras. Acompanhava suas palavras um poder convincente que parecia darlhes o cunho da linguagem da verdade.

Ele era cortês e simpático. Quando todos os assentos na casa estavam ocupados, e a plataforma e lugares em redor do púlpito pareciam literalmente cheios, eu o via sair do púlpito, descer à nave e tomar pela mão algum idoso ou idosa e achar-lhes um assento, voltando então e reatando o fio do seu discurso. Era, na verdade, justamente chamado “Pai Miller”, pois exercia cuidado vigilante sobre os que estavam sob o seu ministério. Era afetuoso de maneiras, dotado de disposição jovial e coração terno.

Como orador era interessante, e suas exortações tanto a cristãos professos como aos impenitentes eram apropriadas e poderosas. Algumas vezes, uma solenidade tão assinalada, a ponto de ser pungente, apoderava-se de suas reuniões. Uma intuição da crise iminente dos acontecimentos humanos impressionava o espírito da multidão ouvinte. Muitos se rendiam à convicção do Espírito de Deus. Homens de cabelos grisalhos e senhoras idosas procuravam com passos trêmulos o lugar dos que desejavam auxílio espiritual especial; aqueles que se achavam na força da idade madura, os jovens e crianças, eram profundamente abalados. Gemidos e vozes de choro e de louvor misturavam-se no período da oração.

Cri nas solenes palavras proferidas pelo servo de Deus, e doía-me o coração quando eram combatidas ou delas se zombava. Eu assistia freqüentemente às reuniões e cria que Jesus devia logo vir nas nuvens do céu; o que me preocupava, porém, era estar ponta para O encontrar. Eu pensava constantemente no assunto da santidade do coração. Acima de todas as coisas anelava obter essa grande bênção, e crer que eu era inteiramente aceita por Deus. [24]

Angústia mental

Até então, eu nunca orara em público, e tinha apenas falado algumas tímidas palavras na reunião de oração. Tive a impressão de que deveria buscar a Deus em oração, em nossas pequenas reuniões sociais. Isso não ousava fazer, receosa de me atrapalhar e não poder exprimir meus pensamentos. Impressionou-me, porém, tão fortemente o senso do dever que, quando tentei orar em particular, parecia que estava a gracejar com Deus, porque deixara de obedecer à Sua vontade. Venceu-me o desespero, e por três longas semanas nenhum raio de luz penetrou a escuridão que me rodeava.

Intensos eram os meus sofrimentos mentais. Algumas vezes, durante a noite toda, eu não ousava cerrar os olhos, mas esperava até que minha irmã gêmea dormisse profundamente; deixava então silenciosamente o leito e ajoelhava-me no soalho, orando em silêncio, com uma agonia intensa que se não pode descrever. Os horrores de um inferno a arder eternamente estavam sempre diante de mim. Sabia que era impossível viver por muito tempo nesse estado, e não ousava morrer e enfrentar a terrível sorte do pecador. Com que inveja eu olhava àqueles que reconheciam a sua aceitação por parte de Deus! Quão preciosa parecia para minha alma agoniada a esperança cristã!

Freqüentemente, eu ficava prostrada em oração quase a noite toda, gemendo e tremendo, com angústia inexprimível e desespero indescritível. "Senhor, tem misericórdia!" era meu clamor, e semelhante ao pobre publicano eu não ousava levantar os olhos para o céu, mas curvava a fronte para o soalho. Fiquei muito magra e fraca, e não obstante ocultei meu sofrimento e desespero.

O sonho do templo e do cordeiro

Enquanto me achava nesse estado de desânimo, tive um sonho [25] que me produziu profunda impressão. Sonhei que via um templo em que muitas pessoas estavam se reunindo. Apenas os que se refugiassem naquele templo seriam salvos quando terminasse o tempo; todos os que ficassem fora estariam para sempre perdidos. A multidão que se achava fora e prosseguia com seus vários interesses, caçoava e ridicularizava os que estavam entrando no templo, e dizialhes que esse meio de segurança era um sagaz engano e que, de fato não havia perigo algum para se evitar. Chegaram a lançar mãos de alguns para impedir-lhes a entrada.

Receosa de ser escarnecida, achei melhor esperar até que a multidão se dispersasse ou até que eu pudesse entrar sem ser observada por eles. Mas o número aumentava em vez de diminuir e, receando ficar muito atrasada, saí apressadamente de casa e atravessei a multidão. Na minha ansiedade por atingir o templo, não notava a multidão que me cercava nem com ela me ocupava.

Entrando no edifício, vi que o vasto templo era apoiado por uma imensa coluna, e a ela se achava amarrado um cordeiro todo

ferido e ensangüentado. Nós que nos achávamos presentes parecíamos saber que esse cordeiro fora lacerado e ferido por nossa causa. Todos os que entravam no templo deveriam ir diante dele e confessar seus pecados. Exatamente diante do cordeiro, estavam assentos elevados, sobre os quais se sentava um grupo de pessoas que parecia muito feliz. A luz celeste parecia resplandecer-lhes no rosto, e louvavam a Deus e entoavam alegres cânticos de ação de graças que se assemelhavam à música dos anjos. Esses eram os que se haviam apresentado diante do Cordeiro, confessado seus pecados, recebido perdão, e agora, em alegre expectativa, aguardavam algum acontecimento feliz.

Mesmo depois que entrei no edifício, sobreveio-me um receio e uma sensação de vergonha de que eu devesse humilhar-me diante daquele povo. Mas eu parecia ser compelida a ir para a frente, e vagarosamente caminhei em redor da coluna a fim de defrontar-me [26] com o Cordeiro, quando uma trombeta soou, o templo foi abalado, brados de triunfo se levantaram dos santos reunidos, e um intenso brilho iluminou o edifício: então tudo passou a ser trevas intensas. Toda aquela gente feliz desaparecera com o brilho, e fui deixada só no silencioso terror da noite.

Despertei em agonia de espírito, e não pude convencer-me de que estivera a sonhar. Parecia-me que minha sorte estava fixada; e que o Espírito do Senhor me havia abandonado para não mais voltar.

O sonho no qual vi a Jesus

Logo depois disso, tive outro sonho. Parecia-me estar sentada em desespero aterrador, com as mãos no rosto, refletindo assim: Se Jesus estivesse na Terra, eu iria a Ele, e me lançaria a Seus pés, e Lhe contaria todos os meus sofrimentos. Ele não Se desviaria de mim; teria misericórdia, e eu O amaria e serviria sempre.

Exatamente nesse momento se abriu a porta, e entrou uma pessoa de belo porte e semblante. Olhou para mim compassivamente e disse: "Desejas ver a Jesus? Ele aqui está, e podes vê-Lo se desejar. Toma tudo que possuis e segue-me."

Ouvi isso com indizível alegria, e contentemente ajuntei todas as minhas pequenas posses, e toda ninharia que como tesouro eu guardava, e segui a meu guia. Ele me conduziu a uma escada íngreme

e aparentemente frágil. Começando a subir os degraus, aconselhou-me a conservar o olhar fixo para cima a fim de que não me atordoasse e caísse. Muitos outros que estavam fazendo essa íngreme ascensão caíam antes de galgar o cimo.

Finalmente atingimos o último degrau e paramos diante de uma [27] porta. Ali, meu guia me informou que eu devia deixar todas as coisas que trouxera. Alegremente, eu as depus. Então, ele abriu a porta e me mandou entrar. Em um instante, achei-me diante de Jesus. Não havia dúvida quanto àquele belo semblante; aquela expressão de benevolência e majestade não poderia pertencer a nenhum outro. Quando Seu olhar pousou sobre mim, vi logo que Ele estava familiarizado com todos os acontecimentos de minha vida e todos os meus íntimos pensamentos e sentimentos.

Procurei fugir de Seu olhar, sentindo-me incapaz de suportá-lo por ser tão penetrante. Ele, porém, Se aproximou com um sorriso, e, pondo a mão sobre minha cabeça, disse: "Não temas." O som de Sua doce voz agitou-me o coração com uma felicidade que nunca experimentara antes. Eu estava alegre demais para poder proferir uma palavra, e, vencida pela emoção, caí prostrada a Seus pés. Enquanto ali jazia inerte, cenas de beleza e glória passaram diante de mim, e parecia-me ter alcançado a segurança e paz do Céu. Finalmente, recuperei as forças e levantei-me. O olhar amorável de Jesus ainda estava sobre mim, e Seu sorriso enchia a minha alma de alegria. Sua presença despertou em mim santa reverência e amor inexprimível.

Meu guia abriu então a porta, e ambos saímos. Mandou que eu tomasse de novo todas as coisas que havia deixado fora. Isso feito, entregou-me um fio verde muito bem enovelado. Ele me disse que o colocasse perto do coração e, quando quisesse ver a Jesus, o tirasse do seio e o estirasse inteiramente. Preveniu-me de que o não deixasse ficar enrolado durante muito tempo, para que não se embaraçasse e fosse difícil desemaranhar. Coloquei o fio junto ao coração e, cheia de alegria, desci a estreita escada, louvando ao Senhor, e dizendo a [28] todos com quem falara, onde poderiam encontrar Jesus.

Este sonho deu-me esperança. O fio verde representava ao meu espírito a fé; e a beleza e simplicidade de confiar em Deus começaram a raiar na minha alma.

Amável simpatia e conselho

Agora, confiava todas as minhas tristezas e perplexidades a minha mãe. Ela me manifestava muita ternura e me animava, sugerindo-me que fosse aconselhar-me com o Pastor Stockman, que então pregava, em Portland, a doutrina do advento. Eu tinha grande confiança nele, pois era um dedicado servo de Cristo. Ouvindo minha história, pôs afetuosamente a mão sobre minha cabeça, dizendo com lágrimas nos olhos: "Ellen, tu és tão criança! Tua experiência é muitíssimo singular, numa idade tenra como a tua. Jesus deve estar te preparando para algum trabalho especial."

Disse-me então que, mesmo que eu fosse uma pessoa de idade madura, e me achasse assim perseguida pela dúvida e desespero, ele me diria saber existir esperança para mim, mediante o amor de Jesus. A própria agonia de espírito que eu sofrera, era uma prova evidente de que o Espírito do Senhor estava contendendo comigo. Disse que quando o pecador se torna endurecido no mal, não compreende a enormidade de sua transgressão, mas lisonjeia-se de que anda direito e sem nenhum perigo. O Espírito do Senhor deixa-o, e ele se torna descuidado e indiferente, ou despreocupadamente arrogante. Aquele bom homem falou-me acerca do amor de Deus a Seus filhos errantes; disse que em vez de Se alegrar em sua destruição, Ele almeja atraí-los a Si com fé e confiança singela. Ele se demorou a falar no grande amor de Cristo e no plano da redenção.

O Pastor Stockman falou-me da infelicidade que eu tivera, e disse que na verdade era uma aflição atroz; mas mandou-me crer que a mão de um Pai amante não fora retirada de sobre mim e, na [29] vida futura, ao dissipar-se a névoa que ora me obscurecia o espírito, eu iria discernir a sabedoria da Providência, que me parecia tão cruel e misteriosa. Jesus disse a um de Seus discípulos: "O que Eu faço não o sabes tu agora, mas tu o saberás depois." João 13:7. No grande futuro, não mais veremos obscuramente, como por meio de um espelho, mas havemos de conhecer os mistérios do divino amor.

"Podes ir livre, Ellen", disse ele; "volta a tua casa confiante em Jesus, pois Ele não retirará Seu amor de todo aquele que O busca verdadeiramente." Então orou fervorosamente por mim, e parecia-me que Deus certamente ouviria a oração de Seu santo, mesmo que minhas humildes petições não fossem atendidas. Enquanto eu

escutava os sábios e ternos conselhos desse mestre em Israel, o meu espírito desanuviou-se e afastou-se a abominável escravidão da dúvida e receio. Saí de sua presença confortada e animada.

???

Minha primeira oração pública

Voltei para casa e de novo me pus perante o Senhor, prometendo fazer tudo que Ele pudesse exigir de mim, se tão somente o sorriso de Jesus me animasse o coração. Foi-me apresentado o mesmo dever que antes me perturbara o espírito — tomar a minha cruz entre o povo de Deus congregado. A oportunidade não tardou; naquela noite, em casa de meu tio, havia uma reunião de oração à qual assisti.

Ao ajoelharem-se os outros para orar, prostrei-me com eles, trêmula. E, depois de haverem orado algumas pessoas, alcei a voz em [30] oração, antes que disso me apercebesse. Naquele instante, as promessas de Deus pareceram-me semelhantes a tantas pedras preciosas que deveriam ser recebidas apenas pelos que as pedissem. Enquanto orava, o peso e agonia de alma que havia tanto tempo eu suportava, deixaram-me, e a bênção do Senhor desceu sobre mim, semelhante ao orvalho brando. Louvei a Deus de todo o meu coração. Tudo parecia excluído de mim, exceto Jesus e Sua glória, e perdi consciência do que se passava em redor.

O Espírito de Deus pousou sobre mim com tal poder que não pude ir para casa aquela noite. Quando voltei a mim, estava sendo tratada em casa de meu tio, onde nos tínhamos congregado para a reunião de oração. Nem meu tio nem minha tia fruíam a religião, posto que ele já houvesse feito profissão de fé, havendo esmorecido depois. Contaram-me que, enquanto o poder de Deus se apossava de mim de maneira tão peculiar, ele ficara grandemente perturbado e andara pela sala, sofrendo incomodidade e angústia de espírito.

Quando a princípio caí, alguns dos presentes ficaram grandemente alarmados e estavam para correr em busca de médico, julgando que alguma indisposição súbita e perigosa me houvesse acometido; mas minha mãe lhes disse que me deixassem só, pois era evidente para ela e para os outros cristãos experientes, que fora o maravilhoso poder de Deus que me prostrara. Quando voltei para casa, no dia seguinte, grande mudança ocorrera em meu espírito. Di-

ficilmente parecia ser eu a mesma pessoa que deixara a casa de meu pai na noite anterior. Esta passagem estava continuamente em meu pensamento: "O Senhor é meu pastor: nada me faltará." Salmos 23:1. Meu coração transbordava de felicidade, enquanto eu suavemente repetia essas palavras. [31]

Uma perspectiva do amor do Pai

A fé tomou posse de meu coração. Experimentei um inexprimível amor a Deus, e tinha o testemunho do Seu Espírito de que meus pecados estavam perdoados. Minhas opiniões acerca do Pai estavam mudadas. Considerava-O agora um Pai bondoso e terno, ao invés de tirano severo que forçasse os homens a uma obediência cega. Meu coração deixava-se levar a Ele em amor profundo e fervoroso. A obediência à Sua vontade me parecia um prazer; era para mim uma alegria estar ao Seu serviço. Nenhuma sombra nublava a luz que me revelava a perfeita vontade de Deus. Experimentei a segurança de um Salvador que em mim habitava, e compreendi a verdade do que Cristo dissera: "Quem Me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida." João 8:12.

Minha paz e felicidade estavam em tão assinalado contraste com minha tristeza e angústia anteriores que parecia como se eu houvesse sido libertada do inferno e transportada ao Céu. Podia até louvar a Deus pela desgraça que fora a provação de minha vida, pois se tornara o meio de fixar meus pensamentos na eternidade. De natureza orgulhosa e ambiciosa, eu poderia não ter-me inclinado a entregar o coração a Jesus, se não fosse a cruel aflição que me separara de vez das glórias e vaidades do mundo.

Durante seis meses, nenhuma sombra me nublou o espírito, tampouco negligenciei um dever sequer que conhecesse. Todo o meu esforço visava a fazer a vontade de Deus, e conservar Jesus e o Céu continuamente em vista. Estava surpresa e extasiada com as claras perspectivas que agora a mim se apresentavam do sacrifício expiatório e da obra de Cristo. Não mais tentei explicar minhas lucubrações de espírito; basta dizer que as coisas velhas haviam passado, e todas se tornaram novas. Não havia uma nuvem para empanar minha perfeita ventura. Eu aspirava contar a história do amor de Jesus, mas não sentia disposição para entreter conversação [32]

vulgar com qualquer pessoa. Meu coração estava tão cheio de amor a Deus e daquela "paz... que excede todo o entendimento" (Filipenses 4:7) que eu me comprazia em meditar e orar.

Testemunhando

Na noite seguinte àquela em que recebi tão grande bênção, assisti à reunião adventista. Quando chegou a hora para os seguidores de Cristo falarem a favor dEle, não pude ficar em silêncio, mas levantei-me e relatei a minha experiência. Nenhum pensamento me viera à mente quanto ao que deveria dizer; mas a singela história do amor de Jesus para comigo caiu-me dos lábios com perfeita liberdade, e meu coração estava tão feliz por ter-se libertado de seu cativeiro de negro desespero, que perdi de vista o povo em redor de mim e parecia-me estar sozinha com Deus. Não encontrei dificuldade em exprimir minha paz e felicidade, a não ser nas lágrimas de gratidão que me embargavam a voz.

O Pastor Stockman estava presente. Ele me vira recentemente em profundo desespero. E como agora visse terminado o meu cativeiro, chorou em voz alta, alegrando-se comigo e louvando a Deus por essa prova de Sua terna misericórdia e amorável bondade.

Não muito tempo depois de receber esta grande bênção, assisti a uma conferência da Igreja Cristã, que o Pastor Brown dirigia. Fui convidada a relatar minha experiência, e não somente senti grande liberdade de expressão, mas também felicidade em contar minha singela história do amor de Jesus e da alegria de ser aceita por Deus. Enquanto eu falava com coração submisso e olhos lacrimosos, parecia ter a alma atraída para o Céu em ações de graças. O poder enternecedor do Senhor apossou-se do povo congregado. Muitos choravam e outros louvavam a Deus.

Os pecadores foram convidados a levantar-se para que se fizessem orações em seu favor, e muitos atenderam. Meu coração estava [33] tão grato a Deus pela bênção que me concedera, que almejava que outros participassem dessa alegria santa. Interessei-me profundamente por aqueles que poderiam estar sofrendo sob a convicção do desagrado do Senhor e do fardo do pecado. Enquanto relatava minha experiência, pressenti que ninguém poderia resistir à evidência do amor perdoador de Deus que em mim operara uma mudança tão

maravilhosa. A realidade da verdadeira conversão parecia-me tão evidente que eu desejava exercer influência nesse sentido.

Trabalho em prol de amigas jovens

Providenciei reuniões com pessoas jovens, de minha amizade, algumas das quais eram consideravelmente mais velhas do que eu; e outras, em menor número, casadas. Várias delas eram frívolas e desatenciosas; minha experiência soava-lhes aos ouvidos como uma história ociosa e não davam crédito às minhas exortações. Decidi, porém, que meus esforços não cessariam sem que essas caras almas, por quem eu tinha tão grande interesse, se entregassem a Deus. Despendi várias noites em oração fervorosa por aquelas pessoas que eu buscara e reunira com o propósito de com elas trabalhar e orar.

Algumas delas se haviam reunido conosco pela curiosidade de ouvir o que eu tinha para dizer; outras me julgavam fora de mim, por eu ser tão persistente em meus esforços, especialmente quando não manifestavam interesse algum. Mas em cada uma das nossas pequenas reuniões, continuei a exortar e a orar em prol de cada uma separadamente até que todas se entregaram a Jesus, reconhecendo os méritos de Seu amor perdoador. Todas se converteram a Deus.

Noite após noite, em meus sonhos, eu parecia estar trabalhando pela salvação de almas. Em tais ocasiões, eram-me apresentados ao espírito casos especiais; estes eu procurava mais tarde, orando com [34] as pessoas envolvidas. Com exceção de uma, todas essas pessoas se entregaram ao Senhor. Alguns dos nossos irmãos mais escrupulosos temiam que eu fosse demasiado zelosa pela conversão das almas. Mas o tempo parecia-me tão curto que eu cria devessem todos, que possuíssem a esperança de uma bem-aventurada imortalidade e aguardassem a próxima vinda de Cristo, trabalhar sem cessar por aqueles que ainda estavam em pecados e se encontravam às bordas de terrível ruína.

Conquanto fosse muito jovem, o plano da salvação era-me tão claro, e minha experiência pessoal tão assinalada que, considerando a questão, compreendi ser meu dever continuar meus esforços pela salvação de preciosas almas, orar e confessar a Cristo em toda oportunidade. Todo o meu ser foi consagrado ao serviço de meu Mestre. Tomei a determinação de, acontecesse o que acontecesse, agradar a

Deus e viver como alguém que esperava o Salvador vir e recompensar os fiéis. Sentia-me semelhante a uma criancinha que se dirigisse a Deus como a seu pai, perguntando-Lhe o que queria que fizesse. Então, como me fosse explicado o meu dever, em cumpri-lo eu sentia a maior das felicidades. Provações peculiares algumas vezes me assediavam. Os mais experimentados do que eu, esforçavam-se por deter-me e diminuir o ardor de minha fé; mas, com sorrisos de Jesus a iluminar minha vida, e o amor de Deus no coração, prossegui em meu caminho com alegria. [35]

Capítulo 4 — A fé adventista

A família de meu pai, de quando em quando, freqüentava a igreja metodista, e também as reuniões para estudos, realizadas em casas particulares.

Experiências na reunião de estudos

Uma noite, meu irmão Roberto e eu fomos à reunião de estudos. O pastor, que a devia presidir, estava presente. Ao chegar a vez de meu irmão dar testemunho, ele falou com grande humildade, se bem que com clareza, acerca da necessidade de um completo preparo para encontrar o Salvador, quando vier nas nuvens do céu com poder e grande glória. Enquanto meu irmão falava, uma luz celeste lhe abrasou o rosto, usualmente pálido. Pareceu ser levado em espírito acima do ambiente em que se achava, e falou como se estivesse na presença de Jesus.

Quando fui convidada para falar, levantei-me, com o espírito livre, com o coração cheio de amor e paz. Contei a história do meu grande sofrimento sob a convicção do pecado, e como finalmente recebera a bênção que havia tanto procurava — completa conformidade com a vontade de Deus — e exprimi minha alegria nas boas-novas da próxima vinda de meu Redentor para levar Seus filhos consigo.

Quando acabei de falar, o pastor dirigente perguntou-me se não seria mais agradável viver uma longa vida de utilidade, fazendo bem aos outros, do que vir Jesus imediatamente e destruir os pobres pecadores. Repliquei que anelava a vinda de Jesus. Então o pecado teria fim e desfrutaríamos para sempre a santificação, sem que houvesse o diabo para nos tentar e transviar.

Depois de encerrada a reunião, percebi que era tratada com visível frieza por aqueles que anteriormente tinham sido benévolos e amáveis comigo. Meu irmão e eu voltamos para casa, sentindo-nos [36]

tristes por ser tão mal compreendidos pelos crentes, e por o assunto da próxima volta de Jesus despertar-lhes tão severa oposição.

A bem-aventurada esperança

Em caminho para casa, conversamos seriamente a respeito das evidências de nossa nova fé e esperança. "Ellen", disse Roberto, "estaremos enganados? É esta esperança do próximo aparecimento de Cristo sobre a Terra uma heresia, para que pastores e ensinadores religiosos a ela se oponham tão veementemente? Eles dizem que Jesus não virá senão daqui a milhares e milhares de anos. Se tão-somente se aproximam da verdade, então o mundo não poderá acabar em nosso tempo."

Eu não ousava favorecer a incredulidade um momento que fosse, e repliquei prontamente: "Não tenho dúvida de que a doutrina pregada pelo Sr. Miller é a verdade. Que poder lhe acompanha as palavras! Que levam convicção ao coração do pecador!"

Conversamos sobre o assunto com toda a lealdade enquanto caminhávamos, e concluímos ser nosso dever e privilégio esperar a vinda de nosso Salvador, e que mais seguro seria preparar-nos para o Seu aparecimento e estarmos prontos para encontrá-Lo com alegria. Se Ele viesse, o que não seria daqueles que então diziam: "O meu Senhor tarde virá", e que não tinham desejo de vê-Lo? Admirava-nos como havia ministros que ousassem acalmar os temores de pecadores e crentes relapsos, dizendo: "Paz, paz!" enquanto a mensagem do aviso estava sendo proclamada em todo o país. A ocasião parecia-nos muito solene; compreendíamos não ter tempo a perder.

"Cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto" — observou Roberto. "O que tem feito por nós esta crença? Convenceu-nos de que não estávamos preparados para a vinda do Senhor; de que devemos tornar-nos puros de coração, do contrário não poderemos encontrar em paz o nosso Salvador. Despertou-nos para procurar [37] nova força e graça divinas.

"O que fez ela por ti, Ellen? Serias o que agora és, se não tivesses ouvido a doutrina da próxima vinda de Cristo? Que esperança te inspirou ao coração? Que paz, alegria e amor te proporcionou? Para mim, fez tudo. Amo a Jesus e a todos os cristãos. Aprecio a reunião de oração. Tenho grande alegria na leitura da Bíblia e na oração."

Nós ambos nos sentimos fortalecidos com essa conversa, e resolvemos não nos afastar de nossas honestas convicções da verdade, e da bem-aventurada esperança da próxima vinda de Cristo nas nuvens do céu. Sentíamo-nos gratos por poder discernir a preciosa luz e alegrar-nos na expectativa da vinda do Senhor.

O último testemunho na reunião de estudos

Não muito tempo depois disso, de novo assistimos à reunião de estudos. Precisávamos de oportunidade para falar do precioso amor de Deus que nos animava a alma. Eu, especialmente, desejava falar da bondade e misericórdia do Senhor para comigo. Operava-se em mim uma tão grande mudança que parecia ser meu dever aproveitar toda oportunidade para testificar do amor de meu Salvador.

Ao chegar a minha vez de falar, relatei as evidências que provavam que eu fruía o amor de Jesus e olhava para a frente com alegre expectação de logo encontrar o meu Redentor. A crença de que a vinda de Cristo estava próxima me havia estimulado a alma a buscar mais fervorosamente a santificação do Espírito de Deus.

Neste ponto, o dirigente da classe interrompeu-me, dizendo: "Recebeste a santificação pelo Metodismo, pelo Metodismo, irmã, não por uma teoria errônea."

Fui compelida a confessar a verdade de que não era pelo Metodismo que meu coração havia recebido nova bênção, mas pelas verdades estimuladoras relativas ao aparecimento pessoal de Jesus. Por meio delas eu encontrara paz, alegria e perfeito amor. Assim [38] terminou o meu testemunho, o último que eu daria na reunião de estudos com meus irmãos metodistas.

Roberto então falou com mansidão, conforme era o seu modo, mas de maneira clara e tocante que alguns choraram e ficaram muito comovidos; outros, porém, tossiam em sinal de desagrado e pareciam muito a contragosto.

Depois de sairmos da classe, falamos de novo sobre a nossa fé, e maravilhamo-nos de que nossos irmãos e irmãs cristãs, de tal maneira não pudessem suportar que se lhes falasse uma palavra referente à vinda do nosso Salvador. Convencemo-nos de que não mais devíamos freqüentar a reunião da classe. A esperança do glorioso aparecimento de Cristo nos enchia a alma, e disso falaríamos quando

nos levantássemos para dar testemunho. Era evidente que não poderíamos ter liberdade na reunião de estudos, pois nosso testemunho provocava escárnio e sarcasmo que ouvimos, finda a reunião, de irmãos e irmãs a quem tínhamos respeitado e estimado.

Propagando a mensagem do advento

Os adventistas realizavam por esse tempo reuniões no Salão Beethoven. Meu pai, com sua família, a elas assistiam com boa regularidade. Supunha-se que o segundo advento deveria ocorrer no ano 1843. O tempo para que toda alma fosse salva parecia tão breve que resolvi fazer tudo que estava ao meu alcance para conduzir pecadores à luz da verdade.

Eu tinha duas irmãs em casa: Sara, que era vários anos mais velha do que eu, e minha irmã gêmea Elizabeth. Trocamos idéias e decidimos ganhar o dinheiro que pudéssemos para empregar na compra de livros e folhetos para distribuição gratuita. Isso era o [39] melhor que poderíamos fazer, e alegremente fizemos esse pouco.

Nosso pai era chapeleiro, e a tarefa que me tocava era fazer as copas dos chapéus, sendo essa a parte mais fácil do trabalho. Também fazia meias a vinte e cinco centavos de dólar o par. Meu coração estava tão enfraquecido que, para fazer esse trabalho, eu era obrigada a recostar-me na cama; entretanto, dia após dia ali me assentava, feliz por poderem meus dedos trêmulos fazer algo para trazer uma pequenina contribuição à causa que eu amava tão encarecidamente. Vinte e cinco centavos de dólar por dia era tudo que eu poderia ganhar. Quão cuidadosamente punha de lado as preciosas moedinhas de prata que assim ganhava e deveriam ser gastas em impressos destinados a esclarecer e despertar os que estavam em trevas!

Não tinha tentação de gastar meus lucros para minha própria satisfação. Meu vestuário era simples; nada era gasto em ornamentos desnecessários, pois a ostentação vã me parecia pecaminosa. Assim é que sempre tinha em depósito um pequeno fundo com que comprar livros convenientes. Estes eram colocados nas mãos de pessoas experientes a fim de os espalharem.

Cada folha destes impressos parecia preciosa aos meus olhos; pois era um mensageiro de luz ao mundo, ordenando às pessoas que

se preparassem para o grande evento que estava às portas. A salvação das almas era a minha preocupação de espírito, e confrangia-se-me o coração por aqueles que se lisonjeavam de estarem vivendo em segurança, enquanto a mensagem de advertência estava sendo proclamada ao mundo.

A questão da imortalidade

Um dia ouvi uma conversa entre minha mãe e minha irmã, com referência a um discurso que havia pouco tinham ouvido, a propósito de que a alma não tem imortalidade inerente. Alguns dos textos usados pelo ministro, como prova, foram citados. Entre eles lembro-me de que estes me impressionaram muito fortemente: "A alma que pecar, essa morrerá." Ezequiel 18:4. "Os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma." Eclesiastes 9:5. "A qual a seu tempo mostrará o bem-aventurado, e único poderoso [40] Senhor, Rei dos reis e Senhor dos senhores; Aquele que tem, Ele só, a imortalidade." 1 Timóteo 6:15-16. "A vida eterna aos que, com perseverança em fazer bem, procuram glória, e honra, e incorrupção." Romanos 2:7.

"Por que", disse minha mãe depois de citar as passagens antecedentes, "deveriam eles procurar aquilo que já têm?"

Escutei estas novas idéias com interesse intenso e solícito. Quando fiquei sozinha com minha mãe, perguntei-lhe se realmente cria que a alma não era imortal. Sua resposta foi que ela receava tivéssemos estado em erro no tocante àquele assunto, assim como a alguns outros.

"Mas, mamãe", disse eu, "a senhora acredita realmente que a alma dorme na sepultura até à ressurreição? Acha que, ao morrer, o cristão não vai imediatamente ao Céu, nem o pecador ao inferno?"

Ela respondeu: "A Bíblia não nos dá prova de que haja um inferno a arder eternamente. Se houvesse esse lugar, deveria ser mencionado no Volume Sagrado."

"Oh! mamãe", exclamei eu com espanto, "esta é uma estranha maneira de a senhora falar! Se a senhora crê nessa estranha teoria, que ninguém o saiba; pois receio que os pecadores não se sintam em segurança com essa crença, e nunca desejem buscar ao Senhor."

"Se esta é uma sólida verdade bíblica", replicou ela, "em vez de impedir a salvação dos pecadores, será o meio de os ganhar para Cristo. Se o amor de Deus não induzir o rebelde a se entregar, os terrores de um inferno eterno não o levarão ao arrependimento. Além disso, não parece ser uma maneira justa de ganhar almas para Jesus, o apelo para um dos mais baixos atributos do espírito — o medo abjeto. O amor de Jesus atrai; ele subjugará o mais duro coração." [41]

Somente alguns meses depois desta conversa é que ouvi algo mais acerca dessa doutrina; mas durante esse tempo meditei muito sobre esse assunto. Quando ouvi uma pregação em que era exposto, cri que era a verdade. Desde a ocasião em que aquela luz relativa ao sono dos mortos raiou em meu espírito, dissipou-se para mim o mistério que encobria a ressurreição, e este grande fato assumiu uma nova e sublime importância. Meu espírito muitas vezes se conturbara nos esforços para reconciliar a imediata recompensa ou castigo dos mortos com, o indubitável fato de uma ressurreição e juízo futuros. Se por ocasião da morte a alma entrava na felicidade ou desdita eternas, onde a necessidade de ressurreição para os míseros corpos que se reduzem a pó?

No entanto essa nova e bela fé ensinou-me a razão por que os escritores inspirados tanto se ocuparam da ressurreição do corpo; era porque o ser todo estava a dormir no túmulo. Agora podia ver claramente o engano de nossa opinião sobre esta questão.

A visita do pastor

Nossa família toda estava profundamente interessada na doutrina da próxima vinda do Senhor. Meu pai fora uma das colunas da igreja metodista. Atuara como exortador e como dirigente das reuniões nas casas situadas a certa distância da cidade. Contudo, o ministro metodista fez-nos uma visita especial, e aproveitou a ocasião para nos informar de que a nossa fé e o metodismo não poderiam andar de mãos dadas. Ele não indagava as razões por que críamos, tal como fazíamos, nem recorria à Bíblia a fim de nos convencer de erro; declarava, porém, que adotáramos uma nova e estranha crença que a igreja metodista não poderia aprovar. [42]

[43] Meu pai retorquiu que ele deveria estar enganado ao chamar nova e estranha aquela doutrina; que o próprio Cristo, em Seus ensinos

aos discípulos, pregara Seu segundo advento. Dissera Ele: "Na casa de Meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, Eu vo-lo teria dito: vou preparar-vos lugar. E, se Eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para Mim mesmo para que onde Eu estiver estejais vós também." João 14:2-3. "E estando com os olhos fitos no céu, enquanto Ele subia, eis que junto deles se puseram dois varões vestidos de branco, os quais lhe disseram: Varões galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no Céu, há de vir assim como para o Céu O vistes ir." Atos 1:10-11.

"E", disse meu pai, entusiasmando-se com o assunto, "o inspirado Paulo escreveu uma carta para animar os crentes de Tessalônica, dizendo-lhes: 'A vós, que sois atribulados, descanso conosco, quando Se manifestar o Senhor Jesus desde o céu, com os anjos do Seu poder; como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo; os quais por castigo padecerão eterna perdição, ante a face do Senhor e a glória do Seu poder, quando vier para ser glorificado nos Seus santos, e para Se fazer admirável naquele dia...' 2 Tessalonicenses 1:7-10. 'Porque o mesmo Senhor descerá do Céu com alarido e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com [44] estas palavras.' 1 Tessalonicenses 4:16-18.

"Esta é uma grande autoridade para nossa fé. Jesus e Seus apóstolos tratam demoradamente do acontecimento da segunda vinda, com alegria e triunfo; e os santos anjos proclamam que o Cristo, que ascendeu ao Céu, virá outra vez. Esta é a falta que cometemos — crer na palavra de Jesus e de Seus discípulos. Esta é uma doutrina muito antiga, e não tem vestígio de heresia."

O ministro não tentou citar um único texto que provasse estarmos em erro, desculpando-se, porém, com a alegação de falta de tempo. Aconselhou-nos a que silenciosamente nos retirássemos da igreja, e evitássemos a publicidade de um processo regular de exclusão. Nós sabíamos que outros de nossos irmãos estavam recebendo idêntico tratamento por causa semelhante, e não quisemos dar motivo para

que entendessem que nos envergonhávamos de reconhecer a nossa fé ou éramos incapazes de baseá-la nas Escrituras; nestas condições, meus pais insistiram para que fossem cientificados das razões deste pedido.

A única resposta a isso foi a declaração evasiva de que andáramos contrariamente às normas da igreja, e o plano mais acertado seria retirar-nos voluntariamente dela para evitar um processo. Replicamos que preferíamos um processo regular, e pedimos que nos informassem de que pecado éramos acusados, visto estarmos conscientes de não ter cometido falta alguma por aguardar e desejar o aparecimento do Salvador.* [45]

*Assim, por nenhum outro motivo que não seu firme testemunho em relação à sua crença na próxima vinda de Cristo, a família Harmon foi separada da igreja metodista.

Capítulo 5 — O desapontamento

Com vigilância e tremor aproximávamo-nos do tempo em que se esperava aparecesse o nosso Salvador. Com solene fervor, buscávamos, como um povo, purificar nossa vida a fim de estar prontos para O encontrar em Sua volta. Ainda se realizavam reuniões em casas particulares em diferentes partes da cidade, com os melhores resultados. Os crentes animavam-se a trabalhar por seus irmãos e parentes, e dia a dia multiplicavam-se as conversões.

Reuniões no salão Beethoven

Apesar da oposição dos ministros e igrejas, o Salão Beethoven, na cidade de Portland, ficava repleto todas as noites. Especialmente aos domingos havia ali grande congregação. Todas as classes afluíam a essas reuniões. Ricos e pobres, grandes e humildes, ministros e leigos, estavam todos por vários motivos, ansiosos por ouvir a doutrina do segundo advento. Muitos vinham e, não encontrando lugar nem para ficarem de pé, voltavam desapontados.

A ordem seguida nas reuniões era simples. Fazia-se usualmente um breve e incisivo discurso, concedendo-se em seguida liberdade para exortações gerais. Havia, em regra, o maior silêncio possível a uma tão grande multidão. O Senhor continha o espírito de oposição enquanto Seus servos expunham as razões de sua fé. Algumas vezes o instrumento era fraco, mas o Espírito de Deus dava peso e poder à Sua verdade. Sentia-se a presença dos santos anjos na assembléia, e várias pessoas eram acrescentadas diariamente ao pequeno núcleo de crentes.

Uma ocasião, enquanto o Pastor Stockman estava pregando, o Pastor Brown, pastor batista cristão, estava assentado à plataforma, [46] escutando o sermão com intenso interesse. Ficou profundamente comovido e subitamente seu rosto empalideceu como o de um morto; vacilou na cadeira, e o Pastor Stockman tomou-o nos braços precisa-

mente quando ia caindo ao chão, e o deitou no sofá atrás do estrado, onde ficou sem forças até o sermão terminar.

Levantou-se então, com o rosto ainda pálido, mas resplendente com a luz do Sol da Justiça, e deu um testemunho muito impressionante. Parecia receber santa unção do alto. Ele tinha por costume falar vagarosamente, com uma maneira fervorosa, sem qualquer agitação. Nessa ocasião, suas palavras, solenes e comedidas, traziam consigo um novo poder.

Relatou sua experiência com tal simplicidade e candura, que muitos dos que antes haviam tido preconceito foram tocados até chorar. Sentia-se a influência do Espírito Santo em suas palavras, e via-se em seu rosto. Com santa exaltação, declarou ousadamente que havia tomado a Palavra de Deus como sua conselheira; que se lhes haviam dissipado as dúvidas e confirmado a fé. Com fervor convidou seus irmãos os ministros, os membros da igreja, os pecadores e incrédulos para examinarem a Bíblia por si mesmos, e insistiu que não deixassem ninguém afastá-los do propósito de descobrir a verdade.

Ao terminar ele de falar, os que desejavam as orações do povo de Deus foram convidados a se levantar. Centenas atenderam ao convite. O Espírito Santo repousava sobre a assembléia. O Céu e a erra pareciam aproximar-se. A reunião durou até avançada hora da noite. O poder do Senhor foi sentido sobre jovens, adultos e idosos.

O irmão Brown não se desligou então nem mais tarde da Igreja Cristã, mas seus seguidores lhe tiveram sempre grande respeito. [47]

Feliz expectativa

Ao voltarmos para casa por vários caminhos, ouvia-se de uma direção uma voz louvando a Deus, e, como que em resposta, vozes de um, outro e de mais outro lado bradavam: “Glória a Deus, o Senhor reina!” Os homens recolhiam-se a casa com louvores nos lábios, e aquele som alegre repercutia pelo ar silencioso da noite. Ninguém que haja assistido a essas reuniões poderá jamais esquecer aquelas cenas do mais profundo interesse.

Aqueles que amam sinceramente a Jesus podem apreciar os sentimentos dos que aguardavam com o mais intenso anelo a vinda de seu Salvador. Aproximava-se o dia em que era esperado. Pouco

faltava para que chegasse o momento em que esperávamos encontrá-Lo. Aproximávamo-nos dessa hora com tranqüila solenidade. Os verdadeiros crentes permaneciam em doce comunhão com Deus — um prelúdio da paz que esperavam desfrutar no brilhante além. Ninguém que haja experimentado essa esperança e confiança, poderá jamais esquecer essas preciosas horas de expectativa.

As ocupações mundanas na maior parte foram abandonadas durante algumas semanas. Cuidadosamente examinávamos todo pensamento e emoções do coração, como se estivéssemos em nosso leito de morte, e devêssemos em poucas horas fechar para sempre os olhos para as cenas terrestres. Não se fizeram para aquele grande acontecimento "roupa para ascensão". Sentíamos a necessidade de uma prova íntima de que estávamos preparados para encontrar a Cristo, e de que os nossos vestidos brancos eram a pureza de alma, o caráter purificado do pecado pelo sangue expiatório de nosso Salvador.

Dias de perplexidade

O tempo de expectação, porém, passou. Esta foi a primeira prova severa a que foram submetidos os que criam e esperavam que Jesus viesse nas nuvens do céu. Grande foi o desapontamento do [48] povo expectante de Deus. Os escarnecedores estavam triunfantes, [49] e ganharam para as suas fileiras os fracos e covardes. Alguns que aparentavam possuir fé verdadeira pareciam ter sido influenciados apenas pelo medo; e, com a passagem do tempo, recobravam ânimo, e audazmente se uniam aos escarnecedores, declarando que nunca haviam sido iludidos de modo a crer realmente na doutrina de Miller, que era um fanático doido. Outros, mais acomodados ou vacilantes, abandonaram a causa sem dizer palavra.

Estávamos perplexos e desapontados, contudo não renunciávamos à nossa fé. Muitos ainda se apegavam à esperança de que Jesus não demoraria muito Sua vinda; a palavra do Senhor era certa e não podia falhar. Sentíamos que havíamos cumprido nosso dever, que tínhamos vivido de acordo com nossa preciosa fé; fôramos desapontados, mas não desanimados. Os sinais dos tempos denotavam que o fim de todas as coisas estava às portas; precisávamos vigiar e conservar-nos de prontidão para a vinda do Mestre em qualquer

tempo, aguardando, confiantes e esperançosos, sem deixar de reunir-nos para nos instruir, animar e consolar, a fim de que nossa luz pudesse resplandecer nas trevas do mundo.

Um erro na contagem

Nosso cálculo do tempo profético era tão simples e claro que mesmo as crianças o poderiam compreender. A contar da data do decreto do rei da Pérsia como se encontra no Capítulo 7 de Esdras, o qual foi baixado no ano 457 antes de Cristo, supunha-se que os 2.300 anos de Daniel 8:14 terminariam em 1843. De acordo com isso aguardávamos a vinda do Senhor no fim desse ano. Ficamos tristemente desapontados quando o ano passou completamente, e o Salvador não veio. [50]

Não se percebeu a princípio que, se o decreto não tivesse sido baixado no princípio do ano 457 a.C., os 2.300 anos não se completariam no fim de 1843. Verificou-se, porém, que o decreto fora emitido próximo do final do ano 457 a.C., e, portanto, o período profético deveria atingir o outono do ano 1844. Por conseguinte, a visão do tempo não tardara, posto que houvesse parecido assim ser. Aprendemos a confiar na linguagem do profeta: "A visão é ainda para o tempo determinado, e até o fim falará, e não mentirá: se tardar, espera-o, porque certamente virá, não tardará." Habacuque 2:3.

Deus experimentou e provou o Seu povo com a passagem do tempo em 1843. O erro cometido na contagem dos períodos proféticos não foi logo descoberto, mesmo por homens instruídos que se opunham às opiniões dos que esperavam a vinda de Cristo. Os doutos declaravam que o Sr. Miller estava certo em seu cálculo relativo ao tempo, conquanto discordassem dele no tocante ao acontecimento que viria coroar aquele período. Todavia eles, bem como o povo expectante de Deus, estavam em erro comum relativamente ao tempo.

Aqueles que ficaram desapontados não foram por muito tempo deixados em trevas; pois, pesquisando os períodos proféticos com oração fervorosa, foi descoberto o erro, assim como delinear do lápis profético através do tempo de espera. Na alegre expectativa da vinda de Cristo, a demora aparente da visão não fora tomada em consideração, por isso ocorre uma triste e inesperada surpresa.

Contudo, essa mesma prova foi necessária para alentar e fortalecer na verdade os crentes sinceros.

Esperanças renovadas

Nossas esperanças centralizaram-se então na vinda do Senhor em 1844. Esse era também o tempo para a mensagem do segundo [51] anjo, que, voando pelo meio do céu, clamou: "Caiu, caiu Babilônia, aquela grande cidade." Apocalipse 14:8. Aquela mensagem foi pela primeira vez proclamada pelos servos de Deus no verão de 1844 e, como resultado dela, muitos abandonaram as igrejas caídas. Em conexão com essa mensagem deu-se o "clamor da meia-noite."* "Aí vem o esposo, saí-Lhe ao encontro." Mateus 25:6. Em toda parte do país, raiou a luz no tocante a essa mensagem e o clamor despertou a milhares. Foi de cidade a cidade, de aldeia a aldeia, às mais afastadas regiões do país. Atingiu os cultos e talentosos, bem como os obscuros e humildes.

Esse foi o ano mais feliz de minha vida. Meu coração transbordava de alegre expectativa; mas sentia grande dó e ansiedade pelos que se achavam desanimados e não tinham esperança em Jesus. Unimo-nos, como um só povo, em fervorosa oração para alcançar [52] uma verdadeira experiência e inequívoca prova de nossa aceitação da parte de Deus.

Uma prova de fé

Necessitávamos de grande paciência, pois os escarnecedores eram muitos. Éramos freqüentemente abordados com irônicas referências ao nosso desapontamento anterior. As igrejas ortodoxas usaram de todos os meios para impedir que se propagasse a crença na próxima vinda de Cristo. Nas suas reuniões não se dava liberdade àqueles que costumavam mencionar sua esperança na próxima vinda de Jesus. Os que professavam amar a Jesus escarnecedoramente rejeitavam as boas novas de que Aquele que diziam ser o seu melhor Amigo, devesse logo visitá-los. Estavam agitados e enraivecidos contra os que proclamavam as novas de Sua vinda e se regozijavam de muito breve contemplá-Lo em glória.

---

*Ver Mateus 25:1-3.

Um período de preparo

Cada momento me parecia ser da máxima importância. Eu pressentia que estávamos trabalhando para a eternidade, e que os descuidosos e indiferentes se achavam no maior perigo. Nada me obscurecia a fé, e eu me apegava às preciosas promessas de Jesus. Ele dissera a Seus discípulos: "Pedi, e recebereis." João 16:24. Eu cria firmemente que todo pedido de acordo com a vontade de Deus certamente me seria concedido. Prostrei-me humildemente aos pés de Jesus, com o coração em harmonia com a Sua vontade.

Muitas vezes visitava famílias e empenhava-me em fervorosa oração com aqueles que estavam oprimidos por temores e desânimo. Minha fé era tão forte que nunca duvidava, um momento que fosse, de que Deus atendesse as minhas orações. Sem uma única [53] exceção, fruíamos a bênção e paz de Jesus em resposta às nossas humildes petições, e luz e alegria animavam o coração dos que antes desesperavam.

Com diligente exame de consciência e humildes confissões, chegamos devotamente ao tempo da expectação. Todas as manhãs sentíamos que nosso primeiro trabalho era assegurar-nos de que nossa vida estava reta diante de Deus. Compreendíamos que se não estivéssemos progredindo em santidade, estaríamos certamente retrocedendo. Aumentava o nosso interesse de uns para com os outros; orávamos muito, conjuntamente, e uns pelos outros. Congregávamo-nos nos pomares e bosques para ter comunhão com Deus e dirigir-Lhe nossas petições, sentindo nós mais completamente Sua presença quando rodeados por Suas obras naturais. As alegrias da salvação nos eram mais necessárias do que a comida e a bebida. Se nuvens nos obscureciam o espírito, não ousávamos repousar ou dormir antes [54] que fossem varridas pela certeza de que éramos aceitos pelo Senhor.

A passagem do tempo

O povo expectante de Deus aproximava-se da hora em que estremecidamente esperava suas alegrias se completassem na vinda do Salvador. Mas de novo passou o tempo, sem qualquer demonstração do advento de Jesus. Foi amargo o desapontamento que atingiu o pequeno rebanho, cuja fé tinha sido tão forte, e tão elevada a esperança.

Estávamos, porém, surpresos de que nos sentíssemos tão livres no Senhor, e tão fortemente fôssemos amparados por Sua força e graça.

A experiência do ano anterior, contudo, repetira-se em maior proporção. Grande número de pessoas renunciara a sua fé. Alguns que tinham sido muito confiantes, ficaram tão profundamente feridos em seu orgulho, que queriam como que fugir do mundo. Como Jonas, queixavam-se de Deus, e preferiam a morte à vida. Os que haviam baseado sua fé na evidência de outrem, e não na Palavra de Deus, estavam de novo prontos para mudar de opinião.

Ficamos desapontados, mas não desanimados. Resolvemos refrear-nos da murmuração naquela severa prova pela qual o Senhor nos estava purificando das escórias e refinando-nos como o ouro no fogo; resolvemos submeter-nos pacientemente ao processo de purificação que Deus julgava necessário para nós, e aguardar com paciente esperança que o Salvador remisse Seus filhos provados e fiéis.

Estávamos firmes na crença de que a pregação do tempo definido era de Deus. Foi isso que levou os homens a examinar a Bíblia diligentemente, descobrindo verdades que antes não haviam percebido. Jonas foi mandado por Deus para proclamar nas ruas de Nínive [55] que dentro de quarenta dias a cidade seria subvertida; Deus, porém, aceitou a humilhação dos ninivitas, e lhes prolongou o período de graça. Contudo, a mensagem que Jonas levara, foi enviada por Deus. Nínive foi provada de acordo com Sua vontade. O mundo olhava para a nossa esperança como uma ilusão, e nosso desapontamento como o seu conseqüente malogro; entretanto, ainda que estivéssemos errados quanto ao que deveria ocorrer naquele período, não havia em realidade falta de cumprimento na visão que parecia tardar.

Aqueles que tinham esperado a vinda do Senhor não estavam sem consolação. Haviam obtido valioso conhecimento da pesquisa da Palavra. O plano da salvação estava mais claro em sua compreensão. Cada dia descobriam novas belezas nas páginas sagradas, e uma maravilhosa harmonia através delas todas, um texto explicando outro e não havendo nenhuma palavra empregada em vão. [56]

Nosso desapontamento não foi tão grande como o dos discípulos. Quando o Filho do homem cavalgava triunfantemente para Jerusalém, esperavam que Ele fosse coroado Rei. O povo se ajuntava de toda a região em redor, e exclamava: “Hosana ao filho de Davi!”

Mateus 21:9. E quando os sacerdotes e anciãos pediram a Jesus que silenciasse a multidão, Ele declarou que, se eles se calassem, as mesmas pedras clamariam, pois a profecia deveria cumprir-se. Não obstante, dentro de poucos dias esses mesmos discípulos viram seu amado Mestre, que acreditavam iria reinar no trono de Davi, estendido na torturante cruz, por sobre os fariseus zombadores e sarcásticos. Suas elevadas esperanças foram frustradas, e as trevas da morte os cercaram. Todavia Cristo estava sendo fiel às Suas promessas. Doce foi a consolação que proporcionou a Seu povo, e rica a recompensa dos verdadeiros e fiéis.

O Sr. Miller e os que com ele se achavam supuseram que a purificação do santuário, de que fala Daniel 8:14, significava a purificação da Terra pelo fogo antes de se tornar a habitação dos santos. Isso deveria ocorrer por ocasião do segundo advento de Cristo; portanto, esperávamos aquele acontecimento no fim dos 2.300 dias-anos. Depois de nosso desapontamento, porém, as Escrituras foram cuidadosamente pesquisadas, com oração e fervor; e após um período de indecisão derramou-se luz em nossas trevas; a dúvida e a incerteza foram varridas.

Em vez de a profecia de Daniel 8:14 referir-se à purificação da Terra, era então claro que se referia ao trabalho de nosso Sumo Sacerdote a encerrar-se nos Céus, à conclusão da obra expiatória, e ao preparo do povo para suportar o dia de Sua vinda. [57]

Capítulo 6 — Minha primeira visão

Não muito tempo depois da passagem do tempo em 1844, foi-me concedida a primeira visão. Estava em Portland, em visita à Sra. Haines, irmã em Cristo, cujo coração estava enlaçado ao meu. Cinco de nós, todas mulheres, estávamos ajoelhadas silenciosamente no culto da família. Enquanto estávamos orando, o poder de Deus me sobreveio como nunca o havia sentido antes.

Parecia estar cercada de luz, e achar-me subindo mais e mais alto da Terra. Voltei-me para ver o povo do advento no mundo, mas não o pude achar, quando uma voz me disse: "Olha novamente, e olha um pouco mais para cima." Com isso, olhei mais para o alto e vi um caminho reto e estreito, levantado em um lugar elevado do mundo. O povo do advento estava nesse caminho, a viajar para a cidade que se achava na sua extremidade mais afastada. Tinham uma luz brilhante colocada por trás deles no começo do caminho, a qual um anjo me disse ser o "clamor da meia-noite." Mateus 25:6. Essa luz brilhava em toda a extensão do caminho, e proporcionava claridade para seus pés, para que não tropeçassem.

Se conservavam o olhar fixo em Jesus, que Se achava precisamente diante deles, guiando-os para a cidade, estavam seguros. Mas logo alguns ficaram cansados, e disseram que a cidade estava muito longe e esperavam ter entrado nela antes. Então Jesus os animava, levantando Seu glorioso braço direito; e de Seu braço saía uma luz que incidia sobre o povo do advento, e eles clamavam: "Aleluia!" Outros temerariamente negavam a existência da luz atrás deles e diziam que não fora Deus quem os guiara tão longe. A luz atrás deles desaparecia, deixando-lhes os pés em densas trevas; de modo que tropeçavam e, perdendo de vista o sinal e a Jesus, caíam do caminho para baixo, no mundo tenebroso e ímpio. [58]

Logo ouvimos a voz de Deus semelhante a muitas águas, a qual nos anunciou o dia e a hora da vinda de Jesus. Os santos vivos, em número de 144.000, reconheceram e entenderam a voz, ao passo que os ímpios julgaram fosse um trovão ou terremoto. Ao declarar Deus

o tempo, verteu sobre nós o Espírito Santo, e nosso rosto brilhou com esplendor da glória de Deus como aconteceu com Moisés, na descida do Monte Sinai.

Os 144.000 estavam todos selados e perfeitamente unidos. Em sua testa estava escrito: “Deus, Nova Jerusalém”, e tinham uma estrela gloriosa que continha o novo nome de Jesus. Por causa de nosso estado feliz e santo, os ímpios enraiveceram-se e arremeteram violentamente para lançar mão de nós, a fim de lançar-nos à prisão, quando estendemos a mão em nome do Senhor e eles caíram indefesos ao chão. Foi então que a sinagoga de Satanás conheceu que Deus nos havia amado a nós, que lavávamos os pés uns aos outros e saudávamos os irmãos com ósculo santo; e adoraram a nossos pés.

Logo nossos olhares foram dirigidos ao Oriente, pois aparecera uma nuvenzinha aproximadamente do tamanho da metade da mão de um homem, a qual todos soubemos ser o sinal do Filho do homem. Todos em silêncio solene olhávamos a nuvem que se aproximava e tornava mais e mais clara e esplendente, até converter-se numa grande nuvem branca. A parte inferior tinha aparência de fogo; o arco-íris estava sobre a nuvem, enquanto em redor dela se achavam dez milhares de anjos, entoando um cântico agradabilíssimo; e sobre ela estava sentado o Filho do homem. Os cabelos, brancos e anelados, caíam-Lhe sobre os ombros; e sobre a cabeça tinha muitas coroas. Os pés tinham a aparência de fogo; em Sua destra trazia uma foice [59] aguda e na mão esquerda, uma trombeta de prata. Seus olhos eram como chamas de fogo, que profundamente penetravam Seus filhos. Todos os rostos empalideceram; e o daqueles a quem Deus havia rejeitado se tornaram negros. Todos exclamamos então: “Quem poderá estar em pé? Estão as minhas vestes sem mancha?” Então os anjos cessaram de cantar, e houve algum tempo de terrível silêncio, quando Jesus falou: “Aqueles que têm mãos limpas e coração puro serão capazes de estar em pé; Minha graça vos basta.” Com isso nosso rosto se iluminou e encheu de alegria o coração. E os anjos tocaram mais fortemente e tornaram a cantar, enquanto a nuvem mais se aproximava da Terra.

Então a trombeta de prata de Jesus soou, ao descer Ele sobre a nuvem, envolto em labaredas de fogo. Olhou para as sepulturas dos santos que dormiam, ergueu então os olhos e mãos ao céu, e exclamou: “Despertai e exultai, vós que habitais no pó.” Isaías 26:19.

Houve um forte terremoto. As sepulturas se abriram, e os mortos saíram revestidos de imortalidade. Os 144.000 clamaram "Aleluia!", quando reconheceram os amigos que deles tinham sido separados pela morte, e no mesmo instante fomos transformados e arrebatados juntamente com eles para encontrar o Senhor nos ares.

Todos nós entramos juntos na nuvem, e estivemos sete dias ascendendo para o mar de vidro, aonde Jesus trouxe as coroas, e com Sua própria destra as colocou sobre nossa cabeça. Deu-nos harpas de ouro e palmas de vitória. Ali, sobre o mar de vidro, os 144.000 ficaram em quadrado perfeito. Alguns deles tinham coroas muito brilhantes; outros, não tanto. Algumas coroas pareciam repletas de estrelas, ao passo que outras tinham poucas. Todos estavam perfeitamente satisfeitos com sua coroa. E todos estavam vestidos com um glorioso manto branco, dos ombros aos pés. Havia anjos de todos os [60] lados em redor de nós quando caminhávamos sobre o mar de vidro em direção à porta da cidade. Jesus levantou o potente e glorioso braço, segurou o portal de pérolas, fê-lo girar sobre seus luzentes gonzos e nos disse: "Lavastes vossas vestes em Meu sangue, permanecestes firmes pela Minha verdade; entrai." Todos entramos e sentíamos ter perfeito direito à cidade.

Ali vimos a árvore da vida e o trono de Deus. Do trono provinha um rio puro de água, e de cada lado do rio estava a árvore da vida. De um lado do rio havia um tronco da árvore, e do outro lado outro, ambos de ouro puro e transparente. A princípio pensei que via duas árvores. Olhei outra vez e vi que elas se uniam em cima numa só árvore. Assim estava a árvore da vida em ambos os lados do rio da vida. Seus ramos curvavam-se até o lugar em que nos achávamos, e seu fruto era esplêndido; tinha o aspecto de ouro, de mistura com prata. [61]

Todos nós fomos debaixo da árvore, e sentamo-nos para contemplar o encanto daquele lugar, quando os irmãos Fitch e Stockman, que tinham pregado o evangelho do reino, e a quem Deus depusera na sepultura para os salvar, se achegaram e nos perguntaram o que acontecera enquanto eles haviam dormido. Tentamos lembrar nossas maiores provações, mas pareciam tão pequenas em comparação com o peso eterno de glória mui excelente que nos rodeava, que nada pudemos dizer-lhes, e todos exclamamos — "Aleluia! muito fácil é

adquirir o Céu!" — e tangemos nossas gloriosas harpas e fizemos com que as arcadas do Céu reboassem.

Depois de voltar da visão, tudo parecia mudado; tristeza envolvia tudo que eu contemplava. Oh! quão tenebroso me parecia este mundo! Chorei quando me achei aqui, e senti saudades. Eu vira um mundo melhor, que depreciara este para mim.

Relatei esta visão aos crentes em Portland, que creram plenamente provir de Deus. Todos achavam que Deus escolhera esse meio, depois do grande desapontamento de outubro, para consolar e fortalecer o Seu povo. O Espírito do Senhor acompanhava o testemunho e éramos impressionados com a transcendência da eternidade. Enchia-me um temor indizível de que, tão jovem e fraca, houvesse sido escolhida como instrumento pelo qual Deus outorgaria luz a Seu povo. Enquanto me achava sob o poder do Senhor, eu estava cheia de alegria, parecendo estar rodeada de santos anjos nas cortes gloriosas do Céu, onde tudo é paz e contentamento. Triste e amarga [62] mudança foi o despertar-me para as realidades da vida mortal.

Capítulo 7 — Visão da nova terra*

Com Jesus a nossa frente, descemos todos da cidade para a Terra, sobre uma grande e íngreme montanha que, incapaz de suportar a Jesus sobre si, se partiu em duas, formando uma grande planície. Olhamos então para cima e vimos a grande cidade, com doze fundamentos, e doze portas, três de cada lado, e um anjo em cada porta. Todos exclamamos: "A cidade, a grande cidade, vem, vem de Deus descendo do Céu", e ela veio e se pôs no lugar em que nos achávamos.

Pusemo-nos então a observar as coisas gloriosas fora da cidade. Vi ali casas belíssimas, que tinham a aparência de prata, apoiadas por quatro colunas entremeadas de pérolas preciosas, muito agradáveis à vista. Destinavam-se à habitação dos santos. Em cada uma havia uma prateleira de ouro. Vi muitos dos santos entrarem nas casas, tirarem sua coroa resplandecente, e pô-la na prateleira, saindo então para o campo ao lado das casas, para lidar com a terra. Não como temos de fazer com a terra aqui. Absolutamente. Uma gloriosa luz lhes resplandecia em redor da cabeça, e estavam continuamente louvando a Deus.

Vi outro campo repleto de todas as espécies de flores, e, quando as apanhei, exclamei: "Elas nunca murcharão." Em seguida vi um campo de relva alta, cujo belíssimo aspecto causava admiração; era uma vegetação viva, e tinha reflexos de prata e ouro quando magnificamente se agitava para glória do Rei Jesus. Entramos então num campo cheio de todas as espécies de animais: leão, cordeiro, leopardo, lobo. Todos em perfeita união. Passamos pelo meio deles, [63] e pacificamente nos acompanharam. Dali entramos num bosque, não como os escuros bosques que aqui temos, não, absolutamente, mas claro e por toda parte glorioso. Os ramos das árvores agitavam-se

*Por ocasião de outra visita à casa da Sr. Haynes, aproximadamente um ano depois da primeira visão, foi concedida à Srta. Harmon uma visão da Nova Terra e da descida da santa cidade, o que ocorrerá no fim do milenio, após o segundo advento de Cristo. Apocalipse 21:10-17; Zacarias 14:4.

de um lado para outro lado, e todos exclamamos: “Moraremos com segurança na solidão, e dormiremos nos bosques.” Atravessamos os bosques, pois estávamos a caminho do Monte Sião.

No trajeto, encontramos uma multidão que também contemplava as belezas do lugar. Notei a cor vermelha na borda de suas vestes, o brilho das coroas e a alvura puríssima dos vestidos. Quando os saudamos, perguntei a Jesus quem eram eles. Disse que eram mártires que, por Sua causa, haviam sido mortos. Com eles estava uma inumerável multidão de crianças que tinham também uma orla vermelha em suas vestes.

O Monte Sião estava exatamente diante de nós, e sobre o monte um belo templo, em cujo redor havia sete outras montanhas, sobre as quais cresciam rosas e lírios. E vi as crianças subirem ou, se o preferiam, fazer uso de suas pequenas asas e voar ao cimo das montanhas e apanhar flores que nunca murcharão. Para embelezar o lugar, havia em redor do templo todas as espécies de árvores: o buxo, o pinheiro, o cipreste, a oliveira, o mirto, a romãzeira e a figueira curvada ao peso de seus figos maduros. Elas embelezavam aquele local. E quando estávamos para entrar no santo templo, Jesus levantou Sua bela voz e disse: “Somente os 144.000 entram neste lugar”, e nós exclamamos: “Aleluia!”

Esse templo era apoiado por sete colunas, todas de ouro transparente, engastadas de pérolas belíssimas. As maravilhosas coisas que ali vi, não as posso descrever. Oh, se me fosse dado falar a língua de [64] Canaã, poderia então contar um pouco das glórias do mundo melhor. Vi lá mesas de pedra, em que estavam gravados com letras de ouro os nomes dos 144.000.

Depois de contemplar a beleza do templo, saímos, e Jesus nos deixou e foi à cidade. Logo Lhe ouvimos de novo a delicada voz, dizendo: “Vinde, povo Meu; viestes da grande tribulação, e fizestes Minha vontade; sofrestes por Mim; vinde à ceia, pois Eu Me cingirei e vos servirei.” Nós exclamamos: “Aleluia! Glória!” e entramos na cidade.

E vi uma mesa de pura prata; tinha muitos quilômetros de comprimento, contudo nossos olhares podiam alcançá-la toda. Vi o fruto da árvore da vida, o maná, amêndoas, figos, romãs, uvas e muitas outras espécies de frutas.

Pedi a Jesus que me deixasse comer do fruto. Disse Ele: “Agora não. Os que comem do fruto deste lugar, não mais voltam à Terra. Mas, dentro em pouco, se fores fiel, não somente comerás do fruto da árvore da vida mas beberás também da água da fonte.” E disse: “Deves novamente voltar à Terra, e relatar a outros o que te revelei.” Então um anjo me trouxe mansamente a este mundo escuro. [65]

Capítulo 8 — Chamado para viajar

Em minha segunda visão, cerca de uma semana depois da primeira, o Senhor me apresentou uma perspectiva das provas por que eu iria passar, e disse-me que eu deveria ir relatar a outros o que Ele me havia revelado. Foi-me mostrado que meus trabalhos encontrariam grande oposição, e meu coração seria ferido pela angústia; mas a graça de Deus seria suficiente para amparar-me em tudo.

Depois que voltei dessa visão, fiquei imensamente perturbada, pois ela indicava o meu dever de ir entre o povo e apresentar a verdade. Eu tinha a saúde tão debilitada que constantemente me encontrava em sofrimento físico, e pelas aparências, não tinha senão pouco tempo de vida. Eu tinha, então, apenas dezessete anos de idade, era pequena e franzina, não acostumada à sociedade, e naturalmente tão tímida e reservada que era penoso para mim enfrentar estranhos.

Durante vários dias e até tarde da noite, orei para que este encargo fosse removido de mim e posto sobre alguém mais capaz de o suportar. Não se me alterou, porém, a consciência do dever, e soavam-se continuamente aos ouvidos as palavras do anjo: "Toma conhecido a outros o que te revelei."

Até então, quando o Espírito de Deus comigo instava a respeito do meu dever, eu me dominava, esquecendo todo receio e timidez, pelo pensamento do amor de Jesus e da obra maravilhosa que Ele por mim fizera.

Parecia-me, porém, impossível realizar esse trabalho que me era apresentado. Achava que, se tentasse, seria fracasso certo. As provações que o acompanhariam me aparentavam ser mais do que poderia suportar. Como poderia eu, ainda tão jovem, sair de um lugar para outro, para explicar ao povo as santas verdades de Deus? Meu coração estremecia de terror àquele pensamento. [66] Meu irmão Roberto, apenas dois anos mais velho do que eu, não poderia acompanhar-me, pois era de saúde fraca, e sua timidez maior do que a minha; nada o poderia induzir a dar semelhante passo. Meu pai tinha a família para

sustentar e não poderia abandonar suas ocupações; mas repetidas vezes me afirmava que se Deus me havia chamado para trabalhar noutros lugares, não deixaria de abrir o caminho para mim. Mas essas palavras de animação pouco conforto traziam ao meu desalentado coração; o caminho diante de mim parecia obstruído com dificuldades que eu era incapaz de superar.

Eu desejava a morte como livramento das responsabilidades que sobre mim convergiam. Finalmente a doce paz que havia tanto tempo eu sentia, deixou-me, e o desespero novamente me oprimia a alma.

Animação recebida dos irmãos

O grupo de crentes de Portland ignorava a preocupação de espírito que me prostrara nesse estado de desânimo; mas sabiam que por qualquer razão eu estava abatida e, considerando a maneira misericordiosa como o Senhor Se manifestara a mim, opinavam que esse meu desalento era pecaminoso. Realizavam-se reuniões em casa de meu pai, mas tão grande era a minha angústia de espírito, que a elas não assisti por algum tempo. Meu fardo tornava-se mais e mais pesado, até que minha agonia de espírito parecia ser superior às minhas forças.

Finalmente fui induzida a comparecer a uma das reuniões em minha própria casa. A igreja fez de meu caso um assunto especial de oração. O irmão Pearson que se opusera às manifestações do poder de Deus sobre mim nas minhas primeiras experiências, orava agora fervorosamente por mim e me aconselhava a submeter-me à vontade do Senhor. Como um pai carinhoso procurava animar-me [67] e consolar-me, convidando-me a crer que não fora esquecida pelo Amigo dos pecadores.

Eu me sentia demasiadamente fraca e desanimada para fazer por mim mesma qualquer esforço especial; mas meu coração se unia às petições de meus amigos. Agora eu pouco me incomodava com a oposição do mundo, e sentia-me disposta a fazer qualquer sacrifício, se tão-somente pudesse reaver o favor de Deus.

Enquanto se fazia oração por mim, para que o Senhor me desse força e ânimo para levar a mensagem, dissiparam-se as densas trevas que me haviam rodeado, e uma súbita luz veio sobre mim. Alguma

coisa que me pareceu semelhante a uma bola de fogo, bateu-me exatamente sobre o coração, e caí ao chão, desfalecida. Pareceu-me estar na presença dos anjos. Um destes seres santos, de novo repetiu as palavras: "Torna conhecido a outros o que te revelei."

O irmão Pearson, que não podia ajoelhar-se por causa de seu reumatismo, testemunhou essa ocorrência. Quando me reanimei suficientemente para ver e ouvir, ele se levantou de sua cadeira e disse: "Vi uma cena tal como jamais esperaria ver. Uma bola de fogo desceu do céu e bateu na irmã Ellen Harmon exatamente sobre o coração. Eu vi! eu vi! Nunca o esquecerei. Isso transformou todo o meu ser. Irmã Ellen, tenha ânimo no Senhor. Desde esta noite nunca mais duvidarei. Doravante nós a ajudaremos, e não a desanimaremos."

O receio da exaltação própria

Oprimia-me o grande receio de que, se eu obedecesse ao chamado do dever e fosse declarar-me favorecida do Altíssimo com [68] visões e revelações para o povo, pudesse entregar-me à exaltação pecaminosa, e elevar-me acima da posição que me cumpria ocupar, bem como trazer sobre mim o desagrado de Deus e perder a própria alma. Eu sabia de casos tais, e meu coração confrangia-se ante a severa prova.

Supliquei então que, se eu devesse ir relatar o que o Senhor me mostrara, fosse preservada de exaltação. Disse o anjo: "Tuas orações são ouvidas e serão atendidas. Se esse mal que receias te ameaçar, a mão de Deus estará estendida para salvar-te; por meio de aflições Ele te trará a Si, e preservará tua humildade. Apresenta a mensagem fielmente; resiste até ao fim, e comerás do fruto da árvore da vida e beberás da água da vida."

Depois de readquirir consciência das coisas terrestres, entreguei-me ao Senhor, pronta para cumprir Sua ordem, fosse qual fosse.

Entre os crentes do Maine

Depois de não muito tempo o Senhor abriu o caminho para eu ir com meu cunhado visitar minhas irmãs em Portland, quarenta e cinco quilômetros distante de casa. Enquanto estava ali, tive oportunidade

de dar meu testemunho. Por três meses eu tivera a garganta e os pulmões tão doentes que apenas podia falar pouco, e isso mesmo em tom baixo e rouco. Nessa ocasião levantava-me em reunião e começava a falar como em cochicho. Continuava assim por uns cinco minutos, quando aquele estado de sensibilidade e obstrução passava, minha voz ficava clara e forte, e eu falava com toda a facilidade e liberdade por quase duas horas. Terminada a minha mensagem, enfraquecia-se-me a voz até que de novo me achasse perante o povo, quando a mesma singular restauração se repetia. Eu sentia uma constante certeza de que estava fazendo a vontade de Deus, e via assinalados resultados acompanhando meus esforços. [69]

Providencialmente o caminho abriu-se para eu ir à parte oriental do Estado do Maine. O irmão Guilherme Jordan, acompanhado de sua irmã, devia ir a negócios a Orrington, e foi-me solicitado ir com eles. Como eu prometera ao Senhor andar no caminho que Ele abrisse diante de mim, não ousei recuar. O Espírito de Deus acompanhou a mensagem que eu levei àquele lugar; corações alegraram-se na verdade, e os desanimados foram consolados, dispondo-se a renovar sua fé.

Em Orrington encontrei o Pastor Tiago White. Ele era conhecido de meus amigos, e estava empenhado no trabalho da salvação de almas.

Também visitei Garland, onde uma grande congregação se reuniu, vinda de vários lugares para ouvir minha mensagem.

Logo depois disso fui a Exeter, pequena aldeia não longe de Garland. Ali senti um pesado fardo, de que não me pude livrar antes que relatasse o que me havia sido mostrado, concernente a algumas pessoas fanáticas que estavam presentes. Declarei que estavam enganadas pensando que eram influenciadas pelo Espírito de Deus. Meu testemunho foi muito desagradável para essas pessoas e para os que com elas simpatizavam.

Em seguida voltei a Portland, tendo dado o testemunho que Deus me confiara, e experimentado Sua aprovação em cada passo.

Uma oração atendida

Na primavera de 1845, fiz uma visita a Topsham, Maine. Certa ocasião vários de nós nos reuníramos em casa do irmão Stockbridge

Howland. Sua filha mais velha, a Srta. Frances Howland, muitíssimo minha amiga, estava atacada de febre reumática, e sob cuidados médicos. Suas mãos estavam tão terrivelmente inchadas que não se podiam distinguir as juntas. Quando, sentados, falamos de seu caso, [70] o irmão Howland foi interrogado se tinha fé que sua filha poderia [71] ser curada em resposta à oração. Respondeu que procuraria crer que sim, e imediatamente declarou que cria ser possível.

Ajoelhamo-nos todos em oração fervorosa a Deus em favor dela. Invocamos a promessa: "Pedi, e recebereis." João 16:24. A bênção de Deus acompanhou as nossas orações, e tivemos a certeza de que Deus desejava curar a enferma. Um dos irmãos presentes exclamou: "Há aqui uma irmã que tenha fé para tomá-la pela mão e mandar que, em nome do Senhor, se levante?"

A irmã Frances estava deitada no quarto de cima, e antes que ele acabasse de falar, a irmã Curtis já se dirigia à escada. Entrou no quarto da enferma, com o Espírito de Deus sobre si, e tomando a doente pela mão, disse: "Irmã Frances, em nome do Senhor, levante-se e sare." Nova vida atravessou as veias da jovem enferma, fé santa se apoderou dela e, obedecendo-lhe aos impulsos, levantou-se do leito, ficou em pé, e andou pelo quarto, louvando a Deus pelo seu restabelecimento. Vestiu-se logo, e, com o rosto iluminado de indizível alegria e gratidão, desceu à sala em que estávamos reunidos.

Na manhã seguinte almoçou conosco. Logo depois, enquanto o Pastor White lia o quinto capítulo de Tiago, para o culto familiar, chegou o médico ao vestíbulo, e como de costume subiu as escadas para visitar sua cliente. Não a achando ali, desceu à pressa e, com expressão de espanto, abriu a porta da grande cozinha onde estávamos todos sentados, inclusive sua paciente. Olhou para ela com [72] admiração, e finalmente proferiu: "Então Frances, está melhor!"

O irmão Howland respondeu: "O Senhor a curou", e o que lia reatou a leitura do capítulo, no ponto em que fora interrompida: "Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e orem sobre ele." Tiago 5:14. O médico escutou com expressão curiosa, misto de espanto e incredulidade, meneou a cabeça, e saiu precipitadamente.

No mesmo dia a irmã Frances andou a cavalo quatro quilômetros e meio, voltando para casa à noite; e, posto que estivesse chovendo,

não lhe adveio disso mal algum, e continuou melhorando rapidamente. Dentro de poucos dias, a seu pedido, foi levada à água e batizada. Conquanto o tempo e a água estivessem muito frios, não lhe sobreveio nenhum mal por isso e, pelo contrário, desde aquele tempo ficou livre da doença, e desfrutou saúde normal. [73]

Capítulo 9 — Defrontando o fanatismo

Quando voltei a Portland, havia evidências dos efeitos desoladores do fanatismo. Alguns pareciam crer que a religião consistia em grande exaltação e rumor. Costumavam falar de modo que irritava os incrédulos, e isso influía para se levantar ódio contra eles mesmos e as doutrinas que ensinavam. Então se regozijavam de que sofressem perseguição. Os incrédulos não podiam ver nenhuma coerência nesse procedimento. Nalguns lugares os crentes eram impedidos de celebrar seus cultos. Os inocentes sofriam com os culpados.

Grande parte do tempo eu tinha o coração triste e pesaroso. Parecia coisa cruel que a causa de Cristo devesse ser prejudicada pelo procedimento daqueles homens sem critério. Não somente estavam promovendo a ruína da própria alma, mas pondo sobre a causa um estigma difícil de ser removido. E Satanás, gostava que assim fosse. Convinha-lhe muito ver a verdade manejada por homens não santificados, vê-la misturada com erros, e então tudo juntamente pisado em terra. Olhava com triunfo ao estado de confusão e dispersão dos filhos de Deus.

Estremecíamos ao pensar nas igrejas que iriam ser submetidas a esse espírito de fanatismo. Meu coração condoía-se pelo povo de Deus. Deveriam eles ser enganados e transviados por esse falso entusiasmo? Fielmente proferia os avisos a mim dados pelo Senhor; mas pareciam produzir pouco efeito, exceto no tocante a tornar os extremistas invejosos de mim.

Falsa humildade

Alguns havia que professavam grande humildade, e advogavam [74] o arrastar-se no chão, quais crianças, como prova de humildade. Pretendiam que as palavras de Jesus em Mateus 18:1-6 devessem ter cumprimento literal neste período, em que esperavam a volta de seu Salvador. Costumavam arrastar-se em redor de suas casas, nas ruas, nas pontes e na própria igreja.

Eu lhes disse claramente que isso não era exigido; que a humildade que Deus esperava de Seu povo devia manifestar-se por uma vida semelhante à de Cristo, e não pelo arrastar-se no chão. Todas as coisas espirituais devem ser tratadas com santa dignidade. A humildade e mansidão estão de acordo com a vida de Cristo, mas devem mostrar-se de modo digno.

O cristão revela a verdadeira humildade, mostrando a brandura de Cristo, estando sempre pronto para auxiliar a outros, falando palavras amáveis e praticando atos desinteressados, o que eleva e enobrece a mais sagrada mensagem já vinda ao nosso mundo.

A doutrina do ócio

Havia alguns em Paris, Maine, que criam ser pecado trabalhar. O Senhor me entregou uma reprovação para o dirigente desse erro, na qual declarava que, abstendo-se do trabalho, propagando seus erros e condenando quem os não recebia, ele estava procedendo contrariamente à Palavra de Deus. Ele rejeitou todas as provas que o Senhor deu para convencê-lo de seu erro, e decidiu-se a não modificar sua maneira de proceder. Empreendeu cansativas viagens, caminhando grandes distâncias para lugares onde apenas receberia desacato, e pensava que assim sofria pela causa de Cristo. Prescindindo de razão e de juízo, obedecia a seus impulsos.

Vi que Deus trabalharia pela salvação de Seu povo: que esse homem desencaminhado logo se manifestaria de modo que todos [75] os honestos de coração veriam que não estava sendo influenciado pelo bom espírito, e que sua carreira breve terminaria. Logo depois se desfez o ardil, e pouca influência ele exerceu sobre os crentes. Atribuiu ao diabo a procedência de minhas visões, e continuou a seguir suas inclinações, até que perdeu o juízo e seus amigos foram obrigados a interná-lo num manicômio. Finalmente fez uma corda com roupa de cama, enforcando-se com ela, e seus seguidores foram levados a se compenetrar da falácia de seus ensinos.

A dignidade do trabalho

Deus ordenou que os seres por Ele criados, trabalhem. Disto depende sua felicidade. Ninguém no grande domínio da criação do

Senhor, foi feito para ser zangão. Nossa felicidade aumenta e nossa capacidade desenvolve-se ao nos empenharmos em ocupações úteis.

A ação proporciona energia. Perfeita harmonia prevalece no Universo de Deus. Todos os seres celestiais estão em constante atividade; e o Senhor Jesus, no trabalho de Sua vida, nos deu a todos um exemplo. Ele andou "fazendo o bem". Deus estabeleceu a lei da ação obediente. Silenciosos mas incessantes, os objetos de Sua criação fazem o seu trabalho designado. O oceano está em constante movimento. A relva que cresce, que hoje é, e amanhã é lançada no forno, desempenha o seu papel, vestindo o campo de beleza. As folhas movem-se, e, no entanto, não se vê mão alguma tocá-las. O Sol, a Lua e as estrelas são úteis e cumprem magnificamente sua missão.

A todo tempo funciona o mecanismo do corpo. Dia após dia o coração pulsa, efetuando a sua tarefa regular e determinada, forçando a corrente carmesim a ir a todas as partes do corpo. Atividade, [76] atividade é o que se vê permear todo mecanismo vivo. E o homem, com seu espírito e corpo criados à semelhança de Deus, deve ser ativo a fim de preencher o lugar que lhe foi designado. Não deve estar ocioso. A ociosidade é pecado.

Uma provação severa

Em plena experiência de minha luta contra o fanatismo, fui submetida a uma severa provação. Se o Espírito de Deus repousava sobre alguém na reunião, e esse glorificava a Deus, louvando-O, alguns levantavam o brado de mesmerismo; se o Senhor era servido dar-lhe uma visão na reunião, alguns diziam que era efeito da agitação e do mesmerismo.

Aflita e desanimada, eu ia muitas vezes sozinha a um lugar solitário para derramar a alma diante dAquele que convida os cansados e oprimidos para irem a Ele e encontrarem descanso. Enquanto minha fé requeria as promessas, Jesus parecia muito próximo. A suave luz do Céu brilhava em meu redor; parecia-me estar enlaçada pelos braços de meu Salvador e, ali, era arrebatada em visão. Mas quando relatava o que Deus me revelara, a mim sozinha, onde nenhuma influência terrestre poderia afetar-me, ficava aflita e espantada ao ouvir

alguns insinuarem que os que viviam mais perto de Deus estavam mais no caso de ser enganados por Satanás.

Alguns quiseram fazer-me crer que não havia Espírito Santo, e que todas as operações que os santos homens de Deus haviam experimentado, eram apenas o efeito do mesmerismo ou da operação de Satanás.

Aqueles que por certos textos das Escrituras haviam adotado opiniões extremistas, abstendo-se completamente do trabalho, e repelindo todos quantos não queriam aceitar suas idéias sobre este ou outros pontos concernentes a deveres religiosos, acusavam-me de me conformar com o mundo. De outro lado, os adventistas nominais acusavam-me de fanatismo, e eu era falsamente apresentada [77] como a dirigente do fanatismo, para cuja repressão eu trabalhava constantemente.

Diferentes ocasiões foram marcadas para a vinda do Senhor, e insistia-se a tal respeito com os irmãos. O Senhor, porém, mostrou-me que passariam, pois o tempo de angústia deveria ocorrer antes da vinda de Cristo; e que cada vez que se marcasse uma data, e esta passasse, isso enfraqueceria a fé do povo de Deus. Por esse motivo eu era acusada de ser o mau servo que dizia: "O meu Senhor tarde virá." Mateus 24:48.

Todas essas coisas me afligiam grandemente e, em minha confusão, era algumas vezes tentada a duvidar de minha própria experiência.

Enquanto numa manhã orávamos em família, o poder de Deus desceu sobre mim e, subitamente, ocorreu-me o pensamento de que era mesmerismo, e resisti. Imediatamente fui atacada de mudez, e por alguns momentos perdi de vista tudo quanto me cercava. Vi então meu pecado por duvidar do poder de Deus, e que, devido a isso, ficara muda, mas minha língua seria desatada em menos de vinte e quatro horas. Foi-me mostrado um cartão, em que estavam [78]

escritos em letras de ouro o capítulo e versículos de cinqüenta textos* das Escrituras.

---

*OS CINQÜENTA TEXTOS

Lucas 1:20
João 16:15
Atos dos Apóstolos 2:4
Atos dos Apóstolos 4:29, 30
Atos dos Apóstolos 4:31
Mateus 7:6
Mateus 7:7-12
Mateus 7:15
Mateus 24:24
Colossences 2:6, 7
Hebreus 10:35-37
Colossences 2:8
Hebreus 10:38, 39
Hebreus 4:10, 11
Hebreus 4:12
Filipenses 1:6
Filipenses 1:27-29
Filipenses 2:13-15
Efésios 6:10-13
Efésios 6:14-18
Efésios 4:32
1 Pedro 1:22
João 13:34, 35
2 Coríntios 13:5
1 Coríntios 3:10, 11
1 Coríntios 3:12, 13
Atos dos Apóstolos 20:28-30
Gálatas 1:6-9
Lucas 12:3-7
Lucas 4:10, 11
2 Coríntios 4:6-9
2 Coríntios 4:17, 18
1 Pedro 1:5-7
1 Tessalonicenses 3:8
Marcos 16:17, 18
João 9:20-27
João 14:13-15
João 15:7, 8
Marcos 1:23-25

Depois que voltei da visão, pedi por sinais a lousa, e nela escrevi que estava muda, também o que vira, e que queria a Bíblia grande. Tomei-a, e prontamente busquei todos os textos que vira no cartão.

Estive sem poder falar durante o dia todo. Cedo na manhã seguinte, minha alma se encheu de alegria, minha língua se soltou e prorrompi em grandes louvores a Deus. Depois daquilo não ousei duvidar, nem por um momento sequer resistir ao poder de Deus, pensassem outros de mim o que quisessem.

Até então não me fora possível escrever; minha mão trêmula não podia segurar com firmeza a pena. Estando em visão, um anjo me ordenou escrevê-la. Obedeci, e escrevi prontamente. Meus nervos estavam fortalecidos, e desde aquele dia até hoje minha mão tem estado firme.

Exortações à fidelidade

Era muito penoso para mim, relatar aos que erravam o que, concernente a eles, me havia sido mostrado. Causava-me grande angústia ver outros perturbados ou entristecidos. E, sendo obrigada a declarar as mensagens, queria muitas vezes abrandá-las e fazê-las parecer tão favoráveis às pessoas quanto eu podia, e então ficava a sós e chorava em agonia de espírito. Eu olhava àqueles que pareciam ter apenas sua própria alma para cuidar, e achava que, se estivesse em sua situação, não murmuraria. Era penoso descrever os testemunhos claros e incisivos a mim apresentados por Deus. Ansiosamente aguardava o resultado; e, se as pessoas reprovadas se rebelavam contra a reprovação, e mais tarde se opunham à verdade, eu me perguntava: Terei eu apresentado a mensagem exatamente como [79]

Romanos 8:38, 39
Apocalipse 3:7-13
Apocalipse 14:4, 5
Filipenses 3:20
Tiago 5:7, 8
Filipenses 3:21
Apocalipse 14:14-17
Hebreus 4:9
Apocalipse 21:2
Apocalipse 14:1
Apocalipse 22:1-5

devia? Não poderia haver algum meio de os salvar? E então me oprimia a alma uma angústia tal que muitas vezes achava que a morte seria um bem-vindo mensageiro e a sepultura um suave lugar de descanso.

Não compreendia que assim inquirindo e duvidando eu era infiel, e não enxergava o perigo e o pecado de tal procedimento, até que, em visão fui levada à presença de Jesus. Ele me olhou com o semblante carregado, e desviou o rosto de mim. Não é possível descrever o terror e a agonia que então senti. Prostrei-me sobre o rosto diante dEle, mas não tinha ânimo para proferir uma palavra. Oh, quanto eu desejava ocultar-me e subtrair-me àquela terrível expressão sombria! Pude compreender então até certo ponto quais serão os sentimentos dos perdidos, quando clamarem às montanhas e às rochas: "Caí sobre nós, e escondei-nos da face dAquele que está assentado no trono, e da ira do Cordeiro." Apocalipse 6:16.

Imediatamente um anjo me mandou levantar, e o quadro que meus olhos viram dificilmente poderá ser descrito. Diante de mim havia uma multidão de cabelos desgrenhados e vestes despedaçadas, e cujo rosto era a própria expressão do desespero e terror. Achegaram-se a mim, e roçaram suas vestes nas minhas. Quando olhei às minhas vestes, vi que estavam manchadas de sangue. De novo caí como morta aos pés do meu anjo assistente. Não podia alegar uma desculpa, e desejava estar fora daquele santo lugar.

O anjo me pôs de pé, e disse: "Este não é o teu estado agora; mas esta cena te foi apresentada para te fazer saber qual será tua situação se negligenciares declarar a outros o que o Senhor te revelou. Mas [80] se fores fiel até o fim, comerás da árvore da vida, e beberás da água da vida. Terás de sofrer muito, mas a graça de Deus te basta."

Então senti-me disposta a fazer tudo que o Senhor exigisse de mim a fim de obter Sua aprovação, e não contemplar Sua terrível expressão de desagrado.

O selo da aprovação divina

Aqueles foram tempos agitados. Se não tivéssemos então permanecido firmes, teríamos naufragado na fé. Alguns diziam que éramos obstinados; tínhamos de pôr nosso rosto como um seixo, e não desviar-nos nem para a direita nem para a esquerda.

Durante anos trabalhávamos para rebater os preconceitos e subjugar a oposição que por vezes ameaçava sobrepujar os fiéis porta-bandeiras da verdade — heróis e heroínas da fé. Achávamos, porém, que aqueles que buscavam a Deus em humildade e contrição de alma eram capazes de discernir entre o verdadeiro e o falso. "Guiará os mansos retamente; e aos mansos ensinará o Seu caminho." Salmos 25:9.

Deus nos concedeu uma experiência preciosa naqueles dias. Quando em conflito cerrado com os poderes das trevas, como freqüentemente nos achávamos, tudo apresentávamos ao poderoso Auxiliador. Repetidas vezes orávamos pedindo força e sabedoria. Não nos queríamos render, pois sentíamos que o auxílio deveria vir. E pela fé em Deus, o ataque inimigo virou-se contra ele mesmo, ganharam-se vitórias gloriosas para a causa da verdade, e viemos a compreender que Deus não nos dera Seu espírito por medida. Não fossem essas provas especiais do amor de Deus, não houvesse Ele, dessa maneira, pela manifestação de Seu Espírito, aposto Seu selo à verdade, e poderíamos ter desanimado. Mas essas provas da direção divina, essas vívidas experiências nas coisas de Deus, fortaleceram-nos para ferirmos corajosamente as batalhas do Senhor. Os crentes [81] puderam mais claramente discernir como Deus lhes havia apontado o caminho, guiando-os por entre provações, desapontamentos e terríveis conflitos. Tornavam-se mais fortes à medida que encontravam e venciam obstáculos, e adquiriam uma rica experiência a cada passo que avançavam.

Lições do passado

Em anos seguintes, foi-me mostrado que as falsas teorias insinuadas no passado, de maneira alguma surgiram em vão. Em havendo oportunidades favoráveis, elas reaparecerão. Não nos esqueçamos de que tudo que puder ser abalado, sê-lo-á. Com algumas pessoas o inimigo será bem-sucedido ao subverter a fé, mas os que forem fiéis aos princípios, não serão abalados. Permanecerão firmes por entre provações e tentações. O Senhor indicou esses erros; e os que não discernirem onde Satanás entra continuarão a ser levados por falsos caminhos. Jesus nos ordena ser vigilantes, e confirmar os restantes, que estão para morrer.

Não devemos entrar em controvérsia com os que mantêm falsas teorias. A discussão não traz proveito. Cristo nunca a entreteve. "Está escrito" (Lucas 4:8) — era a arma usada pelo Redentor do mundo. Conservemo-nos ligados à Palavra. Deixemos que o Senhor Jesus e Seus mensageiros testifiquem. Sabemos que o testemunho deles é verdadeiro.

Cristo preside todas as obras de Sua criação. Na coluna de fogo Ele guiava os filhos de Israel, vendo os Seus olhos o passado, o presente e o futuro. Ele deve ser reconhecido e honrado por todos os que amam a Deus. Seus mandamentos devem ser a força dirigente na vida de Seu povo.

O tentador vem com a insinuação de que Cristo removeu a sede [82] de Seu trono e poder para alguma região desconhecida, e que os [83] homens não mais necessitam de ser incomodados com exaltar-Lhe o caráter e obedecer à Sua lei. Os seres humanos devem ser uma lei para si mesmos, declara ele. Esses enganos exaltam o eu e anulam a Deus. Destroem as restrições e o governo moral na família humana. As restrições ao vício enfraquecem mais e mais. O mundo não ama nem teme a Deus. E os que não amam nem temem a Deus logo perdem todo o senso da obrigação de uns para com os outros. Estão sem Deus e sem esperança no mundo.

Os ensinadores que não põem diariamente a Palavra de Deus em contato com o trabalho de sua vida estão em grande perigo. Não possuem de Deus ou de Cristo um conhecimento tal que possa salvar. Aqueles que não vivem a verdade são os que mais propensos se acham a inventar enganos para ocupar o tempo e absorver a atenção que deveriam ser empregados no estudo da Palavra de Deus. Terrível erro é para nós negligenciarmos o estudo da Bíblia, e estudarmos teorias que desorientam, desviando a mente das palavras de Cristo para as falácias de origem humana.

Não precisamos de nenhum ensino imaginoso no tocante à personalidade de Deus. O que Deus deseja que conheçamos a Seu respeito está revelado em Sua Palavra e em Suas obras. As belas coisas da Natureza revelam o Seu caráter e poder criador. São a Sua dádiva à raça humana a fim de mostrar o Seu poder, e mostrar que Ele é um Deus de amor. Mas ninguém está autorizado a dizer que Deus mesmo esteja em pessoa na flor, na folha ou na árvore. Estas coisas são obra de Deus e revelam Seu amor à humanidade.

Cristo é a perfeita revelação de Deus. Aqueles que desejam conhecer a Deus, estudem a obra e os ensinos de Cristo. Àqueles que O recebem e nele crêem, Ele dá o poder de serem feitos filhos de Deus. [84]

[85]

Capítulo 10 — O sábado do Senhor

Quando em visita a New Bedford, Massachusetts, em 1846, conheci o Pastor José Bates. Ele havia de princípio abraçado a fé do advento, e era trabalhador ativo na Causa. Achei que era um verdadeiro cavalheiro cristão, cortês e amável.

A primeira vez que me ouviu falar manifestou profundo interesse. Depois que eu acabara de falar, levantou-se e disse: "Eu duvido como Tomé. Não creio em visões. Se, porém, pudesse crer que o testemunho que a irmã relatou esta noite é na verdade a voz de Deus para nós, seria o mais feliz dos homens. Meu coração está profundamente comovido. Creio que a oradora é sincera, mas não posso compreender quanto ao que respeita serem-lhe mostradas as maravilhosas coisas que nos relatou."

O Pastor Bates guardava o sábado, sétimo dia da semana, e para esse dia nos chamava a atenção como sendo o verdadeiro Sábado. Eu não compreendia sua importância, e achava que ele errava em ocupar-se com o quarto mandamento mais do que com os outros nove.

O Senhor, porém, me deu uma visão do santuário celestial, em que o templo de Deus foi aberto no Céu, e foi-me mostrada a arca de Deus coberta com o propiciatório. Em cada extremidade da arca havia um anjo com as asas estendidas sobre o propiciatório e a face voltada para ele. Isso, informou-me o meu anjo assistente, representa todo o exército celestial olhando com reverente temor para a lei divina, que foi escrita com o dedo de Deus.

Jesus levantou a cobertura da arca, e contemplei as tábuas de [86] pedra em que os Dez Mandamentos estavam escritos. Fiquei atemorizada quando vi o quarto mandamento mesmo no centro dos dez preceitos, com uma suave auréola de luz rodeando-o. Disse o anjo: "É o único dos dez que define o Deus vivo que criou os Céus e a Terra e todas as coisas que neles há."

Quando foram postos os fundamentos da Terra, também foi posto o fundamento do sábado. Foi-me mostrado que se o verdadeiro

sábado houvesse sido guardado, jamais teria havido um incrédulo nem ateu. A observância do sábado teria preservado da idolatria o mundo.

O quarto mandamento

Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharas, e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus: não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fez o Senhor os Céus e a Terra, o mar e tudo que neles há, e ao sétimo dia descansou; portanto abençoou o Senhor o dia do sábado, e o santificou. Êxodo 20:8-11.

O quarto mandamento tem sido pisado a pés; por isso, somos chamados para reparar a brecha na lei de Deus e defender o sábado profanado. O homem do pecado, que se exalta acima de Deus, e pensou mudar os tempos e a lei, efetuou a mudança do sábado, do [87] sétimo para o primeiro dia da semana. Fazendo isso, perpetrou uma brecha na lei de Deus. Precisamente antes do grande dia de Deus, é enviada uma mensagem para exortar o povo a voltar à obediência à lei de Deus, quebrantada pelo anticristo. Por preceito e exemplo devemos chamar a atenção para a brecha feita na lei.

Foi-me mostrado que as preciosas promessas de Isaías 58:12-14 se aplicam aos que trabalham pela restauração do verdadeiro sábado.

Foi mostrado que o terceiro anjo, que proclama os mandamentos e a fé de Jesus (Apocalipse 14:9-14), representa o povo que recebe essa mensagem, e ergue a voz de advertência ao mundo para que guarde os mandamentos de Deus e a Sua lei como a menina dos olhos; e em resposta a esta advertência muitos abraçariam o sábado do Senhor.

Promessas para os guardadores do sábado

Os teus filhos edificarão as antigas ruínas; levantarás os fundamentos de muitas gerações, e serás chamado reparador de brechas, e restaurador de veredas para que o país se torne habitável. Se desviares o pé de profanar o sábado, e de cuidar dos teus próprios interesses

no Meu santo dia; e se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do Senhor digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs, então te deleitarás no Senhor. Eu te farei cavalgar sobre os altos da Terra, e te sustentarei com a herança de Jacó; teu pai, porque a [88] boca do Senhor o disse. Isaías 58:12-14.

Capítulo 11 — Meu casamento e trabalhos conjuntos

Em 30 de agosto de 1846 uni-me em casamento com o Pastor Tiago White. O Pastor White adquirira profunda experiência no movimento do advento, e seus trabalhos na proclamação da verdade tinham sido abençoados por Deus. Nossos corações uniram-se na grande obra e, juntos, viajamos e trabalhamos pela salvação de almas.

Confirmando a fé

Em novembro de 1846 assisti, com meu esposo, a uma reunião em Topsham, Maine, à qual o Pastor José Bates estava presente. Ele não cria então inteiramente que minhas visões provinham de Deus. Aquela reunião foi uma ocasião de muito interesse. O Espírito de Deus repousou sobre mim; tive uma visão da glória de Deus e, pela primeira vez, me foram mostrados outros planetas. Depois que voltei da visão, relatei o que vira. O Pastor Bates perguntou então se eu havia estudado Astronomia. Disse-lhe que não tinha lembrança de já haver contemplado um livro de astronomia. Volveu ele, então: "Isto é do Senhor." Seu rosto resplandeceu com a luz do Céu, e ele exortou a igreja com poder.

Relativamente à sua atitude para com as visões, o Pastor Bates fez a seguinte declaração:

"Se bem que eu não pudesse ver coisa alguma nelas que militasse contra a Palavra, sentia-me todavia extraordinariamente inquieto e tentado, e durante muito tempo indisposto a crer que aquilo fosse algo mais do que o que se produziria pelo estado de prolongada debilidade física da vidente.

"Portanto, procurei oportunidade na presença de outros, quando seu espírito parecia livre de agitação (fora das reuniões), para interrogar insistentemente a ela e aos amigos que a acompanhavam, especialmente a sua irmã mais velha, a fim de obter, sendo possível, [89]

a verdade. Durante várias visitas que desde então fez a New Bedford e Fairhaven, estando em nossas reuniões, eu a vi em visão diversas vezes, bem como em Topsham, Maine; e todos quantos presenciaram algumas dessas cenas agitadas, bem sabem com que interesse e avidez eu escutava cada palavra e observava todo movimento para surpreender a armadilha ou influência mesmérica. E dou graças a Deus pela oportunidade que tive, juntamente com outros, de testemunhar essas coisas. Posso agora confiantemente falar por mim mesmo. Creio que a obra é de Deus, e é dada para consolar e fortalecer Seu 'povo espalhado, aflito e pilhado', desde o encerramento de nossa obra. ... em outubro de 1844."

Oração fervorosa e eficaz

Durante a reunião celebrada em Topsham, foi-me revelado que eu iria ser muito angustiada, e seríamos provados em nossa fé, depois de nossa volta a Gorham, onde então moravam meus pais.

Quando voltamos, caí muito doente, e sofri extremamente. Meus pais, marido e irmãs uniram-se em oração por mim, mas continuei a sofrer por três semanas. Freqüentemente desfalecia como morta, mas em resposta à oração me reanimava. Minha angústia era tão grande que eu rogava àqueles que me rodeavam que não orassem por mim, pois pensava que suas orações me estivessem prolongando os sofrimentos. Nossos vizinhos, já sem esperanças, abandonaram-me. Durante algum tempo, aprouve ao Senhor nos provar a fé.

O irmão e a irmã Nichols, de Dorchester, Massachusetts, ouviram falar de minha aflição, e seu filho Henrique veio de Gorham, trazendo coisas para o meu conforto. Durante sua visita, meus amigos de novo se uniram em oração pelo meu restabelecimento. Depois que outros haviam orado, o irmão Henrique Nichols pôs-se a orar com muito fervor; e, com o poder de Deus, repousando sobre ele, levantou-se, [90] atravessou o quarto, pôs as mãos sobre minha cabeça, dizendo: "Irmã Ellen, Jesus Cristo lhe dá saúde", e caiu para trás prostrado pelo poder de Deus. Acreditei que aquilo era de Deus, e a dor deixou-me. Minha alma encheu-se de gratidão e paz. A linguagem de meu coração era: "Não há auxílio para nós senão em Deus. Podemos estar em paz unicamente quando descansamos nEle e esperamos Sua salvação."

Trabalhos em Massachusetts

Poucas semanas depois disso, em viagem para Boston, tomamos o navio em Portland. Sobreveio violenta tempestade, e achamo-nos em grande perigo. Mas pela misericórdia de Deus, todos desembarcamos sãos e salvos.

Acerca de nosso trabalho em Massachusetts durante fevereiro e a primeira semana de março, escreveu meu marido de Gorham, Maine, a 14 de março de 1847, logo depois de nossa volta para casa:

"Conquanto estivéssemos aqui longe de nossos amigos durante quase sete semanas, Deus tem sido misericordioso conosco. Tem sido a nossa fortaleza no mar e em terra. Ellen tem desfrutado, durante as seis últimas semanas, o melhor e mais prolongado período de saúde que tem tido nesses últimos seis anos. Nós dois estamos com boa saúde. ...

"Desde que partimos de Topsham temos tido algumas ocasiões de provas. Temos também tido muitos momentos magníficos, celestiais, e refrigerantes. Em suma, foi uma das melhores visitas já feitas a Massachusetts. Nossos irmãos em New Bedford e Fairhaven foram poderosamente fortalecidos e confirmados na verdade e poder de Deus. Os irmãos de outros lugares também foram abençoados." [91]

Capítulo 12 — O santuário celestial

Em uma reunião realizada no sábado, 3 de abril de 1847, em casa do irmão Stockbridge Howland, sentimos um extraordinário espírito de oração. Enquanto orávamos, o Espírito Santo desceu sobre nós. Sentíamo-nos muito felizes. Logo fiquei inconsciente quanto às coisas terrestres e fui envolta em visão da glória de Deus.

Vi um anjo voando rapidamente em direção a mim. Em pouquíssimo tempo, me levou da Terra à santa cidade. Ali vi um templo, em que entrei. Passei por uma porta antes de chegar ao primeiro véu. Levantou-se esse e passei para o lugar santo. Ali vi o altar de incenso, o castiçal com sete lâmpadas, a mesa sobre que estavam os pães da proposição. Depois de ver a glória do lugar santo, Jesus levantou o segundo véu, e passei para o santo dos santos.

No lugar santíssimo vi uma arca, cujo cimo e lados eram de ouro puríssimo. Em cada uma de suas extremidades estava um lindo querubim, com as asas estendidas sobre ela. Tinham o rosto voltado um para o outro, e olhavam para baixo. Entre os anjos havia um incensário de ouro. Por cima da arca, onde os anjos estavam, havia uma glória extraordinariamente fulgurante, com a aparência de um trono em que Deus habitava. Jesus ficou ao lado da arca e, ao ascenderem para Ele as orações dos santos, o incenso ardia e, com o incenso, Ele oferecia as orações a Seu Pai.

Na arca estava o vaso de ouro que continha o maná, a vara florida de Arão, e as tábuas de pedra que se dobravam como um livro. Jesus as abriu e vi os Dez Mandamentos, nelas escritos com o dedo de Deus. Em uma tábua havia quatro, e na outra seis. Os quatro na [92] primeira tábua brilhavam mais do que os outros seis. Mas o quarto, [93] o mandamento do sábado, resplandecia mais do que todos, pois o sábado foi separado para ser guardado em honra ao santo nome de Deus. O santo sábado resplandecia, circundado de uma auréola de glória. Vi que o mandamento do sábado não fora pregado na cruz. Se assim fosse, os outros nove mandamentos teriam sido também, e teríamos a liberdade de violá-los todos, assim como violamos o

quarto. Vi que Deus não havia mudado o sábado, pois Ele nunca muda. Mas o papa o mudara, do sétimo para o primeiro dia da semana; pois intentara mudar os tempos e a lei.

Vi que, se Deus houvesse mudado o sábado, do sétimo para o primeiro dia, teria mudado a inscrição do mandamento do sábado, gravada nas tábuas de pedra, que agora estão na arca, no lugar santíssimo do templo celestial; e assim estaria redigido: O primeiro dia é o sábado do Senhor teu Deus. Vi, porém, que os seus dizeres eram os mesmos que quando, pelo dedo de Deus, foram escritos nas tábuas de pedra entregues a Moisés, no Sinai: "Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus." Gênesis 20:10. Vi que o santo sábado é e será o muro de separação entre o verdadeiro Israel de Deus e os incrédulos; e é a instituição mais apropriada para unir os corações dos queridos e expectantes santos de Deus.

Vi que Deus tem filhos que não vêem nem guardam o sábado. Não rejeitaram a luz a ele concernente. E, no começo do tempo de angústia, ficamos cheios do Espírito Santo quando saímos e de maneira mais ampla proclamamos o sábado. Isso enraiveceu as igrejas e os adventistas nominais, pois não podiam refutar a verdade do sábado. E nessa ocasião todos os escolhidos de Deus viram claramente que tínhamos a verdade, e vieram e suportaram a perseguição conosco. Vi a espada, a fome, a pestilência e grande [94] confusão na Terra. Os ímpios pensaram que havíamos trazido juízo [95] sobre eles, e deliberaram livrar a Terra de nós, julgando que então os males cessariam.

No tempo de angústia todos nós fugimos das cidades e aldeias, mas fomos perseguidos pelos ímpios que com espadas entravam nas casas dos santos. Ao levantarem a espada para matar-nos, ela se quebrava e caía tão impotente como uma palha. Então todos clamamos dia e noite por livramento, e o clamor chegou até Deus.

O Sol apareceu e a Lua se deteve. Os rios deixaram de correr. Nuvens negras e densas apareceram e chocaram-se entre si. Havia, porém, um lugar claro, de uma glória fixa, donde veio a voz de Deus semelhante a muitas águas, a qual abalou os céus e a Terra. O céu abria e fechava-se, em profunda comoção. As montanhas eram sacudidas como caniço ao vento, e lançavam ao redor pedras irregulares. O mar fervia como uma panela, e lançava pedras sobre a terra.

E ao anunciar Deus o dia e a hora da vinda de Jesus, e proclamar o concerto eterno com Seu povo, proferia uma sentença e então silenciava enquanto as palavras rolavam sobre a Terra. O Israel de Deus permanecia com os olhos fixos em cima, ouvindo as palavras que saíam da boca de Jeová e rolavam pela Terra como estrondos dos maiores trovões. Era terrivelmente solene. E no final de cada sentença os santos exclamavam: "Glória! Aleluia!" Tinham o rosto iluminado com a glória de Deus, e resplandecente como o de Moisés, quando desceu do Sinai. Os ímpios não podiam fitá-Lo por causa da glória. E quando a bênção eterna foi pronunciada sobre os que [96] haviam honrado a Deus, santificando o Seu sábado, houve uma enorme aclamação de vitória sobre a besta e sua imagem.

Começou então o jubileu, em que a Terra deveria repousar. Vi o escravo piedoso levantar-se em triunfal vitória, e desvencilhar-se das cadeias que o ligavam, enquanto seu ímpio senhor ficava confundido, sem saber que fazer; pois os ímpios não podiam compreender as palavras da voz de Deus.

Logo apareceu a grande nuvem branca. Pareceu-me mais linda que nunca. Sobre ela estava sentado o Filho de Deus. A princípio não vimos a Jesus na nuvem; mas, aproximando-se ela da Terra, pudemos contemplar Seu belíssimo semblante. Essa nuvem, quando a princípio apareceu, era o sinal do Filho do homem no céu.

A voz do Filho de Deus chamou à vida os santos mortos, que surgiram revestidos de gloriosa imortalidade. Os santos que estavam vivos foram transformados num momento, e com eles foram arrebatados para a carruagem da nuvem. Por todos os lados ela apresentava aspecto resplandecente ao ascender. De cada lado da carruagem havia asas e, debaixo, rodas. Ao subir a carruagem, as rodas clamavam: "Santo"; as asas, movendo-se, clamavam: "Santo"; e o séquito de santos anjos em redor da nuvem, clamava: "Santo, santo, santo, Senhor Deus Todo-poderoso!" E os santos na nuvem clamavam: "Glória! Aleluia!" E a carruagem subiu à santa cidade. Jesus abriu as portas da cidade de ouro, e nos fez entrar. Ali fomos bem-vindos, pois havíamos guardado "os mandamentos de Deus" (Apocalipse [97] 14:12), e tínhamos "direito à árvore da vida". Apocalipse 22:14.

Capítulo 13 — O amor de Deus para com seu povo

Vi o terno amor que Deus tem ao Seu povo, e é muito grande. Vi anjos com as asas estendidas sobre os santos. Cada santo tinha um anjo de guarda. Se os santos choravam de desânimo ou estavam em perigo, os anjos que sempre os assistiam, voavam rapidamente para cima a fim de levar as novas; e os anjos na cidade cessavam de cantar. Então Jesus comissionava outro anjo para descer a fim de animá-los, vigiar sobre eles e procurar impedi-los de abandonar o caminho estreito, mas se não davam atenção ao cuidado vigilante dos anjos e não queriam ser por eles consolados, antes continuavam a se desgarrar, os anjos pareciam ficar tristes e choravam. Levavam as notícias acima, e todos os anjos na cidade choravam, e então com grande voz diziam: "Amém." Se, porém, os santos fixavam os olhares no prêmio que diante deles estava e glorificavam a Deus, louvando-O, então os anjos levavam as alegres novas à cidade e os outros que ali estavam tocavam suas harpas de ouro e cantavam em alta voz: "Aleluia", e as abóbadas celestiais ressoavam com seus belos cânticos.

Há perfeita ordem e harmonia na cidade santa. Todos os anjos comissionados para visitar a Terra levam um cartão de ouro e, ao entrarem e saírem, apresentam-no aos anjos que ficam às portas da cidade. O Céu é um lugar agradável. Anseio estar ali, e contemplar meu amorável Jesus, que por mim deu Sua vida, e achar-me transformada à Sua imagem gloriosa. Oh, quem me dera possuir linguagem para exprimir as glórias do resplandecente mundo vindouro! Estou sedenta das águas vivas que alegram a cidade de nosso Deus.

O Senhor me proporcionou uma vista de outros mundos. Foram-me dadas asas, e um anjo me acompanhou da cidade a um lugar [98] fulgurante e glorioso. A relva era de um verde vivo, e os pássaros gorjeavam ali cânticos suaves. Os habitantes do lugar eram de todas as estaturas; nobres, majestosos e formosos. Ostentavam a expressa imagem de Jesus, e seu semblante irradiava santa alegria, que era uma expressão da liberdade e felicidade do lugar. Perguntei a um

deles por que eram muito mais formosos que os da Terra. A resposta foi:

- Vivemos em estrita obediência aos mandamentos de Deus, e não caímos em desobediência, como os habitantes da Terra.

Vi então duas árvores. Uma se assemelhava muito à árvore da vida, existente na cidade. O fruto de ambas tinha belo aspecto, mas o de uma delas não era permitido comer. Tinham a faculdade de comer de ambas, mas era-lhes vedado comer de uma. Então meu anjo assistente me disse:

- Ninguém aqui provou da árvore proibida; se, porém, comessem, cairiam.

Então fui levada a um mundo que tinha sete luas. Vi ali o bom e [99] velho Enoque que tinha sido trasladado. Em sua destra havia uma palma resplendente, e em cada folha estava escrito: "Vitória." Pendia-lhe da cabeça uma grinalda branca, deslumbrante, com folhas, e no meio de cada folha estava escrito: "Pureza", e em redor da grinalda havia pedras de várias cores que resplandeciam mais do que as estrelas, e lançavam um reflexo sobre as letras, aumentando-lhes o volume. Na parte posterior da cabeça havia um arco em que rematava a grinalda, e nele estava escrito: "Santidade." Sobre a grinalda havia uma linda coroa que brilhava mais do que o Sol. Perguntei-lhe se este era o lugar para onde fora transportado da Terra. Ele disse:

- Não é; minha morada é na cidade, e eu vim visitar este lugar.

Ele percorria o lugar como se realmente estivesse em sua casa. Pedi ao meu anjo assistente que me deixasse ficar ali. Não podia suportar o pensamento de voltar a este mundo tenebroso. Disse então o anjo:

- Deves voltar e, se fores fiel, juntamente com os 144.000 terás o [100] privilégio de visitar todos os mundos e ver a obra das mãos de Deus.

Capítulo 14 — O selamento

Ao principiar o santo sábado, 5 de janeiro de 1849, entregamonos à oração com a família do irmão Belden, em Rocky Hill, Connecticut, e o Espírito Santo desceu sobre nós. Fui levada em visão para o lugar santíssimo, onde vi Jesus ainda intercedendo por Israel. Na extremidade inferior de Suas vestes havia uma campainha e uma romã, uma campainha e uma romã. Vi então que Jesus não abandonaria o lugar santíssimo sem que cada caso fosse decidido, ou para a salvação ou para a destruição; e que a ira de Deus não poderia manifestar-se sem que Jesus concluísse Sua obra no lugar santíssimo, depusesse Suas roupas sacerdotais, e Se vestisse com vestes de vingança.

Então Jesus sairá de entre o Pai e os homens, e Deus não mais silenciará, mas derramará Sua ira sobre aqueles que rejeitaram Sua verdade. Vi que a ira das nações, a ira de Deus, e o tempo de julgar os mortos eram acontecimentos separados e distintos, seguindose um ao outro; outrossim, que Miguel não Se levantara e que o tempo de angústia, tal como nunca houve, ainda não começara. As nações estão-se irando agora, mas, quando nosso Sumo Sacerdote concluir Sua obra no santuário, Ele Se levantará, envergará as vestes de vingança, e então as sete últimas pragas serão derramadas.

Vi que os quatro anjos segurariam os quatro ventos até que a obra de Jesus estivesse terminada no santuário, e então viriam as sete últimas pragas. Essas pragas enfureceram os ímpios contra os justos, pois pensavam que nós havíamos trazido os juízos de Deus sobre eles, e que, se pudessem livrar a Terra de nós, as pragas cessariam. [101] Saiu um decreto para se matar os santos, o que fez com que esses clamassem dia e noite por livramento. Esse foi o tempo da angústia de Jacó. Gênesis 32. Então todos os santos clamaram com angústia de espírito, e alcançaram livramento pela voz de Deus. Os cento e quarenta e quatro mil triunfaram. Sua face se iluminou com a glória de Deus.

Foi-me mostrada então uma multidão que ululava em agonia. Em suas vestes estava escrito em grandes letras: "Pesado foste na balança, e foste achado em falta." Daniel 5:27. Perguntei quem era aquela multidão. O anjo disse: "Estes são os que já guardaram o sábado e o abandonaram." Ouvi-os clamar com grande voz: "Acreditamos em Tua vinda e a ensinamos com ardor." E enquanto falavam, seus olhares caíam sobre suas vestes, viam a escrita e então choravam em alta voz. Vi que eles haviam bebido de águas profundas, e enlameado o resto com os pés — pisando o sábado a pés; e por isso foram pesados na balança e achados em falta.

Então meu anjo assistente me reconduziu à cidade, onde vi quatro anjos voando em direção à porta. Estavam precisamente a apresentar o cartão de ouro ao anjo que estava à porta, quando vi outro anjo voar rapidamente, vindo da direção em que se encontrava a mais excelsa glória, e clamar com grande voz aos outros anjos, agitando para cima e para baixo alguma coisa que tinha na mão. Pedi ao meu anjo assistente explicação do que via. Disse-me que nada mais poderia ver então, mas em breve ele me mostraria o que significavam as coisas que então vi.

Sábado à tarde, um dentre o nosso grupo ficou doente, e pediu [102] orações para ser curado. Unimo-nos em rogos ao Médico que jamais perdeu um caso e, enquanto o poder curador descia, e o enfermo sarava, o Espírito desceu sobre mim, e fui arrebatada em visão.

Vi quatro anjos que tinham uma obra a fazer na Terra, e estavam em vias de cumpri-la. Jesus estava vestido com trajes sacerdotais. Ele olhou compassivamente para os remanescentes, levantou então as mãos, e com voz de profunda compaixão, exclamou: "Meu sangue, Pai, Meu sangue! Meu sangue! Meu sangue!" Vi então que, de Deus, que estava sentado sobre o grande trono branco, saía uma luz extraordinariamente brilhante e derramava-se em redor de Jesus. Vi a seguir um anjo com uma missão da parte de Jesus, voando rapidamente aos quatro anjos que tinham a obra a fazer na Terra, agitando para cima e para baixo alguma coisa que tinha na mão, e clamando com grande voz: "Segurai! Segurai! Segurai! Segurai! até que os servos de Deus sejam selados na fronte!"

Perguntei ao meu anjo assistente o sentido do que eu ouvia, e que iriam fazer os quatro anjos. Ele me disse que era Deus quem restringia os poderes, e incumbira os Seus anjos de tudo quanto se

relacionava com a Terra; que os quatro anjos tinham poder da parte de Deus para reter os quatro ventos, e estavam já prestes a soltá-los. Mas enquanto se lhes afrouxavam as mãos e os quatro ventos estavam para soprar, os olhos misericordiosos de Jesus contemplaram os remanescentes que não estavam selados e, erguendo as mãos ao Pai, alegou que havia derramado Seu sangue por eles. Então outro anjo recebeu ordem para voar velozmente aos outros quatro e mandar-lhes reter os ventos até que os servos de Deus fossem selados na fronte com o selo do Deus vivo. [103]

Capítulo 15 — A prova de nossa fé

Nesta época de provação precisamos animar-nos e confortar-nos mutuamente. As tentações de Satanás são maiores agora do que nunca, pois ele sabe que o seu tempo é curto, e que muito breve todos os casos estarão decididos, ou para a vida ou para a morte. Não é tempo de nos deixarmos vencer pelo desânimo nem de sucumbir sob as provações; devemos sobrepor-nos a todas as nossas aflições, e confiar inteiramente no todo poderoso Deus de Jacó. O Senhor me mostrou que Sua graça é suficiente em todas as nossas provações; e conquanto sejam maiores do que anteriormente, podemos todavia vencer toda tentação; se retivermos absoluta confiança em Deus, pela Sua graça sairemos vitoriosos.

Se vencemos as provações e ganhamos a vitória sobre as tentações de Satanás, suportamos então a prova de nossa fé que é mais preciosa do que o ouro, e nos achamos mais fortes e mais bem preparados para enfrentar a provação seguinte. Mas se desanimamos e cedemos às tentações de Satanás, ficaremos mais fracos, não alcançaremos recompensa pela prova, nem estaremos tão bem preparados para a próxima. Dessa maneira tornar-nos-emos cada vez mais fracos, até que sejamos levados em cativeiro por Satanás, à sua vontade.

Devemos estar revestidos de toda a armadura de Deus, e prontos cada momento para suster conflito com os poderes das trevas. Quando nos assaltarem tentações e provações, vamos a Deus, e com verdadeira agonia de alma oremos. Ele não nos despedirá vazios, mas nos dará graça e força para vencer e quebrar o poder do inimigo. Oh! oxalá todos pudessem ver essas coisas na sua verdadeira luz, e suportar as dificuldades como bons soldados de Cristo! Então Israel avançaria, forte em Deus, na força de Seu poder.

Deus me mostrou haver dado ao Seu povo uma taça amarga [104] a beber, a fim de os purificar e limpar. E um amargo gole, e eles o podem tornar ainda mais amargo murmurando, queixando-se e amofinando-se. Aqueles, porém, que o recebem assim, precisam de

outro trago pois o primeiro não produz sobre o coração o efeito que lhe era destinado. E se o segundo não efetua o trabalho precisarão então de outro, e outro, até que haja produzido o devido efeito, ou serão eles deixados sujos e impuros de coração. Vi que essa amarga taça pode ser adoçada pela paciência, perseverança e oração, e que terá o visado efeito sobre o coração daqueles que assim a recebem, e Deus será honrado e glorificado.

Não é coisa insignificante ser cristão, de propriedade divina e por Deus aprovado. O Senhor me mostrou alguns que professam a verdade presente, cuja vida não corresponde à sua profissão. Têm norma de piedade muito baixa, e estão longe da santidade recomendada na Bíblia. Alguns se entretêm em conversação vã e indecorosa, e outros dão lugar a imposições do eu. Não devemos esperar agradar a nós mesmos, viver e agir como o mundo, ter seus prazeres, apreciar a companhia dos que são do mundo, e reinar com Cristo em glória.

Devemos ser participantes dos sofrimentos de Cristo aqui, se queremos participar de Sua glória no além. Se procuramos nosso próprio interesse, ou como podemos melhor agradar a nós mesmos, em vez de buscar agradar a Deus e fazer avançar Sua preciosa e sofredora causa, desonramo-Lo e a essa santa causa que professamos amar. Não temos senão um pequeno espaço de tempo no qual trabalhar por Deus. Nada deveria ser demasiado caro para ser sacrificado pela salvação do desgarrado e quebrantado rebanho de Jesus. Aqueles que fazem hoje um concerto com Deus em sacrifício, logo serão recebidos a fim de participar de uma rica recompensa, e possuir o novo reino para todo o sempre. [105]

Oh! Vivamos inteiramente para o Senhor, e, por vida bem ordenada e por conversa piedosa, mostremos que estivemos com Jesus, e somos Seus seguidores mansos e humildes. Devemos trabalhar enquanto é dia, pois quando vier a escura noite da perturbação e angústia, será demasiado tarde para trabalhar para Deus. Jesus está em Seu santo templo, e agora aceita nossos sacrifícios, orações e confissões de faltas e pecados, e perdoará todas as transgressões de Israel, para que sejam apagadas antes que Ele saia do santuário. Quando Jesus sair do santuário, os que são santos e justos serão santos e justos ainda; pois todos os seus pecados estarão apagados, e eles selados com o selo do Deus vivo. Mas aqueles que forem injustos e sujos serão injustos e sujos ainda; pois não haverá então

sacerdote no santuário para apresentar seus sacrifícios, confissões e orações perante o trono do Pai. Portanto, o que se há de fazer para livrar as almas da tormenta vindoura da ira, deve ser feito antes que [106] Jesus saia do lugar santíssimo do santuário celestial.

Capítulo 16 — Ao pequeno rebanho

Caros irmãos:

Em 26 de janeiro de 1850, o Senhor me deu uma visão que vou relatar. Vi que alguns dentre o povo de Deus são obtusos e sonolentos, meio despertos; sem compreenderem o tempo em que vivemos; e outros estão em perigo de serem varridos. Pedi a Jesus que os salvasse, que os poupasse um pouco mais e lhes deixasse ver seu temível perigo, para que pudessem aprontar-se antes que fosse para sempre tarde demais. Disse o anjo: "A destruição vem chegando como um redemoinho." Pedi ao anjo que se compadecesse daqueles que amavam este mundo, que estavam presos às suas posses, e não se dispunham a desembaraçar-se delas e sacrificar-se a fim de acelerar os mensageiros para que alimentem as ovelhas famintas que estão perecendo por falta de alimento espiritual, e as salvasse.

Quando vi pobres almas perecendo por falta da verdade presente, e alguns que apesar de professar nela crer, deixavam-nas morrer porque retinham os meios necessários para levar avante a obra de Deus, foi-me dolorosíssimo este quadro, e pedi ao anjo que o afastasse de mim. Vi que quando a causa de Deus exigia de alguns parte de seus haveres, como o mancebo que fora ter com Jesus (Mateus 19:16-22), ficaram tristes; e que logo o flagelo iminente passaria e lhes arrebataria todas as possessões, e então seria demasiado tarde para sacrificar bens terrestres e acumular tesouros no Céu.

Vi então o glorioso Redentor, formoso e adorável; vi que havia deixado o reino da glória e viera a este tenebroso e solitário mundo para dar Sua vida preciosa e morrer, na qualidade de justo em prol dos injustos. Suportou cruéis escárnios e açoites, levou sobre Si a coroa de espinhos, e no jardim verteu grandes gotas de sangue [107] enquanto o fardo dos pecados do mundo todo estava sobre Ele. O anjo perguntou: "Por que isso?" Oh! eu vi e compreendi que foi por nós; por nossos pecados Ele sofreu tudo isso, para que por Seu precioso sangue pudesse remir-nos para Deus.

Foram-me então de novo apresentados aqueles que não se dispunham a sacrificar bens deste mundo a fim de salvar as almas que pereciam, enviando a eles a verdade enquanto Jesus permanece diante do Pai alegando por eles Seu sangue, sofrimentos e morte, e enquanto os mensageiros de Deus estão esperando, prontos para levar-lhes a verdade salvadora a fim de que possam ser seladas com o selo do Deus vivo. Para alguns que professam crer na verdade presente, é coisa difícil fazer tão pouco como seja passar às mãos dos mensageiros o dinheiro que realmente pertence a Deus e que Ele lhes entregou para o administrarem.

Novamente me foi apresentado o sofredor e paciente Jesus, cujo amor tão profundo O levou a dar a vida pelo homem. Também vi o procedimento daqueles que professavam ser Seus seguidores. Eles tinham bens deste mundo mas consideravam coisa demasiado grande ajudar a causa da salvação. O anjo perguntou: "Podem estes entrar no Céu?" Outro anjo respondeu: "Não; nunca, nunca, nunca! Os que não se interessam pela causa de Deus na Terra jamais poderão cantar no Céu o cântico do amor redentor." Vi que a rápida obra que Deus estava fazendo na Terra logo seria abreviada em justiça, e que os mensageiros devem rapidamente ir em busca do rebanho disperso.

Começou a forte sacudidura e continuará, e todos os que não estiverem dispostos a assumir posição ousada e tenaz em prol da verdade, e a sacrificar-se por Deus e por Sua causa, serão joeirados. O anjo disse: "Achas que alguém será forçado a fazer sacrifícios? Não, absolutamente. Deverá ser uma oferta voluntária. Será preciso tudo para comprar o campo." Clamei a Deus para poupar a Seu [108] povo, dentre o qual alguns estavam desfalecentes e moribundos. Vi então que os juízos do Todo poderoso estavam para vir rapidamente, e roguei ao anjo que falasse ao povo em sua linguagem. Disse ele: "Todos os trovões e relâmpagos do monte Sinai não moveriam aqueles que não hajam de mover-se pelas claras verdades da Palavra de Deus; tampouco os despertaria a mensagem de um anjo."

Contemplei então a beleza e a formosura de Jesus. Suas vestes eram mais brancas do que o mais puro branco. Nenhuma linguagem pode descrever-Lhe a glória e exaltada formosura. Todos, quantos guardarem os mandamentos de Deus, entrarão na cidade pelas portas, e terão direito à árvore da vida, e sempre estarão na presença de Jesus, cujo semblante resplandece mais do que o Sol ao meio-dia.

Foi-me chamada a atenção para Adão e Eva no Éden. Participaram da árvore proibida e foram expulsos do jardim; e então foi colocada a espada inflamada em redor da árvore da vida, para que não participassem de seu fruto e fossem pecadores imortais. A árvore da vida destinava-se a perpetuar a imortalidade. Ouvi um anjo perguntar: "Quem, da família de Adão, passou pela espada inflamada, e participou da árvore da vida?" Ouvi outro anjo responder: "Ninguém da família de Adão passou pela espada inflamada e participou daquela árvore; não há, portanto, nenhum pecador imortal. A alma que pecar, morrerá morte eterna, morte esta que durará sempre, de que não haverá esperança de ressurreição; e então a ira de Deus se aplacará.

"Os santos descansarão na santa cidade, e reinarão como reis e sacerdotes durante mil anos; então Jesus descerá com os santos sobre o Monte das Oliveiras, que se partirá ao meio, e se transformará numa grande planície, para nela se estabelecer o Paraíso divino. O [109] resto da Terra não será purificado antes do final dos mil anos, ocasião em que os ímpios mortos ressuscitarão e se reunirão em torno da cidade. Os pés dos ímpios nunca profanarão a Terra renovada. De Deus descerá fogo do céu e os devorará; queimá-los-á, sem lhes deixar raiz nem ramo. Satanás é a raiz, e seus filhos são os ramos. O mesmo fogo que devorar os ímpios purificará a Terra." [110]

[111]

Capítulo 17 — O abalo das potestades do céu

A 16 de dezembro de 1848, o Senhor me deu uma visão acerca do abalo das potestades do céu. Vi que quando o Senhor disse "céu," ao dar os sinais registrados por Mateus, Marcos e Lucas, Ele queria dizer, céu, e quando disse "Terra", queria significar Terra. As potestades do céu são o Sol, a Lua e as estrelas. Seu governo é no firmamento. As potestades da Terra são as que governam sobre a Terra. As potestades do céu serão abaladas com a voz de Deus. Então o Sol, a Lua e as estrelas se moverão em seus lugares. Não passarão, mas serão abalados pela voz de Deus.

Nuvens negras e densas subiam e chocavam-se entre si. A atmosfera abriu-se e recuou; pudemos então olhar através do espaço aberto em Órion, donde vinha a voz de Deus. A santa cidade descerá por aquele espaço aberto. Vi que as potestades da Terra estão sendo abaladas agora, e os acontecimentos ocorrem em ordem. Guerras e rumores de guerra, espada, fome e pestilência devem primeiramente abalar as potestades da Terra, e então a voz de Deus abalará o Sol, a Lua e as estrelas, e também a Terra. Vi que a agitação das potências na Europa não é, como alguns ensinam, o abalo das potestades do [112] céu, mas sim o abalo das nações iradas.

Capítulo 18 — Preparação para o fim

A 14 de maio de 1851, vi a beleza e formosura de Jesus. Contemplando Sua glória, não me ocorreu o pensamento de que eu devesse separar-me de Sua presença. Vi uma luz provinda da glória que rodeava o Pai, e ao aproximar-se ela de mim, meu corpo tremeu e agitou-se como uma folha. Pensei que, se ela se aproximasse de mim, eu deixaria de existir; mas a luz passou por mim. Então pude ter alguma percepção do grande e terrível Deus com quem temos de tratar. Podia ver agora que vaga compreensão alguns têm da santidade de Deus, e quanto tomam em vão o Seu santo e reverendo nome, sem se compenetrarem de que é de Deus, o grande e terrível Deus, que estão falando. Ao orarem, muitos usam expressões descuidosas e irreverentes, que ofendem o terno Espírito do Senhor, e fazem com que suas petições não cheguem ao Céu.

Vi também que muitos não compreendem o que devem ser a fim de viverem à vista do Senhor sem um sumo sacerdote no santuário, durante o tempo de angústia. Os que hão de receber o selo do Deus vivo, e ser protegidos, no tempo de angústia, devem refletir completamente a imagem de Jesus.

Vi que muitos negligenciavam a preparação tão necessária, esperando que o tempo do "refrigério" e da "chuva serôdia" os habilitasse para estar em pé no dia do Senhor, e viver à Sua vista. Oh, quantos vi eu no tempo de angústia sem abrigo! Haviam negligenciado a necessária preparação, e portanto não podiam receber o refrigério que todos precisam ter para os habilitar a viver à vista de um Deus santo.

Os que recusam ser talhados pelos profetas, e deixam de purificar a alma na obediência da verdade toda, e se dispõem a crer que seu [113] estado é muito melhor do que realmente é, chegarão ao tempo em que as pragas cairão, e hão de ver então que necessitam ser talhados e lavrados para o edifício. Não haverá, porém, tempo para o fazer, e nem Mediador para pleitear sua causa perante o Pai. Antes desse tempo sairá a declaração terrivelmente solene de que: "Quem é

injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo seja santificado ainda.” Apocalipse 22:11.

Vi que ninguém poderia participar do “refrigério” a menos que obtivesse a vitória sobre toda tentação, orgulho, egoísmo, amor ao mundo, e sobre toda má palavra e ação. Deveríamos, portanto, estar-nos aproximando mais e mais do Senhor, e achar-nos fervorosamente à procura daquela preparação necessária para nos habilitar a estar em pé na batalha do dia do Senhor. Lembrem todos que Deus é santo, e [114] unicamente entes santos poderão morar em Sua presença.

Capítulo 19 — Lutas com a pobreza

Em Gorham, Maine, em 26 de agosto de 1847, nasceu nosso filho mais velho, Henrique Nichols White. Em outubro, o irmão e irmã Howland de Topsham, amavelmente nos ofereceram uma parte de sua casa, que alegremente aceitamos e demos início às ocupações domésticas com mobília emprestada. Éramos pobres, e passamos por tempos apertados. Tínhamos resolvido não depender de outrem, mas sustentar-nos a nós mesmos, e ter algo com que auxiliar outros. Mas não prosperávamos. Meu marido trabalhava muito arduamente transportando pedra na estrada de ferro, mas não ganhava o que lhe era devido por seu esforço. O irmão e irmã Howland liberalmente dividiam conosco sempre que podiam; mas eles também se encontravam em circunstâncias prementes. Criam amplamente na primeira e segunda mensagens, e haviam generosamente concedido de seus recursos para fazer avançar a obra, até que ficaram a depender de seu trabalho cotidiano.

Meu marido deixou de transportar pedra, e com seu machado foi à mata para rachar lenha. Com uma dor contínua no lado, trabalhava desde a madrugada até ao escurecer para ganhar uns cinqüenta centavos de dólar por dia. Nós nos esforçávamos por conservar bom ânimo, e confiar no Senhor. Eu não murmurava. Pela manhã sentia-me grata a Deus por nos haver guardado mais uma noite, e à noite sentia-me agradecida por ter-nos guardado mais um dia.

Um dia em que se haviam acabado as nossas provisões, meu marido foi ao seu patrão para obter dinheiro ou provisões. Era um dia tempestuoso, e ele andou quatro e meio quilômetros sob a chuva, na ida e na volta. Trouxe para casa às costas um saco de provisões amarrado em várias porções, havendo desta maneira atravessado a aldeia de Brunswick, onde muitas vezes ele realizara conferências. Ao entrar ele em casa, muito cansado, meu coração [115] desfaleceu dentro de mim. Minha primeira impressão foi que Deus nos havia abandonado. Disse ao meu marido: “Chegamos a este ponto? Deixou-nos o Senhor?” Não pude conter as lágrimas, e chorei

amargamente durante horas, até que desmaiei. Fez-se oração em meu favor. Logo senti a influência animadora do Espírito de Deus, e lamentei que tivesse sucumbido ao desânimo. Desejamos seguir a Cristo e ser semelhantes a Ele; mas algumas vezes desfalecemos sob provações, e ficamos distantes dEle. Os sofrimentos e as provações aproximam-nos de Jesus. A fornalha consome a escória e dá brilho ao ouro.

Foi-me mostrado nessa ocasião que o Senhor estivera a provar-nos para o nosso bem, e para preparar-nos a fim de trabalhar pelos outros; que Ele nos estivera agitando o ninho para que não acontecesse ficarmos ali muito bem acomodados. Nossa obra consistia em trabalhar pelas almas; se prosperássemos materialmente, o lar se tornaria tão agradável que não teríamos desejo de o deixar. Deus permitiu que nos sobreviessem provações a fim de que estas nos preparassem para as lutas ainda maiores que encontraríamos em nossas viagens. Logo recebemos cartas dos irmãos de vários Estados, convidando-nos para visitá-los; não tínhamos, porém, meios para sair de nosso Estado. Nossa resposta foi que o caminho não estava aberto diante de nós. Eu achava que me seria impossível viajar com nosso filhinho. Não desejávamos depender de outrem, e tínhamos o cuidado de viver dentro de nossos recursos. Estávamos resolvidos a sofrer, de preferência a contrair dívidas.

O pequenino Henrique logo caiu muito doente, e piorou tão depressa que ficamos bastante apreensivos. Estava em estado de torpor, com a respiração rápida e pesada. Demos-lhe remédios, mas sem resultados. Chamamos uma pessoa com prática de doença, a qual disse que seu restabelecimento era duvidoso. Tínhamos orado por ele, mas não houve mudança. Havíamos feito da criança uma des-[116]culpa para não viajar e trabalhar pelo bem de outrem, e receávamos que o Senhor estivesse para no-lo tirar. De novo fomos perante o Senhor, orando para que tivesse compaixão de nós e poupasse a vida da criança, e comprometendo-nos solenemente a sair confiando em Deus, para onde quer que Ele nos mandasse.

Nossas orações eram fervorosas e aflitas. Reclamávamos pela fé as promessas de Deus, e cremos que Ele ouviu os nossos clamores. A luz do Céu rompeu as nuvens e resplandeceu sobre nós. Nossas orações foram misericordiosamente ouvidas. Desde aquela hora a criança começou a restabelecer-se.

Primeira visita a Connecticut

Estando nós em Topsham, recebemos uma carta do irmão E. L. H. Chamberlain, de Middletown, Connecticut, insistindo conosco para assistirmos a uma conferência naquele Estado, em abril de 1848. Decidimos que iríamos, se pudéssemos conseguir os meios. Meu marido ajustou contas com seu patrão, verificando que tinha dez dólares a receber. Com cinco desses comprei roupa, de que estávamos muito necessitados, e então remendei o casaco de meu marido, remendando mesmo os remendos, a tal ponto que era difícil dizer qual era o pano original das mangas. Tínhamos de resto cinco dólares, com que faríamos a viagem até Dorchester, Massachusetts.

Nossa mala continha quase tudo que possuíamos na Terra; sentíamos, porém, paz de espírito e consciência limpa, e apreciávamos isso mais do que os confortos terrestres.

Em Dorchester, fomos visitar o irmão Otis Nichols e, ao sairmos dali, a irmã Nichols entregou a meu marido cinco dólares, com que custeamos nossa passagem para Middletown, Connecticut. Éramos estranhos em Middletown, pois nunca tínhamos visto qualquer irmão de Connecticut. De nosso dinheiro não restavam senão cinqüenta centavos de dólar. Meu marido não se atreveu a gastá-los numa corrida de carro, de modo que pôs a nossa mala sobre uma pilha alta de tábuas em um terreno próximo em que se guardavam madeiras, [117] e fomos a pé à procura de alguém que tivesse a mesma crença que nós. Logo encontramos o irmão Chamberlain, que nos recebeu em sua casa.

Conferência em Rocky Hill

A conferência em Rocky Hill foi realizada num grande quarto inacabado da casa do irmão Alberto Belden. Em carta ao irmão Stockbridge Howland, meu marido lhe dizia acerca da reunião, o seguinte:

"Em vinte de abril, o irmão Belden mandou a Middletown seu carro, puxado por dois cavalos, para nos trazer e aos irmãos esparsos naquela cidade. Chegamos lá aproximadamente às quatro horas da tarde, e poucos minutos depois chegaram os irmãos Bates e Gurney. Tivemos uma reunião, naquela noite, de mais ou menos

quinze pessoas. Sexta-feira de manhã chegaram mais irmãos até que atingimos o número de cinqüenta, mas nem todos haviam aceito toda a verdade. Nossa reunião aquele dia foi muito interessante. O irmão Bates apresentou os mandamentos sob uma clara luz, e por meio de valiosos testemunhos foi salientada a sua importância para cada um de nós. Suas palavras tiveram o efeito de confirmar os que já estavam na verdade e despertar os que não se haviam decidido completamente."

Ganhando dinheiro para pregar em outras regiões

Dois anos antes me fora mostrado que algum dia visitaríamos a parte ocidental do Estado de Nova Iorque. E agora, pouco depois de findar a conferência em Rocky Hill, fomos convidados para assistir a uma reunião geral em Volney, Nova Iorque, em agosto. O irmão Hiran Edson nos escreveu que os crentes eram pobres, e ele não podia prometer que fariam muito no sentido de custear nossas despesas, mas faria o que pudesse. Não tínhamos meios com que viajar. A saúde de meu marido era precária, mas apresentou-se-lhe a oportunidade para trabalhar no corte de feno, e decidiu aceitar o [118] trabalho.

Pareceu-nos então que deveríamos viver pela fé. Quando nos levantávamos pela manhã, prostrávamo-nos ao lado da cama, e rogávamos a Deus que nos desse forças para trabalhar durante o dia, e não podíamos ficar contentes sem a certeza de que o Senhor ouvira nossas orações. Meu marido saía então para manejar sua foice na força que Deus lhe dava. À noite, quando voltava para casa, novamente rogávamos a Deus forças com que ganhar recursos a fim de disseminar a verdade. Em carta ao irmão Howland, escrita no dia 2 de julho de 1848, ele falava assim desta experiência:

"Hoje o dia está chuvoso, de modo que não vou cortar feno, aliás não escreveria. Corto feno cinco dias para os incrédulos, e aos domingos para os crentes, e descanso no sétimo dia; não tenho, portanto, senão muito pouco tempo para escrever. ... Deus me dá forças para trabalhar arduamente o dia todo. ... Os irmãos Holt, João Belden e eu contratamos cem acres de pasto para cortar (uns quarenta hectares), ao preço de oitenta e sete e meio centavos de dólar o acre (uns quatro mil metros quadrados) a seco. Louvado seja

o Senhor! Espero ganhar alguns dólares para empregar na causa de Deus.”

Como resultado desse trabalho no campo de feno, meu marido ganhou quarenta dólares. Com uma parte desse dinheiro compramos alguma roupa necessária, e restaram meios suficientes para irmos à parte ocidental de Nova Iorque e voltarmos.

Eu não sentia boa saúde, e era-me impossível viajar e cuidar de nosso filho. Assim, deixamos nosso pequeno Henrique, com doze meses de idade, em Middletown, com a irmã Clarissa Bonfoey. Dura prova foi para mim separar-me de nosso filho; não ousamos permitir, porém, que nossa afeição por ele nos desviasse do caminho do dever. Jesus deu Sua vida para nos salvar. Quão pequeno é todo sacrifício que possamos fazer, quando comparado com o Seu!

Conferência em Volney

Nossa primeira reunião geral no oeste de Nova Iorque, iniciada a 18 de agosto, foi celebrada em Volney, no celeiro do irmão Davi [119] Arnold. Mais ou menos trinta e cinco pessoas estavam presentes, pois tantos eram os amigos que se poderiam reunir naquela parte do Estado. Entretanto desse número dificilmente haveria dois que estivessem de acordo entre si. Alguns se apegavam a erros sérios, e cada qual defendia tenazmente suas opiniões, declarando que estavam de acordo com as Escrituras.

Essa estranha divergência de opinião acarretava um peso tremendo sobre mim. Vi que muitos erros estavam sendo apresentados como verdade. Parecia-me que Deus estava sendo desonrado. Grande pesar me oprimia o espírito, e desmaiei sob aquele fardo. Alguns recearam que eu estivesse morrendo. Os irmãos Bates, Chamberlain, Gurney, Edson e meu esposo oraram por mim. O Senhor ouviu a oração de Seus servos, e eu me reanimei.

A luz do Céu repousou então sobre mim e logo perdi a noção das coisas terrestres. Meu anjo assistente me apresentou alguns dos erros dos presentes, e também a verdade em contraste com seus erros. Essas opiniões contraditórias, que eles pretendiam achar-se em harmonia com as Escrituras, estavam apenas de conformidade com a sua opinião no tocante aos ensinos da Bíblia; foi-me mandado

dizer-lhes que deveriam abandonar seus erros, e aceitar as verdades da mensagem do terceiro anjo.

Nossa reunião encerrou-se triunfantemente. A verdade ganhou a vitória. Nossos irmãos renunciaram a seus erros e uniram-se à mensagem do terceiro anjo; e Deus grandemente os abençoou e acrescentou muitos ao seu número. [120]

Visita ao irmão Snow

De Volney viajamos para Port Gibson, distante noventa quilômetros, para atender a outro compromisso em 27 e 28 de agosto. “Em caminho”, escreveu meu esposo em carta dirigida ao irmão Hastings, datada de 26 de agosto, “paramos em casa do irmão Snow, em Hannibal. Há naquele lugar oito ou dez preciosas almas. Os irmãos Bates, Simmons e Edson, com sua esposa, ficaram toda a noite com eles. Pela manhã Ellen foi tomada em visão, e, enquanto assim esteve, todos os irmãos chegaram. Um deles não estava de acordo conosco quanto à verdade do sábado, mas era humilde e bom. Ellen se levantou em visão, tomou a Bíblia grande, elevou-a perante o Senhor, e falou fazendo uso dela, levando-a então àquele humilde irmão, e a pôs em seus braços. Ele a tomou, enquanto lágrimas lhe caíam ao regaço. Então Ellen veio sentar-se ao meu lado. Ela esteve em visão hora e meia, tempo este em que não respirou absolutamente. Foi uma ocasião comovedora. Todos choravam muito de alegria. Deixamos o irmão Bates com eles, e aqui viemos com o irmão Edson.” [121]

Capítulo 20 — Providências animadoras

De novo fui chamada a sacrificar-me pelo bem das almas. Deveríamos privar-nos da companhia de nosso Henriquezinho, e sair a fim de nos entregarmos sem reservas à obra. Minha saúde estava quebrantada, e, se levasse meu filho, necessariamente ele ocuparia grande parte de meu tempo. Era uma prova severa, contudo não ousei deixar que impedisse o caminho de meu dever. Cria que o Senhor no-lo conservara com vida quando estivera muito doente, e, se eu o deixasse estorvar-me no cumprimento de meu dever, Deus mo haveria de tirar. Sozinha perante o Senhor, com o coração contristado e desfeita em pranto, fiz o sacrifício, e entreguei meu único filho aos cuidados doutra pessoa.

Deixamos Henrique com a família do irmão Howland, em quem depositávamos toda a confiança. Eles estavam dispostos a aceitar esse encargo a fim de ficarmos tão livres quanto possível para trabalhar na causa de Deus. Sabíamos que poderiam dispensar a Henrique melhor cuidado do que nós, se o levássemos conosco em nossas viagens. Sabíamos que ele teria proveito em ficar num lar de boa reputação e com boa disciplina, a fim de que sua índole branda não fosse prejudicada.

Foi-me penosa a separação de meu filho. Dia e noite eu me lembrava do rostinho triste com que ficou na ocasião em que o deixei; contudo na força do Senhor, afastei-o da memória, e procurei fazer o bem aos outros.

Durante cinco anos a família do irmão Howland tomou inteiro cuidado de Henrique. Tratavam dele sem qualquer remuneração, provendo-lhe toda a roupa, exceto o presente que eu lhe levava uma vez ao ano, como Ana fazia para Samuel.

Cura de Gilberto Collins

Numa manhã de fevereiro de 1849, durante o culto de família em casa do irmão Howland, foi-me revelado que era meu dever ir a [122]

Dartmouth, Massachusetts. Logo depois meu marido foi ao correio, e trouxe uma carta do irmão Filipe Collins, insistindo conosco para irmos a Dartmouth, pois seu filho estava muito doente. Fomos imediatamente, e soubemos que o menino, de treze anos de idade, havia já nove semanas estava doente com coqueluche, e ficara reduzido quase a um esqueleto. Os pais pensavam que estivesse tuberculoso, e estavam grandemente angustiados diante da perspectiva de perderem seu único filho.

Unimo-nos em oração a favor do rapaz, fervorosamente rogando ao Senhor que lhe poupasse a vida. Críamos que ele se restabeleceria, apesar de, segundo todas as aparências, não haver possibilidade para tal. Meu marido ergueu-o nos braços, exclamando enquanto caminhava pelo quarto: "Não morrerás, e sim viverás!" Acreditamos que Deus seria glorificado em seu restabelecimento.

Partimos de Dartmouth, e estivemos ausentes mais ou menos oito dias. Quando voltamos, o pequeno Gilberto veio ao nosso encontro. Havia aumentado quase dois quilos em peso. Encontramos os pais alegrando-se em Deus por essa manifestação do favor divino.

Cura da irmã Temple

Tendo recebido um pedido para visitar a irmã Hastings, de New Ipswich, New Hampshire, que estava muito doente, oramos nesse sentido, e obtivemos prova de que o Senhor iria conosco. Em caminho paramos em Dorchester, com a família do irmão Otis Nichols, e eles nos falaram acerca do sofrimento da irmã Temple, de Boston. Tinha, no braço uma ferida que lhe causava muita aflição, pois alastrava-se pela curva do cotovelo. Ela havia sofrido angustiosamente, e em vão recorrera aos meios humanos de cura. O último [123] esforço levara a doença aos pulmões, e ela temia que, a menos que conseguisse remédio imediato, a doença degeneraria em tuberculose.

A irmã Temple deixara recado para irmos orar por ela. Fomos receosos, pois em vão buscamos a certeza de que o Senhor operaria em seu favor. Entramos no quarto da doente, contando meramente com as promessas divinas. O braço da irmã Temple estava em estado tal que não o podíamos tocar, e fomos obrigados a verter óleo sobre ele. Unimo-nos então em oração, e reclamamos as promessas divinas. Durante a oração cessaram as dores do braço, e deixamos a irmã

Temple regozijando-se no Senhor. À nossa volta, oito dias depois, encontramo-la de boa saúde, trabalhando arduamente na lavagem de roupa.

A família de Leonardo Hastings

Encontramos a família do irmão Leonardo Hastings em profunda aflição. A irmã Hastings veio ao nosso encontro com lágrimas, exclamando: "O Senhor os mandou a nós numa ocasião de grande necessidade." Tinha ela um filhinho de aproximadamente oito semanas, que chorava continuamente quando acordado. Isso, além de seu péssimo estado de saúde, estava rapidamente lhe debilitando as forças.

Oramos fervorosamente a Deus pela mãe, seguindo as instruções dadas em Tiago, e tivemos a segurança de que nossas orações eram ouvidas. Jesus estava entre nós para quebrar o poder de Satanás e libertar a cativa. Mas compreendíamos que certamente a mãe não poderia readquirir muitas forças enquanto não cessasse o choro da criança. Nós a ungimos e oramos sobre ela, crendo que, tanto à mãe como ao filho, o Senhor daria paz e descanso. Assim foi feito. Cessaram os gritos da criança, e deixamos ambos passando bem. A gratidão da mãe era inexprimível.

Nossa entrevista com aquela estimada família foi muito preciosa. Nossos corações ficaram entrelaçados; especialmente o da irmã [124] Hastings ligou-se ao meu como o de Davi e Jônatas. Nossa união [125] não se alterou enquanto ela viveu.

Águas vivas — um sonho

Meu esposo tornou parte em reuniões em New Hampshire e no Maine. Durante sua ausência, fiquei muito perturbada receando que ele contraísse a cólera, que estava grassando. Uma noite, porém, sonhei que enquanto muitos estavam em redor de nós morrendo de cólera, meu marido me propôs que déssemos um passeio. Nesse passeio notei que seus olhos pareciam ensangüentados, o rosto vermelho, e os lábios pálidos. Disse-lhe que temia fosse ele fácil presa da cólera. Ele respondeu: "Andemos um pouco mais e te mostrarei um remédio seguro para a cólera."

Andamos um pouco mais e chegamos a uma ponte sobre um rio, onde ele abruptamente me deixou e desapareceu de minhas vistas, mergulhando na água. Fiquei espantada, mas ele logo surgiu segurando na mão um copo de água cristalina. Bebeu-a, dizendo: "Esta água cura todas as espécies de doenças." Mergulhou de novo, trouxe outro copo de água clara, e quando o ergueu repetiu as mesmas palavras.

Entristeci por ele não me haver oferecido um pouco da água. Ele disse: "Há no fundo deste rio, uma fonte secreta que cura todas as espécies de enfermidades; e todos os que dela desejam obter devem mergulhar ao acaso. Ninguém a pode obter para outrem. Cada qual deve mergulhar por si mesmo." Enquanto ele bebia o copo de água, eu olhava para seu rosto. Sua fisionomia era boa e natural. Parecia possuir saúde e vigor. Quando acordei, todos os meus temores se haviam dissipado, e confiei meu esposo ao cuidado de um misericordioso Deus, crendo plenamente que Ele o devolveria [126] para mim são e salvo.

Capítulo 21 — Oração e fé

Tenho visto freqüentemente que os filhos do Senhor negligenciam a oração, especialmente a oração secreta, e isso com freqüência; que muitos não exercem aquela fé que têm o privilégio e o dever de exercer, esperando muitas vezes receber aquele sentir que unicamente a fé pode trazer. Sentimento não é fé; ambos são coisas distintas. Toca a nós exercitar a fé; mas aquele sentimento de alegria e as bênçãos, Deus é quem os dá. A graça de Deus vem à alma pelo conduto da fé viva, e está ao nosso alcance exercitar semelhante fé.

A verdadeira fé apreende e reivindica a bênção prometida, antes que esta se realize e a experimentemos. Devemos, pela fé, enviar nossas petições para dentro do segundo véu, e fazer com que nossa fé se apodere da bênção prometida e a reclame como sendo nossa. Devemos então crer que recebemos a bênção, porque nossa fé se apoderou dela e, segundo a Palavra, é nossa. "Tudo o que pedirdes, orando, crede que o recebereis, e tê-lo-eis." Marcos 11:24. Isto é fé, e fé pura; o crer que recebemos a bênção, mesmo antes que a vejamos. Quando a bênção prometida se realiza, e é fruída, cessa a fé. Muitos supõem, todavia, que tem muita fé quando participam amplamente do Espírito Santo, e não podem ter fé a menos que sintam o poder do Espírito. Essas pessoas confundem a fé com as bênçãos que a acompanham.

O tempo em que propriamente deveríamos exercer a fé é aquele em que nos sentimos privados do Espírito. Quando densas nuvens de trevas parecem pairar sobre o espírito, é ocasião para fazer com que a fé viva penetre as trevas e disperse as nuvens.

A verdadeira fé baseia-se nas promessas contidas na Palavra de Deus, e apenas aqueles que obedecem a essa Palavra podem rogar [127] suas gloriosas promessas. "Se vós estiverdes em Mim, e as Minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito." João 15:7. "Qualquer coisa que Lhe pedirmos, dEle a receberemos; porque guardamos os Seus mandamentos, e fazemos o que é agradável à Sua vista." 1 João 3:22.

Deveríamos empregar muito tempo em oração particular. Cristo é a videira e nós as varas. E se desejamos crescer e florescer, devemos continuamente tirar seiva e nutrição da Videira viva; pois, separados da Videira, não temos forças.

Perguntei ao anjo por que não havia mais fé e poder em Israel. Disse ele: "Largais muito depressa o braço do Senhor. Enviai insistentemente vossas petições ao trono, e persisti nelas com fé firme. As promessas são certas. Crede que recebeis as coisas que pedis, e tê-las-eis." Foi-me então chamada a atenção para Elias. Ele era sujeito a paixões idênticas às nossas, e orou fervorosamente. Sua fé resistiu à prova. Sete vezes orou perante o Senhor, e finalmente viu a nuvenzinha.

Vi que havíamos duvidado das seguras promessas, e ofendido o Salvador pela nossa falta de fé. Disse o anjo: "Cingi a armadura, e sobretudo tomai o escudo da fé; pois isso resguardará o coração, a própria vida, dos dardos inflamados do maligno." Se o inimigo puder levar os desanimados a desviar de Jesus os olhos, a olhar para si mesmos e ocupar-se com sua própria indignidade, em vez de considerar a dignidade de Jesus, Seu amor, Seus méritos e Sua grande misericórdia, ele lhes tirará a proteção da fé e alcançará seu objetivo; e eles ficarão expostos às suas terríveis tentações. Os fracos, portanto, deverão olhar para Jesus, e crer nEle. Então exercitarão a fé. [128]

Capítulo 22 — Iniciando a obra de publicações

Numa reunião efetuada em Dorchester, Massachusetts, em novembro de 1848, foi-me concedida uma visão da proclamação da mensagem do assinalamento, e do dever que incumbia aos irmãos de publicarem a luz que resplandecia em nosso caminho.

Depois da visão eu disse ao meu esposo: "Tenho uma mensagem para ti. Deves começar a publicar um pequeno jornal e mandá-lo ao povo. Seja pequeno a princípio; mas, lendo-o o povo, mandar-te-ão meios com que imprimi-lo, e alcançará bom êxito desde o princípio. Desde este pequeno começo foi-me mostrado assemelhar-se a torrentes de luz que circundavam o mundo."

Enquanto estávamos em Connecticut, no verão de 1849, meu esposo ficou profundamente convencido de que chegara o tempo de ele escrever e publicar a verdade presente. Decidindo-se a fazer isso, sentiu-se grandemente animado e abençoado. De novo, porém, iria ficar em dúvida e perplexidade, visto que estava sem vintém. Havia os que tinham meios; mas estes preferiram guardá-los. Finalmente desistiu, desanimado; e decidiu-se a procurar um campo de feno para contratar a colheita.

Quando ele saiu de casa, senti afligir-me um grande peso, e desmaiei. Fizeram-se orações por mim, e Deus me abençoou, arrebatando-me em visão. Vi que o Senhor abençoara e fortalecera meu esposo para trabalhar no campo um ano antes; que ele fizera emprego correto dos recursos ganhos ali; e teria cem vezes mais nesta vida e, se fosse fiel, uma preciosa recompensa no reino de Deus; que o Senhor porém, não lhe daria agora forças para trabalhar no campo, pois Ele lhe destinava outro trabalho, e, caso se aventurasse a ir ao campo, seria prostrado pela enfermidade; pois o que devia fazer era escrever, escrever, escrever e andar pela fé. Imediatamente começou [129] a escrever, e quando chegava a alguma passagem difícil, uníamo-nos em oração a Deus, rogando a compreensão do verdadeiro sentido de Sua palavra.

A “verdade presente” (present truth)

Um dia de julho, meu esposo trouxe para casa, de Middletown, mil exemplares do primeiro número de seu jornal. Várias vezes, enquanto era preparada a matéria para ser publicada, ele foi a Middletown, numa distância de doze quilômetros, e voltara, a pé; mas neste dia tomou emprestado do irmão Belden o cavalo e o carro, para trazer para casa os jornais.

As preciosas páginas impressas foram trazidas para casa e postas no chão, e então um pequeno grupo de interessados ali se reuniu. Ajoelhamo-nos em redor dos jornais e, com coração humilde e muitas lágrimas, rogamos ao Senhor que fizesse Sua bênção repousar sobre aqueles mensageiros da verdade.

Depois de termos dobrado os jornais e meu marido haver em- [130] brulhado e endereçado exemplares para todos os que ele julgava os leriam, pô-los numa malinha e, a pé, levou-os ao correio de Middletown.

Durante julho, agosto e setembro, foram impressos em Middletown quatro números do jornal de oito páginas cada um. Sempre antes de os jornais serem expedidos, nós os expúnhamos perante o Senhor, e fazíamos a Deus fervorosas orações de mistura com lágrimas, a fim de que Sua bênção acompanhasse os silenciosos mensageiros. Logo depois da expedição do primeiro número, recebemos cartas que continham meios com que continuar a editar o jornal, bem como as boas novas de muitas almas que abraçavam a verdade.

Com o início desta obra de publicação, não cessamos nossos labores de pregar a verdade, mas viajamos de um lugar para outro, proclamando as doutrinas que nos haviam trazido tão grande luz e alegria, animando os crentes, corrigindo erros, e pondo as coisas em ordem na igreja. No intuito de levar avante o empreendimento das publicações, e ao mesmo tempo continuar nossa atividade nas várias partes do campo, o jornal, de tempos a tempos, era transferido de um lugar para outro.

Visita ao estado de Maine

No dia 28 de julho de 1849, nasceu meu segundo filho, Tiago Edson White. Estando ele com seis semanas de idade, fomos a Maine. A 14 de setembro assistimos a uma reunião em Paris. Estavam presentes os irmãos Bates, Chamberlain, Ralph e outros crentes de Topsham. O poder de Deus desceu, até certo ponto como o fez no dia de Pentecoste, e cinco ou seis dos que haviam sido iludidos e levados em erro e fanatismo, foram prostrados ao chão. Pais confessaram aos filhos, e filhos aos pais, e uns aos outros. O irmão J. N. Andrews, [131] com profunda emoção, exclamou: "Trocaria mil erros por uma verdade." Poucas vezes, temos testemunhado tal cena de confissão e rogos insistentes a Deus para que conceda perdão. Aquela reunião, que foi o começo de melhores dias para os filhos de Deus em Paris, foi-lhes um oásis no deserto. O Senhor estava preparando o irmão Andrews para ser útil, no futuro, e lhe estava proporcionando uma experiência que lhe seria de grande valor em seus futuros trabalhos.

Avançando pela fé

Numa reunião realizada em Topsham alguns dos irmãos presentes exprimiram o desejo de que de novo visitássemos o Estado de Nova Iorque. Mas minha saúde debilitada me abatia o ânimo. Disse-lhes que não ousava arriscar-me, a menos que o Senhor me fortalecesse para essa tarefa. Oraram por mim, e as nuvens se dissiparam; contudo não havia recebido a força que tanto desejava. Resolvi andar pela fé, e ir, apegando-me à promessa: "Minha graça te basta." 2 Coríntios 12:9.

Em viagem para Nova Iorque, nossa fé foi provada, mas obtivemos a vitória. Minhas forças aumentaram, e pude regozijar-me em Deus. Muitos haviam abraçado a verdade depois de nossa primeira visita, mas muito havia para ser feito por eles; e foi necessária toda a nossa energia nesse trabalho.

Trabalho em Oswego

Durante os meses de outubro e novembro, enquanto estivemos viajando, esteve suspensa a publicação do jornal, mas meu esposo ainda sentia sobre si o encargo de escrever e publicar. Alugamos uma

casa em Oswego, tomamos mobília emprestada de nossos irmãos, e começamos a vida caseira. Ali meu marido escreveu, publicou e [132] pregou.

Capítulo 23 — Em visita aos irmãos

Enquanto estávamos em Oswego, Nova Iorque, em princípios de 1850, fomos convidados para visitar Camden, cidade situada mais ou menos sessenta quilômetros mais para o leste. Antes de irmos, foi-me mostrado o pequeno grupo de crentes daquele lugar, e entre ele vi uma mulher que professava muita piedade, mas era hipócrita e estava enganando o povo de Deus.

A reunião em Camden

Sábado de manhã, um bom grupo se reuniu para o culto, mas a enganadora não estava presente. Indaguei de uma irmã se estavam ali todos os componentes de seu grupo. Ela disse que sim. A mulher que eu vira na visão morava a seis quilômetros de distância, e a irmã não se lembrara dela. Mas logo entrou, e eu a reconheci imediatamente como sendo a mulher cujo verdadeiro caráter o Senhor me havia mostrado.

No decorrer da reunião, ela falou longamente dizendo que tinha perfeito amor e desfrutava santidade de coração, que não tinha provas nem tentações, mas fruía perfeita paz e se submetia à vontade de Deus.

Voltei da reunião para a casa do irmão Preston, sentindo grande tristeza. Naquela noite, sonhei que se abrira diante de mim um compartimento secreto, cheio de lixo, e foi-me dito que eu deveria limpá-lo. À luz de uma lanterna removi o lixo, e disse àqueles que comigo estavam que o quarto poderia ser ocupado com coisas de mais valor.

Domingo de manhã, reunimo-nos com os irmãos, e meu esposo levantou-se para pregar sobre a parábola das dez virgens. Ele não sentia liberdade para falar, e propôs que tivéssemos uns momentos de oração. Curvamo-nos perante o Senhor, e entregamo-nos à oração fervorosa. Removeu-se a nuvem negra, e fui arrebatada em visão, [133] sendo-me novamente apresentado o caso daquela mulher. Ela me foi

mostrada achar-se em trevas completas. Estampava-se no semblante de Jesus Seu desagrado contra ela e seu marido. Aquele temível semblante carregado fez-me tremer. Vi que ela agira hipocritamente, professando santidade ao passo que tinha o coração inteiramente corrompido.

Ao sair eu da visão, relatei, em estado de agitação, mas com fidelidade, o que vira. A mulher disse calmamente: "Estou satisfeita por conhecer o Senhor o meu coração. Ele sabe que O amo. Se tão-somente meu coração pudesse abrir-se para ser esquadrinhado, os senhores veriam que é puro e limpo."

Alguns dos presentes vacilaram. Não sabiam se deveriam crer no que o Senhor me mostrara ou permitir que as aparências pesassem contra o testemunho que eu apresentara.

Não muito tempo depois disso, apoderou-se da mulher um medo terrível. O terror apoderou-se dela, que começou a confessar. Chegou a ir de casa em casa entre seus vizinhos incrédulos, confessando que o homem com quem vivia durante anos não era seu marido, que ela fugira da Inglaterra, deixando um benigno esposo e um filho. Confessou muitos outros atos ímpios. Seu arrependimento parecia ser genuíno, e nalguns casos restituiu o que havia tomado ilicitamente.

Em resultado dessa experiência, nossos irmãos e irmãs em Camden, e seus vizinhos, ficaram plenamente firmados na crença de que Deus me revelara as coisas de que eu falara, e por misericórdia e amor lhes fora dada a mensagem para os salvar do engano e perigoso erro.

Em Vermont

Na primavera de 1850, decidimos visitar Vermont e Maine. Dei- [134] xei meu pequeno Edson, então com nove meses de idade, em casa da irmã Bonfoey, enquanto prosseguíamos fazendo a vontade de Deus. Trabalhamos arduamente, sofrendo muitas privações, para conseguir pouco. Encontramos os irmãos e as irmãs em estado de dispersão e confusão. Quase cada um estava contaminado por algum erro, e todos pareciam zelosos de suas próprias opiniões. Freqüentemente sofríamos intensa angústia de espírito, por ver quão poucos se achavam dispostos a escutar as verdades bíblicas, ao passo que

avidamente se apegavam ao erro e ao fanatismo. Fomos obrigados a fazer um percurso cansativo de sessenta e cinco quilômetros em diligência para chegarmos a Sutton, que era o lugar determinado.

Reagindo contra o desânimo

A primeira noite após nossa chegada ao lugar da reunião, fui presa de desânimo. Procurei vencê-lo, mas parecia impossível dominar meus pensamentos. A lembrança de meus filhinhos oprimia-me o espírito. Deixáramos no Estado de Maine, um com a idade de dois anos e oito meses, e no de Nova Iorque, outro com nove meses. Acabáramos de fazer uma viagem enfadonha com grande sofrimento, e eu pensava naqueles que fruíam a companhia de seus filhos, em lar próprio e tranqüilo. Passei em revista nossa vida anterior, evocando expressões que tinham sido usadas por uma irmã, havia apenas poucos dias, a qual achava que deveria ser muito agradável andar viajando pelo país, sem coisa alguma para me incomodar. Era precisamente a vida que ela gostaria de fruir. Naquela mesma ocasião meu coração ansiava por meus filhos, especialmente o menor que estava em Nova Iorque. Eu acabara de sair de meu quarto de dormir, onde estivera batalhando com meus sentimentos e, com muitas lágrimas, buscara do Senhor forças para conter a murmuração a fim de alegremente negar-me a mim mesma por amor a Jesus. Nesse estado de espírito adormeci, e sonhei que um anjo alto estava ao [135] meu lado e perguntava-me por que estava triste. Mencionei-lhe os pensamentos que me haviam perturbado, e disse: “Tão pouco bem posso eu fazer; por que não poderemos estar com nossos filhos, e desfrutar sua companhia?” Ele falou: “Deste ao Senhor duas belas flores, cujo aroma é perante Ele como o suave incenso, e à Sua vista é mais precioso do que o ouro e a prata, pois é uma dádiva do coração. Ela faz vibrar cada fibra do coração como nenhum outro sacrifício o faz. Não deves olhar para as aparências do momento, [136] mas conservar os olhos unicamente em teu dever, tão somente na glória de Deus, e trilhar os caminhos abertos por Sua providência; e tua vereda iluminar-se-á diante de ti. Toda renúncia própria, todo sacrifício, são fielmente registrados e terão o seu galardão.”

Trabalhos no Canadá

A bênção do Senhor acompanhou nossa conferência em Sutton, e depois de terminada a reunião, partimos para o este do Canadá. Minha garganta me incomodava muito, e eu não podia falar alto, nem mesmo cochichar, sem sofrimento. Em viagem, orávamos, pedindo forças para resistir à jornada.

Assim fomos até chegar a Melbourne. Esperávamos encontrar oposição ali. Muitos dos que professavam crer na próxima vinda de nosso Senhor, combatiam a lei de Deus. Sentimos a necessidade de forças do alto. Oramos para que o Senhor Se nos manifestasse. Eu orava com fervor para sarar da garganta e recuperar a voz. Tive a prova de que a mão do Senhor me tocara ali. A dificuldade foi instantaneamente removida, e a voz ficou clara. A tocha do Senhor brilhou em redor de nós naquela reunião, e fruímos grande liberdade. Os filhos de Deus foram grandemente fortalecidos e animados.

Reuniões em Johnson

Logo voltamos a Vermont e realizamos uma notável reunião em Johnson. De passagem paramos vários dias em casa do irmão E. P. Butler. Achamos que ele e outros crentes ao norte de Vermont, tinham sido excessivamente perturbados e provados pelos falsos ensinos e desenfreado fanatismo de um grupo de pessoas que se arrogavam completa santificarão e, sob a aparência de grande santidade, seguiam método de vida que redundava em opróbrio para o nome de cristão. [137]

[138] Em sua vida e caráter, os dois homens que eram os líderes do fanatismo, assemelhavam-se muito àqueles que quatro anos antes encontráramos em Claremont, New Hampshire. Ensinavam a doutrina da extrema santificação, pretendendo não poderem pecar e estarem preparados para a trasladação. Praticavam o magnetismo e pretendiam receber iluminação divina ao estarem numa espécie de êxtase.

Não se ocupavam com o trabalho regular, mas em companhia de duas mulheres, que não eram suas esposas, viajavam de um lugar para outro, exigindo hospitalidade do povo. Mediante sua influência

sutil e mesmérica conseguiram grande simpatia entre alguns jovens filhos de crentes.

O irmão Butler era homem de toda a integridade. Estava perfeitamente apercebido da má influência das teorias fanáticas, e era ativo na oposição aos falsos ensinos e pretensões arrogantes daqueles homens. Além disso, explicou-nos que não cria em visões de espécie alguma.

Com certa relutância o irmão Butler concordou em assistir à reunião em casa do irmão Lovejoy, em Johnson. Os dois homens dirigentes do fanatismo, e que grandemente haviam enganado e oprimido os filhos de Deus, compareceram à reunião, acompanhados das duas mulheres vestidas de alvo linho e com os longos cabelos negros soltos sobre os ombros. Os vestidos de linho branco deveriam simbolizar a justiça dos santos.

Eu tinha uma mensagem de reprovação para eles, e, enquanto falava, o principal daqueles dois homens mantinha os olhos fixos em mim, como já haviam feito os magnetizadores. Eu, porém, não tinha receio de sua influência magnética. Do Céu me era dada força para sobrepor-me ao seu poder satânico. Os filhos de Deus que haviam [139] estado em cativeiro, começaram a respirar livremente e a regozijar-se no Senhor.

Durante a reunião, aqueles fanáticos procuraram levantar-se para falar, mas não tiveram oportunidade. Foi explicado a eles que sua presença não era necessária, mas preferiram ficar. Então o irmão Samuel Rhodes agarrou o espaldar da cadeira em que uma das mulheres estava sentada, e arrastou-a para fora da sala, levando-a porta fora até o quintal. Voltando à sala, arrastou da mesma maneira a outra mulher. Os dois homens abandonaram a sala, mas procuraram reingressar.

Enquanto era feita a oração final da reunião, o segundo dos dois homens veio à porta e pôs-se a falar. A porta foi fechada diante dele. Ele a abriu e pôs-se de novo a falar. Então o poder de Deus veio sobre o meu esposo. Tinha o rosto lívido ao levantar-se de sobre os joelhos. Ergueu as mãos diante do homem, exclamando: “O Senhor não necessita de teu testemunho aqui. O Senhor não quer que estejas aqui para perturbar e oprimir Seu povo.”

O poder de Deus encheu a sala. O homem pareceu aterrorizar-se e, recuando através do pórtico, penetrou em outra sala. Cambaleou

pela sala e caiu de encontro à parede, e recobrando o equilíbrio achou a saída para fora da casa. A presença do Senhor, que foi tão desagradável para os pecadores fanáticos, impressionou com grandíssima solenidade o grupo. Depois, porém, que se foram os filhos das trevas, uma doce paz do Senhor repousou sobre nosso grupo. Depois dessa reunião os falsos e traiçoeiros ensinadores de perfeita santidade nunca mais puderam restabelecer seu poder sobre nossos irmãos.

A experiência dessa reunião fez-nos ganhar a confiança e a [140] solidariedade do irmão Butler.

Capítulo 24 — Publicando novamente

De Oswego fomos a Centerport, em companhia do irmão e irmã Edson, e estabelecemos nosso lar em casa do irmão Harris, onde publicamos uma revista mensal intitulada *Advent Review* (Revista do Advento).

Review and Herald (revista e arauto)

Em novembro de 1850, o jornal foi publicado em Paris, Maine. Ali foi aumentado o formato e seu nome mudado para: *Advent Review and Sabbath Herald* (Revista do Advento e Arauto do Sábado). Pagávamos pensão em casa da família do irmão A. Queríamos viver com poucos gastos para que o jornal pudesse ser mantido. Os amigos da causa eram poucos e pobres em bens deste mundo e fomos ainda obrigados a lutar com a pobreza e grande desânimo. Sobrecarregavam-nos os cuidados, e muitas vezes ficávamos sentados até à meia-noite, e em certas ocasiões até às duas ou três da madrugada, lendo as provas.

Trabalho excessivo, cuidados, ansiedades, falta de alimento próprio e nutriente, exposição ao frio em nossas longas viagens de inverno eram coisas demasiadas para meu marido, e ele cedeu ao peso desse fardo. Ficou tão fraco que dificilmente podia andar para a redação. Nossa fé foi provada ao extremo. Tínhamos voluntariamente suportado privações, trabalhos, sofrimentos, e não obstante nossos intuitos eram mal-interpretados, e éramos olhados com desconfiança e receio. Poucos daqueles por cujo bem havíamos sofrido, pareciam apreciar nossos esforços.

Estávamos por demais perturbados para poder dormir ou repousar. As horas em que deveríamos ser refeitos pelo sono eram freqüentemente empregadas em responder a longa correspondência motivada pela inveja. Muitas horas, enquanto outros dormiam, passamos em prantos angustiosos e lamentações perante o Senhor. [141] Finalmente disse meu marido: “Minha esposa, não vale a pena tentar

lutar por mais tempo. Essas coisas estão me oprimindo demasiadamente, e logo me levarão ao túmulo. Não posso prosseguir. Escrevi para o jornal uma nota em que declaro que não o publicarei mais." Quando ele saiu da sala para levar a nota à redação, eu desmaiei. Ele voltou e orou por mim. Sua oração foi atendida e fiquei aliviada.

Na manhã seguinte, durante o culto doméstico, caí em visão e fui instruída a respeito do assunto. Vi que meu marido não devia abandonar o jornal, pois Satanás estava experimentando impeli-lo a dar exatamente esse passo, e estava operando por meio de seus agentes para tal fim. Foi-me mostrado que deveríamos continuar a publicar, e o Senhor nos ampararia.

Logo recebemos convites insistentes para realizar conferências em vários Estados, e decidimos tomar parte nas reuniões gerais em Boston, Massachusetts; em Rocky Hill, Connecticut; em Camden e West Milton, Nova Iorque. Todas estas eram reuniões trabalhosas, mas muito proveitosas para nossos irmãos dispersos.

Mudança para Saratoga Springs

Demoramo-nos em Ballston, Spa, algumas semanas, até que decidimos que as publicações deveriam ser feitas em Saratoga Springs. Alugamos então uma casa e mandamos chamar os irmãos Stephen Belden e esposa, e a irmã Bonfoey, que na ocasião se achava no Maine cuidando do pequeno Edson; e com petrechos domésticos emprestados, iniciamos a vida caseira. Ali meu esposo publicou o segundo volume do *Advent Review and Sabbath Herald*.

A irmã Annie Smith, que ora dorme em Jesus veio morar conosco e ajudar-nos na obra. Seu auxílio era necessário. Em carta [142] dirigida ao irmão Howland, datada de 20 de fevereiro de 1852, [143] meu marido exprimiu suas impressões dessa ocasião, nos seguintes termos: "Todos, exceto eu, acham-se excepcionalmente bem. Não posso resistir por muito tempo aos trabalhos de viajar e tratar da publicação. Quarta-feira à noite trabalhamos até às duas horas da madrugada, dobrando e encapando o número 12 da *Review and Herald*; fui então acomodar-me, e tossi até à manhã. Ore por mim. A causa está prosperando gloriosamente. Talvez o Senhor não mais tenha necessidade de mim, e me deixe repousar no túmulo. Espero ficar livre do jornal. Tenho permanecido ao lado dele em extrema

adversidade; e agora que seus amigos são muitos, sinto-me livre para deixá-lo, caso possa encontrar alguém que dele se encarregue. Espero que meu lugar se vague. Queira o Senhor dirigir isso.”

Em Rochester, Nova Iorque

Em abril de 1852, mudamo-nos para Rochester, Nova Iorque, sob as mais desanimadoras circunstâncias. A cada passo éramos obrigados a avançar pela fé. Sentíamo-nos tolhidos pela pobreza, e compelidos a exercer a mais rígida economia e abnegação. Farei um breve extrato de uma carta à família do irmão Howland, datada de 16 de abril de 1852.

“Acabamos de estabelecer-nos em Rochester. Alugamos uma casa velha por cento e setenta e cinco dólares por ano. Temos o prelo na casa. Se não fosse isso teríamos de pagar cinqüenta dólares anualmente por uma sala para a redação. Haveríeis de rir se nos vísseis e a nossa mobília. Compramos duas velhas armações de cama por vinte e cinco centavos de dólar cada. Meu marido trouxe para casa seis cadeiras velhas, dentre as quais não se acham duas iguais, pagando pelas mesmas um dólar. Logo presenteou-me com mais quatro cadeiras velhas sem assento, que lhe custaram setenta e dois centavos de dólar. A armação era forte e fiz para elas assentos de lona. [144] Manteiga é coisa tão cara que não a compramos, tampouco podemos [145] nos abastecer de batatas. Usamos molho em lugar de manteiga, e nabos em vez de batatas. Nossas primeiras refeições foram tomadas numa tábua colocada sobre duas barricas de farinha vazias. Estamos dispostos a suportar privações para que a obra de Deus possa avançar. Cremos que a mão do Senhor esteve sobre nós ao virmos para este lugar. Há um vasto campo para o trabalho, e os obreiros são poucos. Sábado passado, nossa reunião foi excelente. O Senhor nos confortou com Sua presença.”

Fazendo esforços

Labutamos em Rochester com muita perplexidade e desânimo. A colera-morbus visitou a cidade e, enquanto grassava, ouvia-se nas ruas, a noite toda, o ruído dos carros que transportavam os mortos para o cemitério de Mount Hope. Essa doença não somente dizimou

os de humilde condição, mas fez vítimas entre todas as classes da sociedade. Os mais hábeis médicos pereceram, e foram levados a Mount Hope. Quando passávamos pelas ruas em Rochester, quase em cada recanto encontrávamos carros contendo caixões toscos de pinho, em que se poriam os mortos.

Nosso pequeno Edson, foi atacado, e o levamos ao grande Médico. Tomei-o nos braços, e em nome de Jesus repreendi a doença. Ele logo sentiu alívio, e, como uma irmã começasse a orar ao Senhor para o curar, nosso companheirinho de três anos olhou admirado, e disse: "Não precisam orar mais, porque o Senhor já me curou." Ele estava muito fraco, mas a doença não progrediu. Contudo não adquiriu forças. Nossa fé devia ainda ser provada. Durante três dias ele nada comeu.

Escrevendo e trabalhando

Tínhamos compromissos para dois meses, incluindo Rochester, [146] Nova Iorque, até Bangor, Maine; e devíamos fazer essa viagem em nossa carroça coberta e com o nosso bom cavalo Charlie, que nos fora dado pelos irmãos de Verrnont. Mas ousaríamos deixar a criança em estado tão crítico? Contudo, decidimos ir, a menos que houvesse uma mudança para pior. Dentro de dois dias deveríamos começar a viagem, a fim de atingir o ponto de nosso primeiro compromisso. Apresentamos o caso ao Senhor, considerando o desejo de se alimentar, por parte da criança, como sinal de que deveríamos decidir partir. No primeiro dia não houve mudança para melhor. Não pôde tomar alimento algum. No dia seguinte, perto do meio-dia, pediu mingau; e este o nutriu.

Começamos a viagem naquela tarde. Aproximadamente às quatro horas tomei meu filho doente sobre um travesseiro, e viajamos trinta quilômetros. Ele parecia estar muito nervoso aquela noite. Não pude dormir e conservei-o nos braços durante quase toda a noite.

Na manhã seguinte consultamo-nos mutuamente se deveríamos voltar a Rochester ou prosseguir. A família que nos havia hospedado disse que, se fôssemos, iríamos sepultar a criança em caminho; e, segundo toda a aparência, assim seria. Mas não ousei voltar a Rochester. Críamos que a aflição da criança era obra de Satanás, a fim de nos impedir de viajar; e não nos atrevíamos a nos render

a ele. Disse a meu marido: “Se voltarmos, imagino que a criança morrerá. Ela poderá morrer a não ser que prossigamos. Continuemos a viagem confiantes no Senhor.”

Tínhamos diante de nós uma jornada de aproximadamente cento e cinqüenta quilômetros, para fazer em dois dias; contudo acreditávamos que o Senhor operaria em nosso favor nessa ocasião extrema. Eu estava bastante exausta e receava dormir e deixar a criança cair dos braços; nessas condições, coloquei-a em meu colo e a amarrei à cintura, e ambos dormimos naquele dia grande parte da distância. A [147] criança reanimou-se e continuou a adquirir forças durante a viagem, e a trouxemos, de volta para casa, em condições satisfatórias.

O Senhor nos abençoou grandemente na viagem a Vermont. Meu esposo teve muitas preocupações e trabalho. Em várias conferências ele fez a maior parte das pregações, vendeu livros e esforçou-se para aumentar a circulação da revista. Quando se acabava uma conferência, apressávamo-nos para a outra. Ao meio-dia alimentávamos o cavalo ao lado da estrada e tomávamos a nossa merenda. Em seguida, colocando o papel sobre a tampa da caixa em que levávamos a comida, ou na copa do chapéu, meu esposo escrevia artigos para a *Review* e para o *Instructor*.

No verão de 1853, fizemos nossa primeira visita a Michigan. Logo depois de nossa volta a Rochester, Nova Iorque, ele começou a escrever o livro Sinais dos Tempos. Ele ainda estava fraco e pouco podia dormir, mas o Senhor era o seu amparo. Quando seu espírito se encontrava em estado de confusão e sofrimento, curvávamo-nos diante de Deus, e em nossa angústia a Ele clamávamos. Ele ouvia nossas orações fervorosas e muitas vezes abençoou a meu marido de modo que, com o espírito reanimado, prosseguia com o trabalho. Muitas vezes durante o dia íamos assim perante o Senhor em fervorosa oração. Aquele livro, ele não o escreveu em sua própria força.

Visita a Michigan e Wisconsin

Na primavera de 1854, visitamos novamente Michigan; e, conquanto fôssemos obrigados a viajar por caminhos atravancados de paus ou através de lodaçais, minha força não desfaleceu. Tínhamos o

pressentimento de que o Senhor desejava que visitássemos Wisconsin, e já noite avançada providenciamos, em Jackson, o embarque.

Enquanto nos preparávamos para tomar o trem, sentíamo-nos muito impressionados e resolvemos dedicar uns momentos à oração; e, ao entregar-nos a Deus, não pudemos reprimir as lágrimas. Fomos [148] à estação sentindo profunda impressão. Ao tomar o trem, fomos para um carro da frente, que tinha assentos com espaldares altos, esperando assim que pudéssemos dormir um pouco aquela noite. O carro estava repleto, e passamos ao imediato, e ali encontramos lugares. Contrariamente ao meu hábito quando viajava à noite, não tirei o chapéu, e conservei minha malinha nas mãos, como se estivéssemos esperando alguma coisa. Falávamos sobre os sentimentos estranhos de que nos achávamos possuídos.

O trem havia percorrido mais ou menos quatro e meio quilômetros de Jackson, quando seu movimento se tornou muito violento, e foi sacudido para a frente e para trás, parando, finalmente. Abri a janela e vi um carro quase levantado pela extremidade. Ouvi gemidos angustiosos, e havia grande confusão. A máquina saltara dos trilhos, mas o carro em que nos achávamos estava na linha e encontrava-se uns trinta metros afastado dos da frente. O engate não estava quebrado mas o nosso carro fora desligado do que lhe estava à frente, como se um anjo os houvesse separado. O carro das bagagens não ficou muito danificado, e nossa mala grande de livros estava intacta. O carro de segunda classe ficou destruído, e os pedaços, juntamente com os passageiros, juncavam o solo em ambos os lados da linha. O carro em que buscáramos arranjar lugar, estava muito quebrado, e tinha uma extremidade levantada sobre o monte de destroços. Quatro foram mortos ou mortalmente feridos; e muitos ficaram bastante feridos. Não podíamos deixar de compreender que Deus enviara um anjo para nos preservar a vida.

Voltamos à casa do irmão Cirineu Smith, perto de Jackson, e no dia seguinte tomamos o trem para Wisconsin. Nossa visita àquele Estado foi abençoada por Deus. Como resultado de nossos esforços converteram-se almas. O Senhor me fortaleceu para resistir à [149] cansativa viagem.

A volta a Rochester

Voltamos de Wisconsin muito cansados, desejando repouso, mas ficamos angustiados ao encontrar doente a irmã Ana. A doença havia-se apoderado dela, e ela ficou muito mal. As provações concentravam-se em redor de nós. Muitos eram os nossos cuidados. O pessoal da publicação tomava pensão em nossa casa, e assim as pessoas eram ali em número de quinze a vinte. As grandes conferências e as reuniões aos sábados eram realizadas em casa. Não tínhamos sábados sossegados; pois algumas das irmãs habitualmente ficavam o dia todo, com seus filhos. Nossos irmãos e irmãs geralmente não consideravam o incômodo nem os cuidados e despesas extras que nos acarretavam. Visto que um após outro dos que trabalhavam nas publicações vinha doente para casa, necessitando de atenção especial, fiquei receosa de que desfalecêssemos sob a ansiedade e cuidados. Muitas vezes pensei que não mais poderíamos resistir; entretanto aumentavam as provações e com surpresa eu percebia que não estávamos vencidos. Aprendemos a lição de que se poderiam suportar muito mais sofrimento e provações do que havíamos julgado possível. Os olhos vigilantes do Senhor estavam sobre nós, para fazer com que não fôssemos destruídos.

A 29 de agosto de 1854 aumentou a nossa responsabilidade com o nascimento de Guilherme. Até certo ponto ele me desviou o espírito das perturbações que me cercavam. Por essa ocasião recebemos o primeiro número do jornal falsamente intitulado *Messenger of Truth* (Mensageiro da Verdade). Aqueles que nos caluniavam por meio daquele jornal, tinham sido reprovados por suas faltas e erros. Não quiseram suportar a reprovação e, a princípio de maneira secreta [150] e depois mais abertamente, empregavam sua influência contra nós.

O Senhor me havia mostrado o caráter e o desfecho daquele grupo faccioso; que Seu desagrado estava com os que se achavam ligados àquele jornal, e contra eles Sua mão; e, conquanto parecessem prosperar por algum tempo e algumas pessoas honestas fossem iludidas, a verdade, contudo, haveria de triunfar finalmente, e toda alma honesta romperia com o engano que a havia retido, subtraindo-se à influência daqueles homens ímpios; deveriam cair, visto que a mão de Deus estava contra eles. [151]

Capítulo 25 — Mudança para Michigan

Em 1855, os irmãos em Michigan abriram o caminho para que a obra de publicações fosse removida para Battle Creek. Naquele tempo, meu marido estava devendo de dois a três mil dólares; e tudo que ele tinha, além de um pequeno lote de livros, eram contas devedoras de livros, algumas das quais duvidosas. A causa havia aparentemente chegado a um impasse. Muito poucas e pequenas eram as encomendas de publicações. A saúde de meu marido estava muito enfraquecida. Ele se sentia incomodado com a tosse e a sensibilidade dos pulmões, e tinha o sistema nervoso abalado. Receávamos que morresse estando ainda com dívidas.

Certezas confortadoras

Dias de tristeza foram aqueles. Eu olhava para meus três filhos que, como receava, logo deviam ficar órfãos; e dominavam-me pensamentos como estes: Meu marido morrerá de excesso de trabalho na causa da verdade presente; e quem compreenderá o que sofreu? Quem sabe dos encargos que durante anos ele suportou, os extremos cuidados que lhe oprimiam o ânimo e arruinaram a saúde, trazendo-lhe morte prematura, deixando a família sem recursos e sob a dependência de outros? A mim mesma fiz muitas vezes esta pergunta: Deus não cuida dessas coisas? Ele não as nota? Fiquei consolada por saber que há Alguém que julga retamente, e que cada sacrifício, cada ato de abnegação, e cada transe angustioso sofrido por Sua causa, é fielmente registrado no Céu, e terá o seu galardão. O dia do Senhor declarará e trará à luz coisas que ainda não são manifestas.

Foi-me revelado que era desígnio de Deus reerguer meu marido gradualmente; que deveríamos exercer uma forte fé, pois em cada esforço deveríamos ser esmurrados terrivelmente por Satanás; que não devíamos olhar às aparências, mas crer. Três vezes no dia, recorríamos a Deus, e nos entregávamos à oração fervorosa pelo res-

[152] [153]

tabelecimento de sua saúde. O Senhor graciosamente ouviu nossos ansiosos clamores, e meu esposo começou a melhorar. Não posso exprimir melhor meus sentimentos naquela ocasião, do que se acham manifestos nos seguintes extratos de uma carta que escrevi à irmã Howland:

"Sinto-me grata por poder agora ter meus filhos comigo, sob meus próprios cuidados. Durante semanas tenho sentido fome e sede de salvação, e temos desfrutado quase ininterrupta comunhão com Deus. Por que ficarmos longe da Fonte, quando podemos chegar e beber? Por que morrermos à míngua de pão, quando há um armazém cheio? É nutritivo e grátis. Ó minha alma, come regaladamente, e bebe diariamente das alegrias celestes! Não poderei conter minha paz. O louvor de Deus está em meu coração e nos lábios. Podemos regozijar-nos na plenitude do amor de nosso Salvador. Podemos regalar-nos em Sua excelente glória. Minha alma testifica isso. Dissipou-se de mim a tristeza por essa preciosa luz, e nunca poderei esquecê-lo. Senhor, ensina-me a conservá-lo vivo na lembrança. Despertai, energias todas de minha alma! Despertai e adorai vosso Redentor em virtude do Seu maravilhoso amor!

"Nossos inimigos podem triunfar. Podem falar amargas palavras, e sua língua forja a calúnia, o engano, a falsidade; contudo não nos moveremos. Sabemos em quem temos crido. Não temos corrido em vão nem trabalhado inutilmente. Aproxima-se um dia de ajuste de contas, em que todos serão julgados segundo o que houverem feito [154] no corpo. É verdade que o mundo é tenebroso. A oposição pode [155] tornar-se forte. O néscio e o escarnecedor podem tornar-se ousados em sua iniqüidade. Entretanto, nada disso nos moverá o ânimo, mas nos apoiaremos no braço do Todo-poderoso, donde recebemos forças."

Supressão do cativeiro

O Senhor começou a suprimir nosso cativeiro desde o tempo em que nos mudamos para Battle Creek. Encontramos amigos em Michigan, que simpatizavam conosco, e estavam dispostos a participar de nossos encargos e suprir nossas necessidades. Velhos e experimentados amigos no centro do Estado de Nova Iorque e Nova Inglaterra, especialmente em Vermont, simpatizavam conosco em

nossas aflições, e estavam prontos a ajudar-nos em tempos angustiosos. Na assembléia em Battle Creek, em novembro de 1856, Deus trabalhou por nós. Foi concedida nova vida à causa, e o êxito acompanhou os trabalhos de nossos pregadores.

Foram recebidos pedidos de literatura, e esta mostrou-se ser exatamente o que a causa exigia. O *Messenger of Truth* logo sucumbiu, e dispersaram-se os espíritos discordantes que por meio dele falavam. Meu marido pôde pagar todas as suas dívidas. A sua tosse cessou, bem como a dor e a sensibilidade dos pulmões e garganta, e ele gradualmente recuperou a saúde, de maneira que podia pregar três vezes aos sábados e aos domingos, com facilidade. Essa maravilhosa obra na restauração de sua saúde, proveio de Deus, e a Ele pertence [156] toda a glória.

Capítulo 26 — Os dois caminhos

Na conferência em Battle Creek, Michigan, em 27 de maio de 1856, foram-me mostradas em visão algumas coisas que dizem respeito à igreja em geral. Foram-me mostradas a glória e a majestade de Deus. Disse o anjo: "Ele é terrível em Sua majestade, contudo não O compreendeis; terrível em Sua ira, e no entanto vós O ofendeis diariamente. Esforçai-vos por entrar pela porta estreita; porque espaçosa é a porta e largo é o caminho que conduz à destruição, e muitos são os que por ele irão; pois estreita é a porta e apertado o caminho que conduz à vida e poucos são os que o acham." Esses caminhos são distintos, separados, em direções opostas. Um leva à vida eterna, e o outro à morte eterna. Vi a distinção entre esses caminhos, e também a diferença entre as multidões que neles viajavam. Os caminhos são opostos; um é largo e suave, o outro estreito e escabroso. Semelhantemente as duas multidões que os percorrem são opostas no caráter, na vida, no vestuário e na conversa.

Os que viajam pelo caminho estreito conversam a respeito da alegria e felicidade que terão no fim da viagem. Seu rosto muitas vezes está triste e, todavia, brilha freqüentemente com piedosa e santa alegria. Não se vestem como a multidão do caminho largo, nem como eles falam, nem agem como eles. Um modelo lhes foi dado. Um Homem de dores, e experimentado nos trabalhos lhes abriu aquele caminho e o palmilhou. Seus seguidores vêem os Seus rastos, e ficam consolados e animados. Ele o percorreu em segurança; assim também poderão fazer os da multidão, se acompanharem Suas pegadas.

Na estrada larga todos estão preocupados com sua pessoa, suas vestes, seus prazeres, pelo caminho. Dão-se livremente à hilaridade e ao divertimento, e não pensam no termo da viagem e na destruição [157] certa no fim do caminho. Cada dia se aproximam mais de sua destruição; contudo loucamente se lançam, mais e mais depressa. Oh, quão terrível isso me parecia!

Vi, percorrendo a estrada larga, muitos que tinham sobre si escritas estas palavras: “Morto para o mundo. Próximo está o fim de todas as coisas. Estai vós também prontos.” Pareciam precisamente iguais a todas aquelas pessoas frívolas que em redor se achavam, com a diferença única de uma sombra de tristeza que lhes notei no rosto. [158] Sua conversa era perfeitamente igual à daqueles que, divertidos e inconscientes, se encontravam em redor; mas de quando em quando mostravam com grande satisfação as letras sobre suas vestes, convidando outros a terem as mesmas sobre si. Estavam no caminho largo, e no entanto professavam pertencer ao número dos que viajavam no caminho estreito. Os que estavam em redor deles diziam: “Não há distinção entre nós. Somos iguais; vestimos, falamos e procedemos semelhantemente.”

Foi-me então dirigida a atenção para os anos de 1843 e 1844. Havia naquela ocasião um espírito de consagração que hoje não há. O que acontece com o povo que professa ser o povo peculiar de Deus? Vi a conformidade com o mundo, a indisposição de sofrer por causa da verdade. Vi grande falta de submissão à vontade de Deus. Foi-me chamada a atenção para os filhos de Israel, depois que saíram do Egito. Deus misericordiosamente os chamou dentre os egípcios para que O adorassem sem impedimento nem restrição. Operou em prol deles, no caminho, por meio de milagres; provou-os e experimentou-os, pondo-os em situações angustiosas. Depois do maravilhoso trato de Deus com eles, e seu livramento tantas vezes, murmuravam quando provados ou experimentados por Ele. Suas expressões eram: “Quem dera houvéssemos morrido pela mão do Senhor na terra do Egito!” Eles cobiçavam os alhos e as cebolas de lá.

Vi que muitos que professavam crer na verdade para estes últimos dias, acham estranho que os filhos de Israel murmurassem enquanto viajavam; que depois do maravilhoso trato de Deus para com eles, fossem tão ingratos que se esquecessem do que por eles fizera. Disse o anjo: “Vós tendes feito pior do que eles.” Vi que Deus deu a Seus servos a verdade tão clara, tão compreensível, que é impossível negá-la. Onde quer que estejam, têm certa a vitória. Seus inimigos não poderão assediar a convincente verdade. A luz foi derramada com tanta clareza que os servos de Deus podem levantar-se [159] em qualquer parte e fazer com que ela, clara e harmoniosa, ganhe a

vitória. Esta grande bênção não tem sido apreciada nem compreendida. Se surge alguma provação, alguns começam a olhar para trás, e pensam que passam por um tempo difícil. Alguns dos professos servos de Deus não sabem o que sejam provações purificadoras. Algumas vezes suscitam eles próprios as provações, imaginam-nas, e desanimam tão facilmente, tão prontamente se magoam, e ressentem-se tão depressa, que fazem mal a si próprios, ofendem a outros e prejudicam a causa. Satanás faz parecer grandes as suas provações, e incute-lhes no espírito pensamentos que, a serem satisfeitos, lhes destruirão a influência e utilidade.

Alguns têm se sentido tentados a retirar-se da obra, a fim de trabalhar por sua própria conta. Vi que se a mão de Deus fosse retirada deles, e ficassem sujeitos à enfermidade e à morte, saberiam então o que são dificuldades. Coisa terrível é murmurar contra Deus. Eles não têm em mente que o caminho que trilham é áspero, cheio de abnegação e de crucifixão do eu, e não deveriam esperar que tudo corresse tão suavemente como se estivessem andando no caminho largo.

Vi que alguns dos servos de Deus, mesmo pastores, desanimam tão facilmente, tão prontamente se magoa o seu eu, que se julgam menosprezados e ofendidos quando não há tal. Acham ruim a sua sorte. Tais pessoas não compreendem como se sentiriam se Deus as desamparasse, e elas passassem por angústia de alma. Achariam então sua sorte dez vezes pior do que antes, quando se achavam empregadas na obra de Deus, sofrendo provações e privações, mas tendo a aprovação do Senhor.

Alguns dos que trabalham na causa de Deus não sabem quando têm um tempo suave. Sofrem tão poucas privações, tão pouco sabem [160] de necessidades, trabalho exaustivo ou contrariedades que, passando bem e sendo favorecidos por Deus, e quase inteiramente livres de angústias de espírito não o reconhecem e acham grandes as provações. Vi que, a menos que tais pessoas tenham espírito de abnegação, e estejam prontas a trabalhar corajosamente, não poupando a si mesmas, Deus as dispensará. Ele não as reconhecerá como Seus servos abnegados, mas suscitará quem trabalhe, não indolentemente, mas com fervor, e reconheça quando desfruta de bem-estar. Os servos de Deus deveriam sentir responsabilidade pelo trabalho em prol das

pessoas, e chorar entre o alpendre e o altar, clamando: “Poupa a Teu povo, ó Senhor!”

Alguns dos servos de Deus consagraram a vida à causa de Deus até ao ponto de terem a saúde enfraquecida e ficarem quase consumidos pelo trabalho mental, cuidados incessantes, fadigas e privações. Outros não sentiram essa responsabilidade ou não a quiseram assumir. Entretanto, justamente esses, por nunca terem experimentado dificuldades, acham que passam por um tempo difícil. Nunca foram batizados no quinhão do sofrimento, e nunca o serão enquanto manifestarem tanta fraqueza e tão pouca força, e amarem tanto a comodidade.

Segundo o que Deus me mostrou, é preciso haver uma sacudidura entre os ministros a fim de serem eliminados os negligentes, preguiçosos e comodistas, e permanecer um grupo fiel, puro e abnegado, que não busque bem-estar pessoal, mas administre fielmente na palavra e na doutrina, dispondo-se a sofrer e suportar todas as coisas por amor de Cristo, e salvar aqueles por quem Ele morreu. Sintam estes servos sobre si o “ai” que sobre eles pesa se não pregarem o evangelho, e isso será bastante; nem todos, porém, o sentem. [161]

Capítulo 27 — As duas coroas

Em uma visão que me foi concedida em Battle Creek, Michigan, a 25 de outubro de 1861, foi-me mostrada esta Terra, escura e triste. Disse o anjo: "Olha atentamente!" Então foi-me mostrado o povo sobre a Terra. Alguns estavam rodeados de anjos de Deus, outros se achavam em completas trevas, cercados de anjos maus. Vi um braço estendido do céu, segurando um cetro de ouro. Na extremidade superior do cetro havia uma coroa, cravejada de brilhantes. Cada brilhante emitia luz, fulgurante clara e bela. Inscritas na coroa havia estas palavras: "Todos os que me conquistam são felizes, e terão vida eterna."

Embaixo dessa coroa havia outro cetro, e sobre ele também outra coroa, em cujo centro havia jóias, ouro e prata refletindo alguma luz. A inscrição sobre a coroa era: "Tesouros terrestres. Riqueza é poder. Todos os que me conquistam têm honra e fama." Vi uma vasta multidão que porfiava por alcançar essa coroa. Faziam grande rumor. Alguns, em sua avidez, pareciam privados da razão. Empurravam-se uns aos outros, deixando para trás os mais fracos, pisando sobre os que, na pressa, caíam. Muitos avidamente se apoderavam dos tesouros que estavam na coroa, e os seguravam firmemente. A cabeça de alguns era branca como a prata, e seu rosto estava enrugado pelos cuidados e ansiedade. Não tomavam em consideração seus próprios parentes, ossos de seus ossos e carne da sua carne; mas, enquanto para eles eram lançados olhares súplices, mais firmemente seguravam seus tesouros, como se estivessem receosos de que num momento de descuido perdessem um pouco, ou fossem induzidos a reparti-los com eles. Seus olhares ávidos muitas vezes se fixavam na coroa terrestre, e contavam e recontavam seus tesouros. [162]

Vultos que exprimiam necessidade e miséria, apareciam naquela multidão, olhavam cobiçosos os tesouros, e voltavam sem esperanças, visto que os mais fortes sobrepujavam e afastavam os mais fracos. Contudo não podiam assim desistir; mas, com uma multidão de deformados, doentes, idosos, procuravam avançar para a coroa

terrestre. Alguns morriam ao tentar alcançá-la; outros sucumbiam precisamente no ato de se apoderarem dela. Muitos morriam, pouco depois que se haviam dela apossado. Cadáveres juncavam o solo; todavia a multidão avançava, pisando os que estavam caídos e o cadáver de seus companheiros. Cada um que atingia a coroa, adquiria parte nela, e era ruidosamente aplaudido pela multidão interessada que se achava em redor.

Uma grande multidão de anjos maus estava ocupadíssima. Satanás estava no meio deles, e todos olhavam com a maior satisfação para a multidão que lutava pela coroa. Ele parecia lançar um encanto particular sobre os que avidamente a buscavam.

Muitos que procuravam essa coroa terrestre eram cristãos professos. Alguns pareciam ter alguma luz. Olhavam interessados para a coroa celestial, e pareciam muitas vezes encantar-se com sua beleza, contudo não tinham o verdadeiro senso de seu valor e glória. Enquanto timidamente estendiam uma das mãos à coroa celeste, a outra estendiam-na avidamente à terrestre, decididos a possuí-la; e na sua diligência ansiosa por obter a terrestre, perdiam de vista a celeste. Ficavam em trevas, e mesmo assim andavam às apalpadelas, com ansiedade, buscando conseguir a coroa terrestre.

Alguns se desgostavam da multidão que a procurava tão veementemente; pareciam ter intuição de seu perigo, e dele se desviavam, e diligentemente buscavam a coroa celestial. O rosto desses logo mudava de escuro para claro, de triste para prazenteiro e cheio de santa alegria. [163]

Vi então um grupo, comprimindo-se por entre a multidão, tendo os olhos atentamente fixos na coroa celestial. Enquanto com esforço procuravam caminho por entre a multidão desordenada, ajudavam-nos anjos, que abriam caminho para que avançassem. Aproximando-se eles da coroa celestial, a luz que dela provinha resplandecia sobre eles e em redor deles; afugentava as trevas, e tornava-se mais clara e brilhante, até que eles pareciam transformar-se e assemelhar-se aos anjos. Não se detinham em olhar para a coroa terrestre. Os que estavam se empenhando na conquista da coroa terrestre, escarneciam deles, e atiravam-lhes bolas pretas pelas costas. Essas não lhes faziam mal contanto que seus olhos se mantivessem fixos na coroa celestial; aqueles, porém, que volviam a atenção para as bolas

negras, eram por elas manchados. Foi-me apresentado o seguinte texto:

"Não ajunteis tesouros na Terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam; mas ajuntai tesouros no Céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração. A candeia do corpo são os olhos; [164] de sorte que, se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz; se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso. Se, portanto, a luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas! Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom." Mateus 6:19-24.

Então o que eu vira me foi explicado como segue: A multidão que tão avidamente se esforçava por alcançar a coroa terrestre, eram os que amam os tesouros deste mundo e se deixam enganar e lisonjear por suas efêmeras atrações. Alguns vi que, embora professem ser seguidores de Jesus, têm tanta ambição de obter os tesouros terrestres, que perdem o amor ao Céu, agem como o mundo, e por Deus são considerados mundanos. Professam buscar uma coroa imortal, um tesouro nos Céus; mas seu interesse e principal empenho é adquirir tesouros terrestres. Aqueles que têm seus tesouros neste mundo e amam suas riquezas, não podem amar a Jesus. Poderão supor que são justas e, ainda que com garras de avarento se apeguem a suas posses, não poderão ser levados a enxergar isso ou compreender que amam o dinheiro mais do que a causa da verdade ou o tesouro celeste.

"Se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso." Mateus 6:23. Houve um momento na experiência de tais pessoas, em que a luz que lhes fora dada não foi mantida, e se tornou em trevas. Disse o anjo: "Não podeis amar e adorar os tesouros da Terra, e ter as verdadeiras riquezas."

Quando aquele jovem foi ter com Jesus e Lhe disse: "Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?" Marcos 10:17. Jesus lhe ofereceu esta escolha: Desfazer-se de suas posses e ter a vida eterna, ou reter aquelas e perder estas. Suas riquezas lhe eram de [165] maior valor do que o tesouro celeste. A condição de desfazer-se

de seus tesouros e dá-los aos pobres a fim de se tornar seguidor de Cristo e ter a vida eterna, esfriou-lhe o desejo, e ele se retirou, triste.

Aqueles que me foram apresentados como estando sequiosos pela coroa terrestre, são os que recorrerão a todos os meios para adquirir propriedades. Tornam-se doidos neste sentido. Todos os seus pensamentos e energias se dirigem para a aquisição de riquezas terrestres. Pisam os direitos de outrem, oprimem os pobres, e o jornaleiro em seu salário. Se podem ter vantagem sobre os que são mais pobres e menos sagazes, e assim agir de maneira a aumentar suas riquezas, não hesitarão um momento em oprimi-los, e mesmo vê-los levados à mendicidade.

Os homens encanecidos pela idade, e de rosto enrugado pelos cuidados, e que no entanto avidamente agarravam os tesouros de dentro da coroa, eram homens idosos, que poucos anos tinham diante de si. Contudo eram inflexíveis na defesa de seus tesouros terrestres. Quanto mais se aproximavam do túmulo, tanto mais ansiosos ficavam em apegar-se a eles.

Seus próprios parentes não eram beneficiados. Para economizar um pouco de dinheiro, consentiam que os membros de sua própria família trabalhassem além de suas forças. Não o empregavam para o bem dos outros, nem para o seu próprio bem. Bastava-lhes saber que o possuíam. Ao ser-lhes apresentado o dever de suprir as necessidades dos pobres e de sustentar a causa de Deus, ficavam desgostosos. Alegremente aceitariam o dom da vida eterna, mas não quereriam que lhes custasse coisa alguma. As condições são muito penosas. Mas Abraão, para tal fim não recusou o seu único filho. [166] Em obediência a Deus, sacrificaria esse filho da promessa, mais facilmente do que muitos sacrificariam algumas de suas possessões terrestres.

Era doloroso verem-se aqueles que deveriam estar a amadurecer para a glória e a habilitar-se diariamente para a imortalidade, aplicando todas as suas forças na retenção de tesouros terrestres. Vi que esses tais não poderiam dar valor ao tesouro celestial. Seu apego intenso às coisas terrenas, leva-os a mostrar pelas suas obras que não estimam a herança celestial o bastante para por ela fazer qualquer sacrifício. O "jovem" manifestou vontade de guardar os mandamentos, contudo nosso Senhor lhe disse faltar alguma coisa. Desejava a vida eterna, mas amava mais as suas possessões. Muitos

se enganam a si mesmos. Não buscam a verdade como se fosse um tesouro escondido. Não tiram o melhor partido possível de suas faculdades. Sua mente, que poderia iluminar-se com a luz do Céu, fica perplexa e perturbada. "Os cuidados deste mundo, e os enganos das riquezas, e as ambições de outras coisas, entrando, sufocam a palavra, e fica infrutífera." "Tais pessoas", disse o anjo, "estão sem desculpa." Vi a luz desvanecendo-se delas. Não desejavam compreender as solenes e importantes verdades para este tempo, e achavam que estavam bem sem as compreender. A luz se foi deles, e ficaram às apalpadelas, em trevas.

A multidão dos deformados e doentes que se comprimia para alcançar a coroa terrestre são aqueles cujos interesses e tesouros estão neste mundo. Conquanto de todos os modos sofram desenganos, não colocarão suas afeições no Céu, nem assegurarão para si naquele lugar um tesouro e um lar. Fracassam na busca das coisas terrestres, e no entanto perdem as celestiais enquanto pelejam por aquelas. Apesar do desengano, vida infeliz e morte daqueles que puseram todo o seu empenho na obtenção de riquezas terrestres, outros seguem o mesmo caminho. Atiram-se doidamente, sem tomar em consideração o fim miserável daqueles cujo exemplo estão seguindo. [167]

Os que alcançaram a coroa e nela obtiveram parte, tendo por isso sido aplaudidos, são aqueles que conseguem o que constitui o único objetivo de sua vida: riquezas. Recebem a honra que o mundo confere aos que são ricos. Têm influência no mundo. Satanás e seus anjos maus estão satisfeitos. Sabem que esses são certamente deles, e que enquanto viverem em rebelião contra Deus, são poderosos agentes de Satanás.

Os que se desgostaram com a multidão que clamava pela coroa terrestre, são aqueles que notaram a vida e o fim de todos os que se esforçam por conseguir riquezas terrestres. Vêem que esses tais nunca estão satisfeitos, mas são infelizes; assustam-se e se separam daquela classe infeliz, e procuram as riquezas verdadeiras e duráveis.

Quanto àqueles que forçam por passar através da multidão a fim de obter a coroa celeste, auxiliados pelos santos anjos, foi-me mostrado serem o fiel povo de Deus. Os anjos os conduzem, e eles são inspirados com zelo a fim de se esforçarem para prosseguir na aquisição do tesouro celeste.

As bolas pretas que eram atiradas às costas dos santos, eram as falsidades infamantes postas em circulação contra o povo de Deus, por aqueles que amam e praticam a mentira. Deveríamos ter o máximo cuidado em viver vida irrepreensível, e abster-nos de toda aparência do mal; e então é nosso dever avançar destemidamente, sem dar atenção às faculdades degradantes dos ímpios. Enquanto os justos mantiverem os olhares fixos no tesouro celeste e inapreciável, tornar-se-ão mais e mais semelhantes a Cristo, e assim estarão [168] transformados e dispostos para a trasladação.

Capítulo 28 — O espiritismo moderno

Em 24 de agosto de 1850, vi que as “pancadas misteriosas” eram o poder de Satanás; parte delas procedia diretamente dele, e outra, indiretamente, mediante seus agentes, mas tudo provinha de Satanás, que executava sua obra de diferentes maneiras. No entanto muitos na igreja e no mundo estavam envoltos em tão densas trevas, que julgavam e sustentavam ser o poder de Deus. Disse o anjo: “Não recorrerá um povo ao seu Deus? A favor dos vivos interrogar-se-ão os mortos?” Isaías 8:19-20. Hão de os vivos recorrer aos mortos em busca de informações? Os mortos nada sabem. Para saber acerca do Deus vivo, ides aos mortos? Afastaram-se do Deus vivo para falar com os mortos que nada sabem.

Vi que logo seria considerado blasfêmia falar contra as pancadas, que isso se espalharia mais e mais, o poder de Satanás aumentaria, [169] e alguns de seus dedicados seguidores teriam poder para operar milagres, e mesmo fazer descer fogo do céu à vista dos homens. Foi-me mostrado que, por essas pancadas e pelo magnetismo, esses mágicos modernos procurariam ainda explicar todos os milagres operados por nosso Senhor Jesus Cristo, e muitos creriam que todas as poderosas obras do Filho de Deus, realizadas quando esteve na Terra, foram executadas pelo mesmo poder. Foi-me dirigida a atenção [170] para o tempo de Moisés, e vi os sinais e maravilhas que Deus operara por meio dele diante de Faraó, a maioria dos quais foi imitada pelos mágicos do Egito; e que, justamente antes do livramento final dos santos, Deus iria operar poderosamente em prol de Seu povo, e seria permitido a estes mágicos modernos imitar a obra de Deus.

Breve virá esse tempo, e teremos de segurar firmemente os fortes braços de Jeová, pois todos esses grandes sinais e poderosas maravilhas do diabo se destinam a enganar o povo de Deus e derrotá-lo. Nossa mente precisa fixar-se em Deus, e não devemos temer o temor dos ímpios, isto é, temer o que temem, e reverenciar o que reverenciam; antes, devemos ser esforçados e corajosos em prol da verdade.

Se nossos olhos se abrissem, veríamos em nosso redor os anjos maus procurando inventar alguma nova maneira de molestar-nos e destruir-nos. E também veríamos anjos de Deus guardando-nos do poder daqueles; pois os olhos vigilantes de Deus estão sempre sobre Israel, para o seu bem; e Ele protegerá e salvará Seu povo, se este nEle puser sua confiança. Quando o inimigo vier como uma inundação, o Espírito do Senhor levantará uma bandeira contra ele.

Disse o anjo: "Lembra-te de que estás em terreno encantado." Vi que devemos vigiar e cingir-nos de toda a armadura, tomar o escudo da fé, e então estaremos aptos para ficar em pé, e os dardos [171] inflamados do maligno não nos poderão ferir.

Capítulo 29 — Ciladas de Satanás

Vi que Satanás mandou seus anjos armar ciladas especialmente contra aqueles que estavam esperando o segundo aparecimento de Cristo e guardando todos os mandamentos de Deus. Satanás disse aos seus anjos que as igrejas estavam dormindo. Ele aumentaria seu poder e prodígios de mentira, e assim as poderia reter. "Mas", disse ele, "odiamos a seita dos observadores do sábado; eles estão continuamente trabalhando contra nós, e tirando-nos os súditos, para guardar a odiada lei de Deus. Ide, e fazei com que os possuidores de terras e dinheiro se encham de cuidados. Se puderdes fazê-los colocar as afeições nessas coisas, ainda os reteremos. Poderão professar o que quiserem, tão-somente fazei-os cuidar mais do dinheiro que do êxito do reino de Cristo ou da disseminação das verdades que odiamos. Apresentai-lhes o mundo em sua forma mais atrativa, para que o amem e idolatrem.

Devemos conservar em nossas fileiras todos os meios de que pudermos dispor. Quanto mais recursos os seguidores de Cristo dedicarem a Seu serviço, tanto mais prejudicarão o nosso reino, arrebatando-nos os súditos. Quando celebram reuniões em vários lugares, estamos em perigo. Sede muito diligentes, pois. Promovei perturbação e confusão se for possível. Destruí o amor de uns para com os outros. Desanimai e enfraquecei seus pastores; pois nós os odiamos. Apresentai toda desculpa plausível àqueles que têm meios, para que não os entreguem. Intrometei-vos no assunto de dinheiro, se puderdes, e compeli seus ministros às necessidades e aflições. Isso lhes enfraquecerá o ânimo e o zelo. Batei-vos por todo palmo de terreno. Fazei que a cobiça e o amor às coisas terrestres sejam o traço predominante de seu caráter. Enquanto predominarem estes traços, a salvação e a graça estarão para trás.

Reuni todas as atrações em redor deles, e serão certamente nossos. E não somente disso temos certeza a respeito deles, mas também [172] sua odiosa influência não será exercida no sentido de guiar outros

ao Céu. Quando alguns tentarem dar, infundi-lhes o sentimento de avareza, para que seja mesquinha a oferta.”

Vi que Satanás executa bem seus planos. Logo que os servos de Deus projetam fazer reuniões, ele está com seus anjos a postos para impedir a obra. Constantemente está a pôr sugestões na mente do povo de Deus. Leva alguns de uma maneira, outros de outra, tirando sempre partido das más características dos irmãos e irmãs, provocando e incitando-lhes as fraquezas naturais. Se têm disposições para o egoísmo e a cobiça ele se coloca a seu lado, e com todo o seu poder procura levá-los a condescender com esses pecados que os assediam. A graça de Deus e a luz da verdade podem por um momento desfazer-lhes os sentimentos avaros e egoístas, mas se não alcançam completa vitória, Satanás vem, quando não se acham sob a influência salvadora, e cresta todo princípio nobre e generoso, e eles julgam que é demasiado o que se requer deles. Ficam cansados de fazer o bem, e esquecem-se do grande sacrifício que Jesus fez para remi-los do poder de Satanás e da irremediável miséria.

Satanás tirou vantagem da disposição cobiçosa e egoísta de Judas, e o levou a murmurar quando Maria derramou sobre Jesus o ungüento precioso. Judas considerou isso como um grande desperdício, e declarou que o ungüento poderia ter sido vendido, e o dinheiro dado aos pobres. Ele não se incomodava com os pobres, mas considerava extravagante a oferta liberal feita a Jesus. Judas avaliava o seu Mestre em tão pouco, que O vendeu por algumas moedas de prata. Vi existirem alguns semelhantes a Judas entre os que professam esperar o seu Senhor. Satanás os governa sem que o saibam.

[173] Deus não pode aprovar a menor manifestação de cobiça ou egoísmo, e aborrece as orações e exortações dos que condescendem com estes maus traços de caráter. Sabendo que seu tempo é breve, Satanás leva os homens a se tornarem mais e mais egoístas e avaros, e então exulta ao vê-los entretidos consigo mesmos, [174] mesquinhos, miseráveis, egoístas. Se os olhos dessas pessoas pudessem abrir-se, veriam Satanás em triunfo infernal, exultando sobre eles, e rindo-se da loucura dos que lhe aceitam as sugestões e caem em suas ciladas.

Satanás e seus anjos notam todos os atos vis e mesquinhos dessas pessoas, e os apresentam a Jesus e a Seus santos anjos, dizendo em

tom de censura: "São estes os seguidores de Cristo! Estão-se preparando para serem trasladados!" Compara o procedimento deles com passagens das Escrituras em que esse procedimento é claramente reprovado, e então faz zombaria diante dos anjos celestiais, dizendo: "São estes os seguidores de Cristo e de Sua Palavra! São estes os frutos do sacrifício e redenção de Cristo!" Anojados, os anjos se desviam dessa cena.

Deus requer da parte de Seu povo ação constante; e, quando este se cansa de fazer o bem, Ele se cansa deles. Vi que Se desagrada grandemente com a mínima manifestação de egoísmo por parte de Seu povo professo, por quem Jesus não poupou Sua preciosa vida. Toda pessoa egoísta e cobiçosa, cairá no percurso do caminho. Semelhantemente a Judas que vendeu seu Senhor, eles venderão os bons princípios e uma disposição nobre e generosa por um pouco dos ganhos da Terra. Todos estes serão por assim dizer joeirados, sendo excluídos do povo de Deus. Os que ambicionam o Céu, devem, com toda a energia que possuem, alimentar os princípios do Céu. Em vez de definhar pelo egoísmo, sua alma deveria expandir-se pela benevolência. Dever-se-ia aproveitar toda oportunidade para fazer o bem, uns para com os outros, acariciando assim os princípios do Céu. Jesus me foi apresentado como modelo perfeito. Sua vida era destituída de interesse egoísta, e caracterizava-se sempre por uma benevolência desinteressada. [175]

Capítulo 30 — A sacudidura

Vi alguns com forte fé e clamores agonizantes a lutar com Deus. Seu rosto estava pálido e apresentava sinais de profunda ansiedade, que exprimia a sua luta íntima. Firmeza e grande fervor estampavam-se em seu rosto; grandes gotas de suor lhes caíam da fronte. De quando em quando, o seu semblante se iluminava com os sinais da aprovação divina, e novamente o mesmo aspecto severo, grave e ansioso lhes voltava.

Anjos maus se juntavam em redor, projetando trevas sobre eles para excluir Jesus de sua vista e para que seus olhos se volvessem para as trevas que os cercavam, e assim fossem levados a duvidar de Deus e murmurar contra Ele. Sua única segurança consistia em conservar os olhos voltados para cima. Anjos de Deus tinham o encargo de velar sobre o Seu povo; e, enquanto a empestada atmosfera de anjos maus pesava sobre os que estavam ansiosos, os anjos celestiais continuamente agitavam as asas sobre eles a fim de dissipar as densas trevas.

Enquanto os que assim oravam, prosseguiam com seus ansiosos clamores, por vezes lhes vinha um raio de luz, procedente de Jesus, para lhes reanimar o coração e iluminar o rosto. Alguns, eu vi, não participavam dessa agonia e lutas. Pareciam indiferentes e descuidosos. Não se opunham às trevas que os rodeavam, e estas os envolviam semelhantes a uma nuvem densa. Os anjos de Deus deixavam estes e iam em auxílio dos que se afligiam e oravam. Vi anjos de Deus apressarem-se para assistir a todos os que lutavam com suas forças todas a fim de resistir aos anjos maus, e procuravam auxílio, clamando a Deus com insistência. Os anjos de Deus, porém, abandonavam os que não faziam esforços para conseguir auxílio, e [176] eu os perdia de vista.

Perguntei a significação da sacudidura que eu vira, e foi-me mostrado que era determinada pelo testemunho direto contido no conselho da Testemunha Verdadeira à igreja de Laodicéia. Isso produzirá efeito no coração daquele que o receber, e o levará a

empunhar o estandarte e propagar a verdade direta. Alguns não suportarão esse testemunho direto, e se levantarão contra ele, e isso é o que determinará a sacudidura entre o povo de Deus.

Vi que o testemunho da Testemunha Verdadeira não teve a metade da atenção que deveria ter. O solene testemunho de que depende o destino da igreja tem sido apreciado de modo leviano, se não desatendido de todo. Tal testemunho deve operar profundo arrependimento; todos os que o recebem de verdade lhe obedecerão e serão purificados.

Disse o anjo: "Escutai!" Logo ouvi uma voz semelhante a muitos instrumentos musicais, soando todos em perfeitos acordes, suaves e harmônicos. Ultrapassava toda música que eu já ouvira, parecendo estar repleta de misericórdia, compaixão, e alegria enobrecedora e santa. Ela me penetrou todo o ser. Disse o anjo: "Olha!" Minha atenção foi então dirigida ao grupo que eu vira e estava sendo fortemente sacudido. Foram-me mostrados os que eu antes vira a chorar e a orar com agonia de espírito. A multidão de anjos da guarda em seu redor fora duplicada, e estavam revestidos de uma armadura da cabeça aos pés. Marchavam em perfeita ordem, semelhantes a um grupo de soldados. Seu rosto expressava o tremendo conflito que haviam travado, a luta angustiosa por que haviam passado. Contudo, seu rosto, antes assinalado pela severa angústia íntima, resplandecia agora com a luz e glória do Céu. Haviam alcançado a vitória, e esta provocava neles a mais profunda gratidão, e alegria santa e piedosa. [177]

Diminuíra o número dos que faziam parte deste grupo. Ao serem sacudidos, alguns tinham sido jogados fora do caminho. Os descuidosos e indiferentes, que não se uniam com os que prezavam suficientemente a vitória e a salvação, para por elas lutar e angustiar-se com perseverança, não as alcançaram e foram deixados atrás, em trevas, e seu lugar foi imediatamente preenchido pelos que aceitavam a verdade e a ela se filiavam. Anjos maus se lhes agrupavam ainda ao redor, mas sobre eles não tinham poder.

Ouvi os que estavam revestidos da armadura falar sobre a verdade com grande poder. Isso produzia efeito. Muitos tinham sido amarrados; algumas mulheres pelos maridos, e crianças por seus pais. Os honestos que tinham sido impedidos de ouvir a verdade, agora avidamente a ela aderiam. Fora-se todo o receio de seus parentes, e somente a verdade lhes parecia sublime. Haviam estado

com fome e sede da verdade; esta lhes era mais querida e preciosa do que a vida. Perguntei o que havia operado essa grande mudança. Um anjo respondeu: “Foi a chuva serôdia, o refrigério pela presença do Senhor, o alto clamor do terceiro anjo.”

Grande poder possuíam estes escolhidos. Disse o anjo: “Olha!” Minha atenção foi dirigida para os ímpios, ou incrédulos. Estavam todos em grande agitação. O zelo e poder do povo de Deus havia-os despertado e enraivecido. Havia confusão de todos os lados. Vi que tomavam medidas contra a multidão que tinha a luz e o poder de Deus. As trevas intensificavam-se em redor deles; no entanto permaneciam firmes, aprovados por Deus, e nEle confiantes. Eu os vi perplexos; a seguir ouvi-os clamando ardorosamente a Deus. Dia e noite não cessava seu clamor: “Seja feita, ó Deus, Tua vontade! Se for para glorificar Teu nome, promove um meio para o livramento de Teu [178] povo! Livra-nos dos ímpios que nos rodeiam. Eles nos destinaram à morte; mas Teu braço pode trazer salvação.” Estas são todas as palavras que posso lembrar. Todos pareciam ter profunda intuição de sua indignidade, e manifestavam completa submissão à vontade de Deus; e, não obstante, como Jacó, cada um deles, sem exceção, pleiteava e lutava ardorosamente por livramento.

Logo depois que haviam começado seu ansioso clamor, os anjos, movidos de simpatia, quiseram ir em seu livramento. Mas um anjo alto, imponente, não lhes consentiu. Disse ele: “A vontade de Deus não se cumpriu ainda. Eles devem beber do cálice. Devem ser batizados com o batismo.”

Logo ouvi a voz de Deus, que abalou os céus e Terra. Houve forte terremoto. Os edifícios desmoronavam de todos os lados. Ouvi então uma triunfante aclamação de vitória, retumbante, melodiosa e límpida. Olhei para a multidão que pouco tempo antes estivera naquela angústia e escravidão. Seu cativeiro havia cessado. Uma gloriosa luz resplandecia sobre eles. Quão belo era então o seu parecer! Todos os sinais de cuidados e cansaço haviam desaparecido, e viam-se de novo saúde e beleza em cada semblante. Seus inimigos, os ímpios em redor deles, caíram como mortos; não podiam suportar a luz que brilhava sobre os que haviam tido livramento e eram santos. Essa luz e glória permaneceram sobre eles, até que Jesus foi visto nas nuvens do céu, e o grupo fiel e provado foi num momento, num abrir e fechar de olhos, transformado de glória em

glória. E abriram-se as sepulturas, e os santos saíram revestidos de imortalidade, exclamando: “Vitória sobre a morte e a sepultura!”; e juntamente com os santos vivos foram arrebatados para encontrar seu Senhor nos ares, enquanto profusas e melodiosas aclamações de júbilo e vitória eram proferidas por todo lábio imortal. [179]

Capítulo 31 — Viajando pelo caminho estreito

Enquanto estive em Battle Creek, Michigan, em agosto de 1868, sonhei que estava com uma grande multidão. Parte daquela assembléia apresentou-se para viajar. Tínhamos carroças abarrotadas. Caminhando nós, a estrada parecia subir. De um lado havia um profundo precipício; e do outro, uma muralha alta, lisa e branca. ...

À medida que avançávamos, a estrada se tornava mais estreita e íngreme. Nalguns lugares parecia tão estreita que concluímos não mais poder viajar com as carroças carregadas. Desatrelamos os animais para, com parte da bagagem, prosseguir a viagem a cavalo.

Prosseguindo nós, o caminho continuava ainda a estreitar-se. [180] Fomos obrigados a andar junto à muralha, para não cair do caminho estreito ao precipício. Fazendo isso, a bagagem sobre os cavalos apertava-se de encontro à parede e nos compelia para o precipício. Receávamos cair e ser despedaçados nas rochas. Retiramos a bagagem de sobre os cavalos e ela tombou no precipício. Continuamos a cavalo, receando grandemente que, ao chegar aos lugares mais estreitos do caminho, perdêssemos o equilíbrio e caíssemos. Em tais ocasiões, uma mão parecia tomar as rédeas e guiar-nos pelo perigoso caminho.

Tornando-se o caminho mais estreito, vimos que não mais seria possível ir com segurança a cavalo; deixamo-los e prosseguimos a pé, em fileira, um seguindo as pegadas do outro. Neste ponto apareceram pequenas cordas que caíam do alto da alvíssima muralha; estas foram avidamente agarradas por nós para nos ajudarem a [181] manter o equilíbrio no caminho. Enquanto caminhávamos, a corda prosseguia conosco. O caminho se tornou finalmente tão estreito que concluímos poder viajar com maior segurança sem o calçado; assim, descalçamo-nos e fomos certa distância. Logo decidimos que poderíamos viajar com mais segurança sem meias; estas foram tiradas e viajamos descalços.

Pensamos então naqueles que se não haviam acostumado com privações e dificuldades. Onde estavam esses tais agora? Não se

achavam na multidão. Em cada mudança que se fazia, alguns eram deixados atrás, e apenas permaneciam aqueles que se haviam acostumado a suportar dificuldades. As privações do caminho apenas faziam com que estes se tornassem mais ávidos de avançar até ao fim.

Aumentou o nosso perigo de cair do caminho. Comprimíamos junto à muralha branca, e não podíamos nem assentar bem os pés [182] no caminho; pois era estreito demais. Apoiamos então quase todo o nosso peso nas cordas, exclamando: "Temos apoio de cima! Temos apoio de cima!" As mesmas palavras foram proferidas pela multidão toda, no caminho estreito.

Estremecíamos ao ouvir o rumor de folgança e orgia, que pareciam vir do abismo. Ouvimos o juramento profano, a galhofa banal, e cânticos baixos e vis. Ouvi o cântico de guerra, e a canção de dança. Ouvi música instrumental e altas gargalhadas de mistura com pragas, gritos de angústia e pranto amargurado, e ficamos mais ansiosos do que nunca por nos conservar no caminho estreito e difícil. Grande parte do tempo éramos obrigados a ficar com todo o nosso peso suspenso das cordas, que aumentavam de tamanho enquanto prosseguíamos.

Notei que a bela parede branca estava manchada de sangue. Dava um sentimento de pena ver-se a parede assim manchada. Este [183] sentimento, porém, não durou senão um momento, visto que logo achei que tudo era como deveria ser. Os que vêm seguindo atrás saberão que, antes deles, outros passaram pelo caminho estreito e difícil, e concluirão que, se outros foram capazes de vencer, eles próprios poderão fazer o mesmo. E, ao sangrarem seus pés doloridos, não desfalecerão de desânimo; antes, vendo o sangue na parede, saberão que outros suportaram a mesma dor.

Chegamos finalmente a um grande despenhadeiro, onde terminava o nosso caminho. Nada havia agora para nos guiar os pés, nada em que pudéssemos repousar. Devíamos então depender inteiramente das cordas, que tinham aumentado até ao tamanho de nosso corpo. Ali estivemos por algum tempo imersos em perplexidade e angústia. Indagamos em tímido cochicho: "Em que estará presa a corda?" Meu esposo estava precisamente diante de mim. Grandes gotas de suor caíam-lhe do rosto, as veias de seu pescoço e têmporas haviam crescido tanto que atingiam duas vezes seu volume usual, e

seus gemidos abafados e agonizantes eram ouvidos. O suor caía-me do rosto, e eu experimentava uma angústia tal como ainda não havia provado. Terrível luta estava diante de nós. Fracassássemos ali, e todas as dificuldades de nossa jornada teriam sido passadas em vão.

Diante de nós, do outro lado do precipício, havia um belo campo de relva verde, de aproximadamente quinze centímetros de altura. Eu não podia ver o Sol; mas raios de luz, brilhantes e suaves, assemelhando-se ao ouro e à prata fina, rasteavam o campo. Coisa alguma que eu houvesse visto sobre a Terra poderia comparar-se em beleza e glória com esse campo. Mas ser-nos-ia possível alcançá-lo? — essa era a ansiosa indagação. Se a corda se partisse, haveríamos de perecer. Outra vez em angustioso cochicho, foram sussurradas [184] estas palavras: "Em que estará presa a corda?"

Por alguns momentos hesitamos em nos arriscar. Então exclamamos: "Nossa única esperança está em confiar inteiramente na corda. Dela temos dependido em todo o caminho difícil. Ela não falhará agora." Ainda estávamos hesitantes e angustiados. Foram então proferidas estas palavras: "Deus segura a corda. Não devemos temer." Estas palavras foram então repetidas por aqueles que estavam atrás de nós, e acompanhadas destas outras: "Ele não nos faltará agora. Trouxe-nos até aqui em segurança."

Meu marido deu então um salto por sobre o assustador abismo ao belo campo além. Eu segui imediatamente. Oh, que sensação de alívio e gratidão para com Deus experimentamos! Ouvi levantarem-se vozes em louvor triunfal a Deus. Eu era feliz, perfeitamente feliz.

Despertei, e vi que, pela ansiedade que experimentara ao passar pelo caminho difícil, todos os meus nervos pareciam estar a tremer. Esse sonho não necessita de comentário. Produziu-me uma impressão tal que provavelmente cada minúcia permanecerá vívida diante [185] de mim enquanto minha memória perdurar.

Capítulo 32 — Preparação para a hora do juízo

“Então me gritou aos ouvidos com grande voz, dizendo: Fazei chegar os intendentes da cidade, cada um com suas armas destruidoras na mão.” Ezequiel 9:1.

“E clamou ao homem vestido de linho, que tinha o tinteiro de escrivão à sua cinta. E disse-lhe o Senhor: Passa pelo meio da cidade, pelo meio de Jerusalém, e marca com um sinal as testas dos homens que suspiram e que gemem por causa de todas as abominações que se cometem no meio dela. E aos outros disse, ouvindo eu: Passai pela cidade após ele, e feri: não poupe o vosso olho, nem vos compadeçais. Matai velhos, mancebos e virgens, e meninos, e mulheres, até exterminá-los; mas a todo o homem que tiver o sinal não vos chegueis; e começai pelo Meu santuário. E começaram pelos homens mais velhos que estavam diante da casa.” Ezequiel 9:3-6.

Jesus está prestes a deixar o propiciatório do santuário celestial, a fim de envergar vestes de vingança, e derramar Sua ira em juízo sobre aqueles que não corresponderam à luz que Deus lhes deu. “Visto como se não executa logo o juízo sobre a má obra, por isso o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto para praticar o mal.” Eclesiastes 8:11. Em vez de se enternecerem pela paciência e longanimidade que o Senhor tem exercido para com eles, os que não temem a Deus nem amam a verdade, fortalecem o coração no mau caminho. Há, porém, limites até para a longanimidade de Deus, e muitos estão ultrapassando tais limites. Sobrepujaram os limites da graça, e portanto Deus deve intervir e reivindicar Sua honra. [186]

Disse o Senhor acerca dos amorreus: “E a quarta geração tornará para cá; porque a medida da injustiça dos amorreus não está cheia.” Gênesis 15:16. Posto que esta nação se salientasse por sua idolatria e corrupção, não havia contudo enchido a taça de sua iniqüidade, e Deus não queria dar a ordem para sua completa destruição. O povo deveria ver o poder divino manifestado de maneira assinalada, para que ficasse sem desculpa. O compassivo Criador desejava

suportar-lhes a iniqüidade até à quarta geração. Então, se não se visse mudança para melhor, Seus juízos cairiam sobre eles.

Com infalível precisão, o Ser infinito ainda mantém, por assim dizer, uma conta com todas as nações. Enquanto Sua misericórdia se enternecer com convites ao arrependimento, esta conta permanecerá aberta; quando, porém, os algarismos atingem um certo total que Deus fixou, começa o ministério de Sua ira. Encerra-se a conta. Cessa a paciência divina. Não mais há intercessão de misericórdia a favor delas. ...

A crise aproxima-se rapidamente. Quase é vindo o tempo da visitação de Deus. Conquanto Lhe repugne castigar, não obstante castigará, e isto presto. Aqueles que andam na luz verão sinais do perigo que se aproxima; mas não deverão sentar-se em silenciosa e despreocupada expectativa, conformando-se com a crença de que Deus abrigará Seu povo no dia da visitação. Longe disso, deverão compreender que é seu dever trabalhar diligentemente para salvar outros, esperando, com grande fé, auxílio da parte de Deus. "A oração feita por um justo pode muito em seus efeitos." Tiago 5:16.

O fermento da piedade não perdeu inteiramente seu poder. Na [187] ocasião em que maiores são o perigo e a crise da igreja, o pequeno exército que permanece na luz estará suspirando e clamando por causa das abominações cometidas na Terra. Mais especialmente, porém, suas orações subirão em favor da igreja, porque seus membros estão agindo segundo a maneira do mundo.

As fervorosas orações desses poucos fiéis, não serão em vão. Quando vier o Senhor para exercer vingança, virá também como protetor de todos os que conservaram pureza de fé, e se guardaram incontaminados do mundo. É nessa ocasião que Deus prometeu vingar Seus escolhidos, que a Ele clamam dia e noite, embora Ele Se demore em defendê-los.

O dia da vingança de Deus está precisamente diante de nós. O selo de Deus será colocado somente na testa daqueles que suspiram e clamam por causa das abominações cometidas na Terra. Aqueles que se ligam ao mundo por laços de simpatia, estão comendo e bebendo com os ébrios, e certamente serão destruídos com os que praticam a iniqüidade. "Os olhos do Senhor estão sobre os justos, e os Seus ouvidos atentos ao seu clamor. A face do Senhor está contra os que fazem o mal." Salmos 34:15-16.

Nossa maneira de proceder determinará se receberemos o selo do Deus vivo, ou seremos abatidos pelas armas destruidoras. Já algumas gotas da ira de Deus caíram sobre a Terra; quando, porém, as sete últimas pragas forem derramadas sem mistura no cálice de Sua indignação, então para sempre será demasiado tarde para o arrependimento e procura de um abrigo. Nenhum sangue expiatório lavará então as manchas do pecado.

"E naquele tempo Se levantará Miguel, o grande Príncipe, que Se levanta pelos filhos do Teu povo, e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve desde que houve nação até àquele tempo; mas naquele tempo livrar-se-á o Teu povo, todo aquele que se achar escrito no livro." Daniel 12:1. Quando vier esse tempo de angústia, [188] todo caso estará decidido; não mais haverá graça, nem misericórdia para o impenitente. O selo do Deus vivo estará sobre o Seu povo.

Esses poucos remanescentes, incapazes de se defenderem no conflito mortal com os poderes da Terra arregimentados pelo exército do dragão, fazem de Deus a sua defesa. Pela mais elevada autoridade terrestre foi feito o decreto para que, sob pena de perseguição e morte, adorem a besta e recebam seu sinal. Queira Deus auxiliar Seu povo agora, pois sem Sua assistência, que poderão eles fazer naquele tempo, em tão terrível conflito?

Ânimo, fortaleza, fé e implícita confiança no poder de Deus para salvar não nos vêm num instante. Estas graças celestiais são adquiridas pela experiência dos anos. Por uma vida de santo esforço e firme apego à retidão, os filhos de Deus estiveram selando o seu destino. Assediados de inúmeras tentações, souberam que deveriam resistir firmemente ou ser vencidos. Compreenderam que tinham uma grande obra para fazer, e em qualquer momento poderiam ser chamados a depor sua armadura; e se chegassem ao final de sua vida com seu trabalho inacabado, isso significaria perda eterna. Aceitaram avidamente a luz do Céu, como fizeram os primeiros discípulos, dos lábios de Jesus. Quando esses primitivos cristãos foram exilados para as montanhas e desertos; quando abandonados em masmorras para morrer de fome, de frio, ou pela tortura; quando o martírio parecia ser o único caminho para saírem de sua angústia, regozijaram-se de que fossem considerados dignos de sofrer por amor de Cristo, que por eles foi crucificado. Seu digno exemplo será

um conforto e animação para o povo de Deus, que passará por um [189] tempo de angústia tal como nunca houve.

Nem todos que professam guardar o sábado serão selados. Muitos há, mesmo entre os que ensinam a verdade a outros, que não receberão na testa o selo de Deus. Tinham a luz da verdade, souberam a vontade de seu Mestre, compreenderam todos os pontos de nossa fé, mas não tiveram as obras correspondentes. Aqueles que estiveram tão familiarizados com as profecias e com os tesouros da sabedoria divina, deveriam ter agido de conformidade com sua fé. Deveriam ter dirigido sua casa segundo os mesmos princípios, para que por meio de uma família bem ordenada pudessem apresentar ao mundo a influência da verdade no coração humano.

Nenhum de nós jamais receberá o selo de Deus, enquanto o caráter tiver uma nódoa ou mácula sequer. Cumpre-nos remediar os defeitos de caráter, purificar de toda a contaminação o templo da alma. Então a chuva serôdia cairá sobre nós, como caiu a temporã sobre os discípulos no dia de Pentecoste.

Satisfazemo-nos muito facilmente com nossas realizações. Sentimo-nos ricos e acrescidos de bens, e não sabemos que somos desgraçados, miseráveis, pobres, cegos e nus. Apocalipse 3:17. Hoje é o tempo para atender à admoestação da Testemunha Verdadeira: "Aconselho-te que de Mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças; e vestidos brancos para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez; e que unjas os teus olhos com colírio, para que vejas." Apocalipse 3:18.

Devemos nesta vida enfrentar terríveis provas e fazer dispendiosos sacrifícios, mas a paz de Cristo é a recompensa. Tem havido tão pouca abnegação, tão pouco sofrimento por amor a Cristo, que a cruz é quase inteiramente esquecida. Devemos ser co-participantes de Cristo em Seus sofrimentos, se quisermos sentar-nos em triunfo com Ele em Seu trono. Enquanto preferirmos o caminho fácil da [190] condescendência própria, e nos amedrontarmos com a abnegação, nunca se firmará a nossa fé, e não poderemos conhecer a paz de Jesus nem a alegria que provêm do sentimento da vitória. Os mais exaltados daquela multidão de resgatados que estão em pé diante do trono de Deus e do Cordeiro, vestidos de branco, conhecem a luta necessária para vencer, pois vieram de grande tribulação. Aqueles que se renderam às circunstâncias em vez de empenhar-se neste

conflito não saberão como ficar em pé naquele dia em que haverá angústia em toda alma. E ainda que Noé, Jó e Daniel estivessem na Terra, não poderiam salvar nem filho nem filha, pois cada um deve livrar sua alma por sua própria justiça.

Ninguém necessita dizer que não há esperança para o seu caso, e que não pode viver a vida de cristão. Mediante a morte de Cristo, amplas providências foram tomadas em favor de cada alma. Jesus é o nosso auxílio sempre presente em tempo de necessidade. Se tão-somente apelamos a Ele pela fé, Ele prometeu ouvir nossas petições e a elas atender.

Sim, fé viva e eficaz! Dela necessitamos; devemos possuí-la ou desfaleceremos e fracassaremos no dia da prova. As trevas que então hão de cair em nosso caminho não nos deverão desanimar nem levar ao desespero. É o véu com que Deus cobre Sua glória, ao vir Ele para comunicar Suas ricas bênçãos. Deveríamos saber isso por nossa experiência passada. No dia em que Deus tiver uma contenda com o Seu povo, essa experiência será uma fonte de conforto e esperança.

É agora que devemos conservar-nos e a nossos filhos incontaminados do mundo. É agora que devemos lavar as vestes de nosso caráter, tornando-as alvas no sangue do Cordeiro. Agora é que devemos vencer o orgulho, as paixões, e a indolência espiritual. Agora é que devemos despertar e fazer decididos esforços para dar simetria ao nosso caráter. "Hoje, se ouvirdes a Sua voz, não endureçais o vosso coração." Hebreus 4:7. Encontramo-nos em situação muitíssimo probante, esperando e aguardando o aparecimento de nosso Senhor. O mundo está em trevas. "Mas vós, irmãos", diz Paulo, "já não estais em trevas, para que aquele dia vos surpreenda como um ladrão." 1 Tessalonicenses 5:4. Sempre foi propósito de Deus tirar das trevas luz, da tristeza alegria, do cansaço descanso, para serem fruídos pela alma expectante, e anelante. [191]

Que estais fazendo, irmãos, na grande obra de preparação? Os que se estão unindo com o mundo, estão-se ajustando ao modelo mundano, e preparando-se para o sinal da besta. Os que desconfiam do eu, humilham-se diante de Deus e purificam a alma pela obediência à verdade, estão recebendo o molde divino e preparando-se para receber na fronte o selo de Deus. Quando sair o decreto, e o selo for aplicado, seu caráter permanecerá puro e sem mácula para toda a eternidade.

Agora é o tempo de prepararmos. O selo de Deus jamais será colocado à testa de um homem ou mulher impuros. Jamais será colocado à testa de um homem ou mulher cobiçosos ou amantes do mundo. Jamais será colocado à testa de homens ou mulheres de língua falsa ou coração enganoso. Todos os que recebem o selo devem ser imaculados diante de Deus — candidatos para o Céu. Pesquisai as Escrituras por vós mesmos, para que possais compreender a terrível solenidade do tempo presente. [192]

Capítulo 33 — Organização e desenvolvimento

Faz já quarenta anos que foi introduzida a organização entre nós, como um povo. Fiz parte daqueles que tiveram experiência ao estabelecê-la desde o principio. Conheço as dificuldades que tiveram de ser enfrentadas, os males que ela se destina a corrigir, e tenho notado sua influência em relação com o crescimento da causa. Na fase inicial da obra, Deus nos deu luz especial sobre este ponto, e esta luz, juntamente com as lições que a experiência nos ensinou, deveria ser tida em cuidadosa consideração.

Desde o início, nossa obra teve caráter empreendedor. Reduzido era o nosso número, e em sua maior parte procedente das classes pobres. Nossas idéias eram quase desconhecidas do mundo. Não tínhamos casas de culto, possuíamos poucas publicações, e reduzidíssimas facilidades para levar avante a nossa obra. As ovelhas estavam esparsas pelas estradas e caminhos, nas cidades, aldeias e matas. Os mandamentos de Deus e a fé de Jesus eram a nossa mensagem.

Unidade de fé e de doutrina

Meu esposo, juntamente com os Pastores José Bates, Stephen Pierce, Hiran Edson e outros que eram fervorosos, nobres e fiéis, estava entre os que, depois da passagem do tempo em 1844, buscaram a verdade como a um tesouro escondido.

Reuníamo-nos sentindo angústia de alma, a fim de orar para que fôssemos um na fé e doutrina; pois sabíamos que Cristo não está dividido. Cada vez tomávamos um ponto para assunto de nosso estudo. Abriam-se as Escrituras com sentimento de temor. Jejuávamos freqüentemente, a fim de pôr-nos em melhor disposição para compreender a verdade. Se depois de fervorosa oração, não compreendíamos algum ponto, o discutíamos, e cada qual exprimia livremente [193] sua opinião. De novo então nos curvávamos em oração, e ardentes súplicas ascendiam ao Céu para que Deus nos ajudasse a ver de uma

mesma maneira, para que fôssemos um, como Cristo e o Pai são um. Muitas lágrimas eram derramadas.

Assim passávamos muitas horas. Algumas vezes passávamos a noite toda em solene verificação das Escrituras, para compreender a verdade para o nosso tempo. Em algumas ocasiões o Espírito de Deus descia sobre mim, e porções difíceis eram esclarecidas pelo modo indicado por Deus, e havia então perfeita harmonia. Éramos todos de um mesmo pensamento e espírito.

Procurávamos muito ansiosamente que as Escrituras não fossem torcidas para adaptarem-se às opiniões de qualquer pessoa. Procurávamos fazer com que nossas divergências de opiniões fossem tão pequenas quanto possível, não insistindo nós sobre pontos que eram de menos importância, a respeito dos quais havia opiniões divergentes. A preocupação de toda alma, porém, era promover entre os irmãos uma condição que correspondesse à oração de Cristo para que Seus discípulos pudessem ser um, assim como o são Ele e o Pai.

Algumas vezes um ou dois irmãos obstinadamente se opunham à opinião apresentada, e agiam de acordo com os sentimentos naturais do coração. Quando, porém, essa disposição aparecia, suspendíamos nossas pesquisas e adiávamos a reunião, para que cada um tivesse a oportunidade de buscar a Deus em oração, e sem consulta com outrem estudasse o ponto de divergência, rogando luz do Céu. Com expressões de amizade nos despedíamos, para de novo reunirmo-nos tão breve quanto possível, para mais estudos. Por vezes o poder de Deus descia sobre nós de uma maneira assinalada, e, quando a clara [194] luz revelava os pontos da verdade, chorávamos e regozijávamo-nos juntamente. Amávamos a Jesus, e amávamo-nos uns aos outros. [195]

A adoção da ordem eclesiástica

O nosso número aumentava gradualmente. A semente lançada era regada por Deus, que a fazia crescer. A princípio reuníamo-nos para o culto e apresentávamos a verdade àqueles que vinham para ouvir, em casas particulares, em celeiros, bosques, e edifícios escolares; não demorou muito tempo, porém, sem que pudéssemos construir humildes casas de oração.

Aumentando o nosso número, tornou-se evidente que sem alguma forma de organização, haveria grande confusão, e a obra não

seria levada avante com êxito. A organização era indispensável para prover a manutenção do ministério, para levar a obra a novos campos, para proteger dos membros indignos tanto as igrejas como os pastores, para a conservação das propriedades da igreja, para a publicação da verdade pela imprensa, e para muitos outros fins.

Havia, no entanto, entre nosso povo um forte sentimento contrário à organização. Os adventistas do primeiro dia opunham-se à organização, e a maior parte dos adventistas do sétimo dia entretinham as mesmas idéias. Buscamos o Senhor em oração fervorosa para que pudéssemos compreender Sua vontade; e Seu Espírito nos iluminou, mostrando-nos que deveria haver ordem e perfeita disciplina na igreja, e era essencial a organização. Método e ordem manifestam-se em todas as obras de Deus, em todo o Universo. A ordem é a lei do Céu, e deveria ser a lei do povo de Deus sobre a Terra.

Começo de novos empreendimentos

Tivemos uma árdua luta para estabelecer a organização. Apesar de o Senhor dar testemunho após testemunho a esse respeito, [196] a oposição era forte, e teve de ser enfrentada repetidas vezes. Sabíamos, porém, que o Senhor Deus de Israel nos estava dirigindo e [197] guiando pela Sua providência. Empenhamo-nos na obra da organização, e uma evidente prosperidade acompanhou esse movimento progressista.

Como o desenvolvimento da obra nos impelisse a novos empreendimentos, dispusemo-nos a começá-los. O Senhor nos dirigiu o espírito para a importância da obra educativa. Vimos a necessidade de escolas, para que nossos filhos pudessem receber instrução isenta dos erros da falsa filosofia, e sua educação estivesse em harmonia com os princípios da Palavra de Deus. A necessidade de instituições de saúde fora-nos encarecida para auxílio e instrução de nosso próprio povo, e como meio de beneficiar e esclarecer a outros. Esse empreendimento foi também levado avante. Tudo isso era obra missionária da mais elevada espécie.

Os resultados do esforço conjunto

Nossa obra não era mantida por grandes donativos ou legados; pois poucos homens abastados tínhamos entre nós. Qual é o segredo de nossa prosperidade? Temo-nos movido sob as ordens do Príncipe de nossa salvação. Deus nos tem abençoado os esforços unidos. A verdade tem-se espalhado e florescido. Têm-se multiplicado as instituições. A semente de mostarda cresceu até tornar-se uma grande árvore. O sistema da organização alcançou êxito grandioso. Foi adotada a contribuição sistemática segundo o plano bíblico. O corpo foi "ligado pelo auxílio de todas as juntas". Na medida do avanço feito, ficou provado ser eficiente o nosso sistema de organização.

Evitando os perigos da desordem

Ninguém acaricie o pensamento de que podemos dispensar a [198] organização. O estabelecimento dessa estrutura custou-nos muito [199] estudo e orações, em que rogávamos sabedoria e as quais sabemos que Deus ouviu. Foi edificada sob Sua direção, por meio de muito sacrifício e contrariedades. Nenhum de nossos irmãos esteja tão iludido que tente derribá-la, pois acarretaria assim um estado de coisas que nem é possível imaginar. Em nome do Senhor declaro-vos que ela há de ser firmemente estabelecida, robustecida e consolidada.

Ao mando de Deus: "Ide", avançamos, quando as dificuldades a serem superadas faziam com que o avanço parecesse impossível. Sabemos quanto custou no passado executar os planos de Deus, que fizeram de nós o povo que somos. Portanto, cada um tenha o máximo cuidado para não conturbar a mente no tocante a estas coisas que Deus ordenou para a nossa prosperidade e êxito no desenvolvimento de Sua causa.

Os anjos trabalham harmonicamente. Perfeita ordem caracteriza todos os seus movimentos. Quanto mais aproximadamente imitarmos a harmonia e ordem do exército angelical, tanto maior êxito terão os esforços desses anjos em nosso favor. Se não virmos necessidade de ação harmônica, e formos desordenados, indisciplinados e desorganizados em nossa maneira de agir, os anjos que são perfeitamente organizados e se movem em perfeita ordem, não poderão com êxito trabalhar por nós. Afastar-se-ão pesarosos, pois não es-

tão autorizados a abençoar a confusão, distração e desorganização. Todos os que desejarem a cooperação dos mensageiros celestiais, devem trabalhar em harmonia com eles. Os que receberam a unção do Céu, em todos os seus esforços praticarão a ordem, a disciplina e unidade de ação, e então os anjos de Deus poderão cooperar com eles. Mas nunca, jamais esses mensageiros celestes sancionarão a irregularidade, a desorganização e a desordem. Todos estes males são o resultado dos esforços de Satanás para enfraquecer-nos as forças, destruir-nos a coragem e evitar a ação bem-sucedida. [200]

[201] Satanás bem sabe que o sucesso apenas pode acompanhar a ação ordenada e harmoniosa. Bem sabe que tudo que se relaciona com o Céu se acha em perfeita ordem, e sujeição e disciplina perfeita caracterizam os movimentos do exército angelical. Ele estuda e faz esforços para levar os cristãos professos o mais longe possível da disposição ordenada por Deus; portanto, engana até o povo professo de Deus, e faz-lhes crer que a ordem e a disciplina são inimigas da espiritualidade; que a única segurança para eles consiste em seguir cada qual seu próprio rumo e de maneira especial permanecer separado das corporações de cristãos que andam unidos, e trabalham para estabelecer a disciplina e harmonia de ação. Todos os esforços feitos para se estabelecer a ordem são considerados perigosos, tidos como a restrição da legítima liberdade e, por isso, são temidos como se fossem um arremedo do papado. Essas dedicadas pessoas consideram virtude a exibição de sua liberdade de pensar e agir independentemente. Não atendem a nenhum parecer de outrem. Não se deixam ensinar por quem quer que seja. Foi-me mostrado que a obra especial de Satanás é introduzir os homens a crer que Deus lhes ordena agirem por si mesmos, e escolherem seu próprio caminho, independentemente de seus irmãos.

Responsabilidade individual e unidade cristã

Deus está guiando um povo do mundo para a exaltada plataforma da verdade eterna — os mandamentos de Deus e a fé de Jesus. Disciplinará e habilitará Seu povo. Eles não estarão em divergência, um crendo uma coisa e outro tendo fé e opiniões inteiramente opostas, e movendo-se cada qual independentemente do conjunto. Pela diversidade dos dons e governos que Ele pôs em Sua igreja, todos

[202] alcançarão a unidade da fé. Se alguém forma seu próprio conceito [203] no tocante à verdade bíblica, sem atender à opinião de seus irmãos, e justifica seu procedimento alegando que tem o direito de pensar livremente, impondo suas idéias então aos outros, como poderá cumprir a oração de Cristo? E se outro e outro ainda se levanta, cada qual afirmando seu direito de crer e falar o que lhe aprouver, sem atentar para a fé comum, onde estará aquela concórdia que existia entre Cristo e Seu Pai, e para cuja existência, entre Seus irmãos, Cristo orou?

Posto que tenhamos uma obra individual, e individual responsabilidade perante Deus, não devemos seguir nosso próprio critério independentemente, sem tomar em consideração as opiniões e sentimentos de nossos irmãos; pois tal proceder acarretaria a desordem na igreja. É dever dos pastores respeitar o discernimento de seus irmãos; mas suas relações mútuas, assim como as doutrinas que ensinam, deveriam ser submetidas à prova da lei e do testemunho; se, então, os corações forem dóceis, não haverá divisão entre nós. Alguns se inclinam a ser desordenados, e apartam-se dos grandes marcos da fé; mas Deus está atuando em seus ministros para que sejam um na doutrina e no espírito.

É necessário que nossa unidade hoje seja de caráter tal que resista à prova... Temos muitas lições para aprender e muitíssimas para desaprender. Tão-somente Deus e o Céu são infalíveis. Quem acha que nunca terá de abandonar uma opinião formada, e nunca terá ocasião de mudar de critério, será decepcionado. Enquanto nos apegarmos obstinadamente às nossas próprias idéias e opiniões, não poderemos ter a unidade pela qual Cristo orou.

Quando um irmão recebe nova luz sobre as Escrituras, deve expor [204] francamente sua maneira de entender, e todo ministro deve pesquisar as Escrituras com espírito de singeleza a fim de ver se os pontos apresentados podem ser confirmados pela Palavra inspirada. "E ao servo do Senhor não convém contender, mas sim ser manso para com todos, apto para ensinar, sofredor; instruindo com mansidão os que resistem, a ver se porventura Deus lhes dará arrependimento para conhecerem a verdade." 2 Timóteo 2:24-25.

Que coisas Deus tem feito!

Passando em revista a nossa história, percorrendo todos os passos de nosso progresso até ao estado atual, posso dizer: "Louvado seja Deus!" Quando vejo o que Deus tem executado, encho-me de admiração por Cristo, e de confiança nEle como dirigente. Nada temos a recear no futuro, a não ser que nos esqueçamos do caminho pelo qual Deus nos tem conduzido.

Somos agora um povo forte, se pomos nossa confiança no Senhor, pois estamos a tratar com as poderosas verdades da Palavra de Deus. Tudo temos que agradecer. Se andamos na luz, como resplandece ela sobre nós, procedente dos vivos oráculos divinos, teremos grandes responsabilidades, correspondentes à grande luz a nós conferida por Deus. Temos muitos deveres a cumprir, porque fomos feitos depositários da verdade sagrada, a ser dada ao mundo em toda a sua beleza e glória. Somos devedores a Deus por todas as regalias que Ele nos confiou para embelezarmos a verdade com a santidade de nosso caráter, e comunicarmos a mensagem de exortação, consolo, esperança e amor, àqueles que estão nas trevas do erro e pecado.

Graças a Deus pelo que já tem sido feito no sentido de prover aos nossos jovens facilidades para a educação religiosa e intelectual. Muitos têm sido instruídos para desempenhar uma parte nos vários ramos da obra, não somente nos Estados Unidos mas nos campos [205] estrangeiros. O prelo tem fornecido a literatura que difunde extensamente o conhecimento da verdade. Todos os donativos que, quais regatos, têm avolumado o afluxo das contribuições, devem ser para nós justo motivo de gratidão a Deus.

Temos hoje um exército de jovens que, se for convenientemente dirigido e animado, muito poderá fazer. Necessitamos de que nossos filhos creiam na verdade. Desejamos que sejam abençoados por Deus. Queremos que desempenhem uma parte em bem organizados planos para auxiliarem outros jovens. Sejam eles de tal maneira preparados que possam corretamente representar a verdade, dando a razão da esperança que neles há, e honrando a Deus em qualquer ramo da obra para que estiverem habilitados! ...

Como discípulos de Cristo, temos o dever de difundir a luz que sabemos faltar ao mundo. Que os filhos de Deus "enriqueçam em boas obras, repartam de boa mente, e sejam comunicáveis; que

entesourem para si mesmos um bom fundamento para o futuro, para [206] que possam alcançar a vida eterna”. 1 Timóteo 6:18-19.

Capítulo 34 — O amor de Deus por sua igreja

Melbourne
23 de dezembro de 1892
Prezados irmãos da Associação Geral:

Testifico aos meus irmãos e irmãs que a Igreja de Cristo, por débil e defeituosa que seja, é o único objeto sobre a Terra a que Ele confere Sua suprema atenção. Enquanto a todos dirige o convite para irem a Ele e serem salvos, comissiona Seus anjos para prestar divino auxílio a toda alma que a Ele se achega com arrependimento e contrição; e, pessoalmente, por meio de Seu Espírito Santo, está no meio de Sua Igreja. "Se Tu, Senhor, observares as iniqüidades, ó Senhor, quem subsistirá? Mas contigo está o perdão, para que sejas temido. Aguardo ao Senhor; a minha alma O aguarda, e espero na Sua Palavra. A minha alma anseia pelo Senhor mais do que os guardas pelo romper da manhã, sim, do que aqueles que esperam pela manhã. Espere Israel no Senhor, porque no Senhor há misericórdia, e nele há abundante redenção. E Ele remirá Israel de todas as suas iniqüidades." Salmos 130:3-8.

Ó ministros e toda a Igreja, sejam estas as expressões que, brotando do coração, correspondam à grande bondade e amor de Deus para conosco, como um povo e a cada um de nós individualmente. "Espere Israel no Senhor, desde agora e para sempre." Salmos 131:3. "Vós que assistis na casa do Senhor, nos átrios da casa do nosso Deus. Louvai ao Senhor, porque o Senhor é bom: cantai louvores ao Seu nome, porque é agradável. Porque o Senhor escolheu para Si a Jacó, e a Israel para Seu tesouro peculiar. Porque eu conheço que o Senhor é grande e que o nosso Deus está acima de todos os deuses." Salmos 135:2-5. Considerai, meus irmãos e irmãs, que o Senhor tem um povo, um povo escolhido — a Sua Igreja — para ser Sua propriedade, Sua própria fortaleza, que [207]

Ele mantém num mundo contaminado pelo pecado, e rebelde; e determinou que nenhuma autoridade nela se conhecesse, lei alguma fosse por ela reconhecida, a não serem as Suas próprias.

O diabo tem uma grande confederação, que é sua igreja. Cristo a denomina sinagoga de Satanás, porque seus membros são filhos do pecado. Os membros da igreja de Satanás têm estado sempre a trabalhar para inutilizar a lei divina e estabelecer confusão entre o bem e o mal. Satanás trabalha com grande poder nos filhos da desobediência, e por meio deles, a fim de exaltar a traição e a apostasia como se fossem verdade e lealdade. E, na presente época, o poder de sua inspiração satânica está movimentando as forças vivas para promover a grande rebelião contra Deus, iniciada no Céu.

Na época atual, a Igreja precisa vestir suas belas vestes — "Cristo, justiça nossa". Há distinções claras e precisas a serem restauradas e expostas ao mundo, exaltando-se acima de tudo os mandamentos de Deus e a fé de Jesus. A beleza da santidade deve aparecer em seu brilho natural, em contraste com a deformidade e trevas dos que são desleais, daqueles que se revoltam contra a lei de Deus. Assim reconhecem a Deus e à Sua lei — fundamento de Seu governo no Céu e em todos os Seus domínios terrestres. Sua autoridade deve ser conservada distinta e clara perante o mundo; e não ser reconhecida lei alguma que esteja em oposição às leis de Jeová. Se, em desafio às disposições divinas, for permitido ao mundo influenciar nossas decisões ou ações, o propósito de Deus será frustrado. Se a Igreja vacilar aqui, por mais especioso que seja o pretexto apresentado para tal, contra ela haverá, registrada nos livros do Céu, uma quebra da mais sagrada confiança, uma traição [208] ao reino de Cristo. A Igreja tem que manter seus princípios perante todo o Universo celeste e os reinos deste mundo, de maneira firme e decidida. Uma inabalável fidelidade na manutenção da honra e da santidade da lei de Deus, despertará a atenção e admiração do mundo; e muitos, pelas boas obras que contemplarem, serão levados a glorificar nosso Pai celestial. Os que são leais e verdadeiros, são portadores de credenciais do Céu e não dos potentados da Terra. Todos os homens saberão quem são os escolhidos e fiéis discípulos de Cristo, e os conhecerão quando forem coroados e glorificados como hão de ser os que honraram a Deus, e a quem Ele honrou, tornando-os possuidores de um peso eterno de glória...

O Senhor proveu a Sua Igreja de capacidade e bênçãos, para que apresentasse ao mundo uma imagem de Sua própria suficiência, e nEle se completasse, como uma contínua representação de outro

mundo, eterno, onde há leis mais elevadas que as terrestres. Sua Igreja deve ser um templo construído segundo a semelhança divina; e o anjo arquiteto trouxe do Céu a sua vara de ouro para medir a fim de que cada pedra seja lavrada e ajustada pela medida divina, e polida para brilhar como um emblema do Céu irradiando em todas as direções os refulgentes e luminosos raios do Sol da Justiça. A Igreja há de ser alimentada com o maná do Céu e guardada unicamente sob a proteção de Sua graça. Vestida com a completa armadura de luz e justiça, ela entra em seu conflito final. A escória, material imprestável, será consumida, e a influência da verdade testifica ao mundo de seu caráter santificador e enobrecedor. ...

O Senhor Jesus está provando os corações humanos, por meio da concessão de Sua misericórdia e graça abundantes. Está efetuando transformações tão admiráveis que Satanás, com toda a sua vanglória de triunfo, com toda a sua confederação para o mal, reunida contra Deus e contra as leis de Seu governo, fica a olhá-las como a uma fortaleza, inexpugnável aos seus sofismas e enganos. São para ele um mistério incompreensível. Os anjos de Deus, serafins e querubins, potestades encarregadas de cooperar com as forças humanas, vêem, com admiração e alegria, que homens decaídos, que eram filhos da ira, estejam por meio do ensino de Cristo formando caráter segundo a semelhança divina, para serem filhos e filhas de Deus, e desempenharem um papel importante nas ocupações e prazeres do Céu. [209]

À Sua Igreja deu Cristo amplas possibilidades para que viesse a receber de Sua possessão resgatada e comprada um grande tributo de glórias. A Igreja, revestida da justiça de Cristo, é Sua depositária, na qual as riquezas de Sua misericórdia, amor e graça se hão de por fim revelar plenamente. A declaração que fez em Sua oração intercessória, de que o amor do Pai é tão grande para conosco como para consigo mesmo, na qualidade de Filho unigênito, e que estaremos com Ele onde estiver e que seremos um com Cristo e o Pai, é uma maravilha para o exército celestial, e constitui sua grande alegria. O dom de Seu Espírito Santo, rico, pleno e abundante, deve ser para Sua Igreja semelhante a uma protetora muralha de fogo, contra que não prevalecerão os poderes do inferno. Na imaculada pureza e perfeição de Seu povo, Cristo vê a recompensa de todos os Seus sofrimentos, humilhação e amor, e como suplemento de

Sua glória — sendo Ele o grande centro de que irradia toda glória. “Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do [210] Cordeiro.” Apocalipse 19:9.

Capítulo 35 — Trabalho missionário

Em 10 de dezembro de 1871 foi-me mostrado que Deus cumpriria uma grande obra por meio da verdade, se homens dedicados e abnegados se consagrassem sem reservas ao trabalho de apresentá-la aos que se acham em trevas. Aqueles que conhecem a preciosa verdade, e se tenham consagrado a Deus, devem aproveitar toda oportunidade que se lhes depare para a apresentação da mesma. Os anjos de Deus estão tocando o coração e a consciência do povo de outras nações, e almas honestas estão perturbadas ao testemunharem os sinais dos tempos manifestos no estado de insegurança entre as nações. Surge-lhes no coração a pergunta: Qual será o fim de todas as coisas? Enquanto Deus e os anjos estão trabalhando para impressionar os corações, os servos de Cristo parecem dormir. Poucos trabalham em uníssono com os mensageiros celestiais.

Se os pastores e o povo estivessem suficientemente despertos, não permaneceriam tão indiferentes, pois Deus os honrou ao fazer deles os depositários de Sua lei, imprimindo-lha na mente e gravando-a no coração. Estas verdades, de vital importância, deverão pôr o mundo a prova; e, não obstante, em nosso próprio país, há cidades e aldeias que jamais ouviram a mensagem de advertência. Os jovens que se sentem tocados pelos apelos feitos para auxiliarem esta grande obra de progresso da causa de Deus, fazem algumas menções de avançar, mas não se preocupam com a obra, o suficiente para realizar o que poderiam fazer.

Se os jovens que começam a trabalhar nesta causa tivessem espírito missionário, dariam prova de que de fato Deus os chamou para trabalhar. Não indo a novos lugares, mas contentando-se em ir de uma igreja para outra, dão mostras de não sentir responsabilidade [211] alguma pela obra. As idéias de nossos jovens pregadores não são suficientemente amplas. Seu zelo é demasiado fraco. Se os jovens estivessem despertos e fossem consagrados ao Senhor, seriam diligentes em cada momento de seu tempo e procurariam habilitar-se para serem obreiros em campos missionários.

Devem os jovens adquirir habilitações, familiarizando-se com outras línguas, para que Deus os possa usar como meio para comunicar Sua verdade salvadora a outras nações. Estes jovens podem obter conhecimento de outras línguas, mesmo quando empenhados no trabalho em prol dos pecadores. Se souberem aproveitar o tempo, poderão cultivar a mente e habilitar-se para maior utilidade. Se as moças que até agora assumiram pequena responsabilidade se dedicassem a Deus, poderiam tornar-se úteis, estudando outras línguas e ocupando-se em traduzir.

Nossas publicações devem ser impressas noutras línguas, para que sejam atingidas as nações estrangeiras. Muito pode ser feito por meio do prelo, porém, mais ainda se poderá cumprir se a influência do trabalho dos pregadores vivos acompanhar as nossas publicações. Necessitam-se missionários para ir a outras nações a fim de pregar a verdade, de maneira prudente e cuidadosa. A causa da verdade presente pode estender-se grandemente pelo esforço pessoal.

Quando as igrejas virem jovens zelosos e capazes para estender seus trabalhos às cidades e aldeias que nunca ouviram a verdade, e [212] missionários prontificando-se para ir levar a verdade a outras nações, [213] elas se animarão e se fortalecerão muito mais do que o seriam pelos labores de jovens inexperientes. Ao verem o coração dos pastores ardendo de zelo e amor à verdade, e do desejo de salvar almas, as igrejas se despertarão. Estas geralmente têm dentro de si mesmas os dons e o poder para abençoar e fortalecer a si próprias, e reunir no aprisco as ovelhas e os cordeiros. Precisam ficar na dependência de seus próprios recursos para que todos os dons que jazem latentes sejam assim postos em serviço ativo.

O Senhor tem tocado o coração de homens de outras línguas, pondo-os sob a influência da verdade para que se habilitem a trabalhar em Sua causa. Ele os pôs ao alcance dos escritórios de publicações para que os administradores lhes aproveitassem os serviços, se estivessem cônscios das necessidades da causa. Necessitam-se publicações noutras línguas, para provocar interesse e espírito de busca entre outras nações.

Assim como o ensino de Noé avisou e provou os moradores do mundo antes que o dilúvio os destruísse da face da Terra, a verdade divina para estes últimos dias está efetuando uma obra semelhante em advertir e provar o mundo. As publicações que saem da Casa

Publicadora trazem o selo do Eterno. Estão sendo espalhadas por todo o país, e estão decidindo o destino das almas. Hoje se precisa grandemente de homens que traduzam e preparem nossas publicações noutras línguas, de maneira que as mensagens de advertência vão a todas as nações, e prove-as pela luz da verdade, para que os homens e mulheres, vendo a luz, se volvam da transgressão para a obediência da lei de Deus. [214]

Toda oportunidade deveria ser aproveitada para estender a verdade a outras nações. Isso implicaria considerável despesa, mas esta de maneira nenhuma deveria impedir a realização dessa obra. Os meios têm valor apenas quando empregados para promover o interesse do reino de Deus. O Senhor conferiu meios aos homens para este mesmo fim: empregá-los na propagação da verdade entre seus semelhantes.

Agora é tempo de se empregarem os meios na causa de Deus. Agora é o tempo de nos tornarmos ricos de boas obras, acumulando para nós um bom fundamento contra o tempo que virá, a fim de apoderar-nos da vida eterna. Uma alma salva no reino de Deus é [215] de maior valor que todas as riquezas terrestres. Somos responsáveis perante Deus pelas almas com quem entramos em contato: e quanto mais íntima for nossa relação com nossos semelhantes, maior será nossa responsabilidade. Somos uma grande irmandade, e o bem-estar de nossos semelhantes deve ser o nosso grande interesse. Não temos um momento para perder. Se temos sido descuidosos nesse assunto, esta é a oportunidade para remirmos o tempo, não aconteça que o sangue das almas encontrado em nossas vestes. Como filhos de Deus, nenhum de nós se pode recusar a tomar parte na grande obra de Cristo, na salvação de nossos semelhantes.

Muito difícil será vencer o preconceito e convencer os incrédulos de que são desinteressados os nossos esforços para os auxiliar. Isso, porém, não deveria impedir-nos o trabalho. Não há preceito algum na Palavra de Deus que nos fale em fazer o bem somente aos que apreciam e reconhecem os nossos esforços, e beneficiar apenas quem nos agradece. Deus nos mandou trabalhar em Sua vinha. Cumpre-nos fazer tudo que pudermos. “Pela manhã semeia a tua semente, e à tarde não retires a tua mão, porque tu não sabes qual prosperará: se esta, se aquela.” Eclesiastes 11:6.

Temos bem pouca fé. Limitamos o Santo de Israel. Deveríamos ser gratos por condescender Deus em usar alguns de nós como Seus instrumentos. Haverá resposta para toda oração fervorosa em que se peça com fé alguma coisa. Pode não vir exatamente como a esperávamos; mas virá, talvez não como havíamos imaginado, mas justamente na ocasião em que dela mais necessitemos. Mas oh, quão pecaminosa é a nossa incredulidade! “Se vós estiverdes em Mim, e as Minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, [216] e vos será feito.” João 15:7.

Capítulo 36 — Planos mais vastos

Em minha estada na Califórnia, no ano 1874, tive um sonho impressionante, em que me foi apresentado o papel do prelo na obra de proclamar ao mundo a mensagem do terceiro anjo.

Sonhei que vários dos irmãos da Califórnia estavam em concílio, considerando o melhor plano de trabalho para a próxima temporada. Alguns achavam prudente excluir as grandes cidades, e só trabalhar nos lugares menores. Meu esposo insistia ardorosamente em que se traçassem planos mais vastos e se fizessem esforços mais amplos, o que melhor corresponderia com o caráter de nossa mensagem.

Entrou então no concílio um jovem a quem eu freqüentemente vira em meus sonhos. Escutou com profundo interesse as palavras que eram ditas e, a seguir, falando com deliberada confiança e autoridade, disse:

"As cidades e vilas constituem uma parte da vinha do Senhor. Elas precisam ouvir a mensagem de advertência. O inimigo da verdade está fazendo esforços desesperados para desviar o povo, da verdade de Deus para a falsidade... Deveis semear junto a todas as águas.

"Talvez não vejais de pronto o resultado de vosso trabalho, mas isso não vos deveria desanimar. Tomai a Cristo como vosso exemplo. Ele teve muitos ouvintes, mas poucos seguidores. Noé pregou durante cento e vinte anos ao povo antediluviano; contudo, dentre as multidões que havia sobre a Terra naquele tempo, apenas oito almas se salvaram."

O mensageiro prosseguiu: "Estais alimentando idéias muito acanhadas quanto à obra para este tempo. Estais procurando planejar a obra de modo que possais abrangê-la em vossos braços. Deveis considerar perspectivas mais vastas. Vossa luz não deve ser posta sob o alqueire, nem debaixo da cama, mas no velador, para que alumie todos os que estão na casa. Vossa casa é o mundo. [217]

"A certeza e verdade da vigência do quarto mandamento devem ser apresentadas com clareza perante o povo. 'Vós sois as Minhas

testemunhas.' Isaías 43:10. A mensagem irá com poder a todas as partes do mundo, ao Oregon, à Europa, à Austrália, às ilhas do mar, a todas as nações, línguas e povos. Preservai o prestígio da verdade. Ela atingirá grandes proporções. Muitos países estão à espera da luz progressiva que o Senhor para eles tem; e vossa fé é acanhada, muito pequena. Vossa concepção da obra necessita ser grandemente aumentada. Oakland, São Francisco, Sacramento, Woodland, e as grandes cidades dos Estados Unidos, devem ouvir a mensagem da verdade. Avançai! Deus operará com grande poder, se diante dEle andardes com toda a humildade de espírito. Falar-se em impossibilidades não significa fé. Para Deus, nada é impossível. A luz relativa à vigência da lei de Deus será uma prova para o mundo." ...

Em minha última visão foi-me mostrado que deveríamos trabalhar na Califórnia para estender e consolidar a obra já começada. Foi-me mostrado que se deve realizar trabalho missionário na Califórnia, Austrália, Oregon e outros territórios, trabalho muito mais extenso do que o tem imaginado o nosso povo, ou tem jamais previsto e planejado. Vi que não avançamos tão depressa quanto a providência de Deus nos abre o caminho. Vi que a verdade presente poderia ser uma grande força se os crentes na mensagem não dessem lugar ao inimigo pela incredulidade e egoísmo, mas concentrassem os esforços em um único objetivo — a promoção da causa da verdade presente.

Vi que deveria haver um jornal, publicado na costa do Pacífico. Deveria ser estabelecido ali um hospital e fundada uma casa publicadora. [218]

O tempo é breve; e todos quantos crêem nesta mensagem devem sentir a obrigação solene de serem obreiros desinteressados, que exerçam influência adequada; e nunca, quer por palavras, quer por atos, se oponham aos que procuram avançar os interesses da causa de Deus. As idéias de nossos irmãos são muito acanhadas. Pouco é o que esperam. Muito pequena é sua fé.

Um jornal publicado na costa do Pacífico daria força e influência à mensagem. A luz que Deus nos deu não será de muito valor para o mundo, a menos que seja vista ao ser apresentada diante dele. Declaro-vos que nossa visão deve ser ampliada. Vemos as coisas de perto, e não de longe. [219]

Capítulo 37 — Extensão da obra nos campos estrangeiros

Durante a noite, vêm-me estas palavras para eu dizer às igrejas que conhecem a verdade: "Levanta-te, resplandece, porque já vem a tua luz, e a glória do Senhor vai nascendo sobre ti." Isaías 60:1.

As palavras do Senhor no capítulo cinqüenta e quatro de Isaías são para nós: "Amplia o lugar da tua tenda, e as cortinas das tuas habitações se estendam; não o impeças; alonga as tuas cordas, e firma bem as tuas estacas. Porque transbordarás à mão direita e à esquerda; e a tua posteridade possuirá as nações e fará que sejam habitadas as cidades assoladas. Não temas porque não serás envergonhada; e não te envergonhes porque não serás confundida. ... Porque o teu Criador é o teu marido; o Senhor dos exércitos é o Seu nome; e o Santo de Israel é o teu Redentor: Ele será chamado o Deus de toda a Terra." Isaías 54:2-5.

E as palavras de Cristo a Seus discípulos são também para o Seu povo hoje: "Não dizeis vós que ainda há quatro meses até que venha a ceifa? Eis que Eu vos digo: Levantai os vossos olhos e vede as terras, que já estão brancas para a ceifa. E o que ceifa recebe galardão, e ajunta fruto para a vida eterna; para que, assim o que semeia como o que ceifa, ambos se regozijem." João 4:35-36.

O povo de Deus tem diante de si uma poderosa obra, obra esta que deve continuar a elevar-se a maior preeminência. Nossos esforços nos ramos missionários devem tornar-se muito mais extensos. Um trabalho mais decidido do que o que tem sido feito deve ser efetuado antes do segundo aparecimento de nosso Senhor Jesus Cristo. O povo de Deus não deverá interromper seu trabalho antes que este rodeie o mundo. [220]

A vinha abrange o mundo todo, e todas as suas partes devem ser trabalhadas. Lugares há que são agora um deserto moral; e estes deverão tornar-se como o jardim do Senhor. Os lugares incultos da Terra deverão ser cultivados, para que possam brotar e florescer como a rosa. Novos territórios deverão ser trabalhados por homens

inspirados pelo Espírito Santo. Novas igrejas devem ser estabelecidas e novas congregações organizadas. Nesta presente época deve haver representantes da verdade presente em cada cidade e nas mais remotas partes da Terra. A Terra toda deve ser iluminada com a glória da verdade de Deus. A luz deve resplandecer em todas as terras e povos. E é daqueles que receberam a luz que ela deve resplandecer. A estrela d'Alva raiou sobre nós, e devemos projetar sua luz no caminho dos que andam em trevas.

Uma crise acha-se precisamente diante de nós. Devemos agora, pelo poder do Espírito Santo, proclamar as grandes verdades para estes últimos dias. Não levará muito tempo para que todos tenham ouvido a advertência e tomado sua decisão. Então virá o fim.

E a essência mesma de toda fé perfeita consiste em agir bem, no devido tempo. Deus é o grande Obreiro por excelência, e por Sua providência prepara o caminho para que Sua obra se cumpra. Ele provê oportunidades, estabelece esferas de influência e condutos para as atividades. Se Seu povo estiver atento às indicações de Sua providência, e se dispuser a cooperar com Ele, verá cumprido um grande trabalho. Seus esforços, dirigidos convenientemente, produzirão resultados cem vezes maiores do que se poderiam cumprir com os mesmos meios e facilidades por outro instrumento em que Deus não estivesse tão manifestamente atuando. Nossa obra é reformadora, e é o propósito de Deus que a excelência da obra em todos [221] os ramos seja uma lição objetiva para o povo. Sobretudo nos novos campos é de importância que a obra seja estabelecida de maneira a dar uma correta representação da verdade. Em todos os nossos planos de atividades missionárias estes princípios deverão ser tidos em vista. ...

Os servos de Deus devem estar em pé sobre os muros de Sião, e dar a advertência: "Vem a manhã e também a noite" (Isaías 21:12), sim a noite em que ninguém pode trabalhar. ...

De todos os distantes países vem o clamor: "Passa e ajuda-nos." Atos 16:9. Esses países não são tão facilmente atingidos nem estão tão maduros para a ceifa como os que estão mais ao nosso alcance; entretanto, não devem eles ser negligenciados. ...

Nossos irmãos não têm compreendido que, auxiliando o progresso da obra nos campos estrangeiros, estariam ajudando-a no próprio país. Aquilo que é dado para iniciar a obra num campo,

resultará no fortalecimento da mesma noutros lugares. Quando os obreiros estão livres de dificuldades, podem ampliar seus esforços, e trazendo-se almas para a verdade, e estabelecendo-se igrejas, haverá acréscimo de potencialidade financeira. Logo estas igrejas poderão promover a obra não somente dentro de seu território, mas levá-la a outros campos. Será partilhado assim, o encargo que recai sobre as igrejas matrizes. [222]

A obra missionária em nosso país muito progredirá em todos os sentidos, quando se manifestar em prol da prosperidade das missões estrangeiras um espírito de mais liberalidade, abnegação e desprendimento; pois a prosperidade da obra em nosso país depende grandemente, abaixo de Deus, da influência reflexa da obra evangélica nos países distantes. É agindo ativamente para suprir as necessidades da causa de Deus que pomos a alma em contato com a Fonte de todo o poder.

Conquanto a obra nos campos estrangeiros não tenha progredido como deveria, o que foi realizado oferece motivos para gratidão e animação. Muito menos recursos têm sido despendidos nestes campos do que nos de nosso pais, e a obra tem sido executada sob os maiores apertos e sem as devidas facilidades. Contudo, considerando o auxílio que tem sido enviado a estes campos, é na verdade surpreendente o resultado. Nosso êxito missionário tem sido perfeitamente proporcional ao nosso esforço de abnegação e sacrifício.

Somente Deus pode avaliar a obra feita, quando a mensagem evangélica tiver sido proclamada de maneira clara e direta. Penetraram-se novos campos, e tem-se feito um trabalho ativo. As sementes da verdade têm sido semeadas, e resplandeceu a luz em muitos espíritos, proporcionando ampla visão de Deus e uma apreciação mais correta da formação do caráter. Milhares têm sido levados ao conhecimento da verdade, tal como é em Jesus. Encheram-se da fé que opera por amor e purifica a alma. [223]

O valor de tais vantagens espirituais fica além de nossa compreensão. Que sonda poderá medir a profundidade da palavra que é pregada? Que balança poderá de modo correto pesar a influência daqueles que se convertem para a verdade? Por sua vez se tornam missionários, para trabalhar em prol de outros. Em muitos lugares foram construídas casas de oração. Estuda-se a preciosa Bíblia. O tabernáculo de Deus está entre os homens e Deus mora com eles.

Regozijemo-nos de que haja sido feita nestes campos uma obra que Deus pode aprovar. Em nome do Senhor levantemos a voz em louvor e ações de graça pelos resultados da obra no exterior.

E diz-nos ainda nosso General, que jamais erra: "Avançai, entrai em novos territórios. Arvorai o estandarte em todas as terras. 'Levanta-te, resplandece, porque já vem a tua luz, e a glória do Senhor vai nascendo sobre ti.'" Isaías 60:1.

A nossa senha deve ser: Avante, sempre avante! Os anjos de Deus irão adiante de nós para preparar o caminho. A responsabilidade pelas regiões distantes, que sobre nós repousa, nunca poderá ser deposta antes que a Terra toda seja iluminada com a glória do Senhor. [224]

[225]

Capítulo 38 — Circulação da página impressa

Vários oradores haviam discursado perante congregações grandes e atentas, na reunião realizada em Roma, Estado de Nova Iorque, no dia 12 de setembro de 1875. Na noite seguinte sonhei que um jovem, de nobre aparência, entrou na sala em que me achava, logo depois de haver eu falado. Disse ele:

"Chamaste a atenção do povo para assuntos importantes, os quais, para um grande número, são estranhos e novos. Para alguns são profundamente interessantes. Os obreiros da palavra e doutrina fizeram o que podiam para apresentar a verdade. Mas, a menos que haja esforço mais amplo para firmar no espírito essas impressões, vossos esforços serão quase infrutíferos. Satanás tem muitas atrações prontas para desviar os espíritos; e os cuidados da vida e a sedução das riquezas combinam-se todos para sufocar a semente da verdade semeada no coração.

"Em todo esforço tal como o que ora fazeis, muito mais benefício resultaria de vossos labores, se tivésseis material impresso apropriado e pronto para a circulação. Folhetos sobre os importantes pontos da verdade para o tempo presente, deveriam ser gratuitamente entregues a todos que os aceitassem. Deveis semear junto a todas as águas.

"O prelo é um poderoso meio para impressionar a mente e o coração do povo. Os homens deste mundo lançam mão do prelo, e aproveitam quase toda oportunidade para colocar literatura venenosa perante o povo. Se homens que se acham sob a influência do espírito do mundo e de Satanás são diligentes na circulação de livros, folhetos e jornais, de natureza corruptora, deveríeis ser mais diligentes em pôr diante do povo leitura de natureza enobrecedora e salvadora. [226]

"Deus colocou à disposição de Seu povo, no uso do prelo, vantagens que, combinadas com outros fatores, difundirão com êxito o conhecimento da verdade. Folhetos, revistas e livros, conforme exigir o caso, deverão circular em todas as cidades e vilas do país. Nisso há trabalho missionário para todos.

“Deve haver homens habilitados para este ramo da obra, os quais serão missionários e disseminarão as publicações. Devem ser homens de boas maneiras, que não repilam a outros nem sejam por outros repelidos. Esse é um trabalho que, conforme o requeira a ocasião, exige todo o tempo e as energias de quem a ele se dedique. Deus confiou a Seu povo grande luz. Essa não deve ser por eles egoistamente guardada, antes permitirão que seus raios iluminem outros que se acham nas trevas do erro.

“Como um povo, não estais fazendo a vigésima parte do que poderia ser feito para se propagar o conhecimento da verdade. Muitíssimo mais se poderia cumprir pelo pregador vivo mediante a circulação de revistas e folhetos, do que somente com a pregação da palavra sem as publicações. A imprensa é um poderoso instrumento que Deus determinou fosse combinado com as energias do pregador vivo, a fim de levar a verdade a toda nação, tribo, língua e povo. Muitos há que não poderiam ser atingidos de outra maneira qualquer. [227]

“Essa é uma verdadeira obra missionária, em que o trabalho e os meios poderão ser aplicados com os melhores resultados. Tem havido demasiado temor de incorrer em riscos, agir pela fé, e semear junto a todas as águas. Têm-se apresentado oportunidades, de que não se tem lançado mão nem feito o melhor uso. Tem havido muito grande receio de nos aventurarmos. A verdadeira fé não é presunção, mas se arrisca muito. A preciosa luz e a poderosa verdade necessitam ser sem demora, publicadas.”

Disse ele: “Teu esposo não deve desanimar em seus esforços para estimular outros homens a se tornarem obreiros e responsáveis por uma obra importante. A todo homem que Deus aceitar, Satanás atacará. Se se desligam do Céu e põem a causa em perigo, seu fracasso não será atribuível a teu esposo nem a ti, mas à perversidade da natureza dos murmuradores, a qual eles não souberam compreender nem vencer. Esses homens a quem Deus provou a fim de empregá-los em Sua obra, e que fracassaram e trouxeram grande peso sobre os que são abnegados e verdadeiros, estorvaram e desalentaram mais do que todo o bem que fizeram. E isso, contudo, não deve impedir o propósito de Deus ao distribuir esta obra crescente, com todo o seu peso de cuidados, entre os vários ramos, e confiá-la a homens que desempenhem a sua parte e assumam encargos

quando isso se fizer necessário. Esses homens devem estar dispostos a ser instruídos, e então Deus poderá prepará-los e santificá-los bem como comunicar-lhes santidade e discernimento para que tudo que empreendam possam levar avante em Seu nome.” [228]

Capítulo 39 — Uma visão do conflito

Vi em visão dois exércitos em terrível conflito. Um deles ostentava em suas bandeiras as insígnias do mundo; guiava o outro a bandeira manchada de sangue do Príncipe Emanuel. Estandarte após estandarte era arrastado no chão, à medida que companhia após companhia do exército do Senhor se juntava ao inimigo, e tribo após tribo das fileiras do adversário se unia ao povo de Deus que guarda os mandamentos. Um anjo que voava pelo meio do céu pôs o estandarte de Emanuel em muitas mãos enquanto um forte general bradava em alta voz: "Perfilai-vos! Tomem agora posição os que são leais aos mandamentos de Deus e ao testemunho de Cristo. Saí do meio deles e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada imundo, e Eu vos receberei; e Eu serei para vós Pai e vós sereis para Mim filhos e filhas. Venham todos quantos queiram acudir em socorro do Senhor, em socorro do Senhor contra os valentes."

O combate prosseguia. A vitória ia alternadamente de um para outro lado. Às vezes os soldados da cruz cediam terreno, "como quando desmaia o porta-bandeira". Isaías 10:18. Mas a sua retirada aparente não foi senão para ganhar uma posição mais vantajosa. Ouviram-se aclamações de alegria. Ressoou um cântico de louvor a Deus, e as vozes angélicas uniram-se a ele, quando os soldados de Cristo hastearam Sua bandeira sobre os muros da fortaleza, até então em poder do inimigo. O Príncipe da nossa salvação estava dirigindo a batalha, e enviando reforços a Seus soldados. Grandemente se manifestava o Seu poder, encorajando-os a impelir o combate às portas. Ele lhes ensinou coisas terríveis, em justiça, enquanto os guiava passo a passo, vencendo e para vencer.

Finalmente ganhou-se a vitória. Triunfou gloriosamente o exército que seguia a bandeira portadora da inscrição: "Os mandamentos [229] de Deus e a fé de Jesus." Apocalipse 14:12. Os soldados de Cristo estavam junto às portas da cidade, que com alegria, recebeu o seu Rei. Foi estabelecido o reino de paz, alegria e eterna justiça.

A igreja triunfante

A igreja é hoje militante. Enfrentamos agora um mundo em trevas de meia-noite, quase inteiramente entregue à idolatria. Mas aproxima-se o dia em que a batalha terá sido ferida, e ganha a vitória. A vontade de Deus deve ser feita na Terra como o é no Céu. Então as nações não possuirão outra lei senão a do Céu. Juntas, constituirão uma família feliz, unida, trajada com as vestes de louvor e ações de graça — vestes da justiça de Cristo. A Natureza toda, em sua inexcedível beleza, oferecerá a Deus um constante tributo de louvor e adoração. O mundo se inundará da luz do Céu. Os anos transcorrerão em alegria. A luz da Lua será como a do Sol, e a deste será sete vezes mais brilhante do que é hoje. Ante aquele cenário as estrelas da alva cantarão juntamente, e os filhos de Deus aclamarão de alegria, enquanto Deus e Cristo Se unirão ao proclamar: "Não mais haverá pecado, tampouco haverá morte."

Em guarda

Tal é a cena que me é apresentada. A igreja, porém, deve combater e combaterá contra inimigos visíveis e invisíveis. Estão a postos forças satânicas sob forma humana. Homens se têm confederado para oporem-se aos exércitos do Senhor. Essas confederações continuarão até que Cristo deixe Seu lugar de intercessor diante do propiciatório e envergue as vestes de vingança. Agentes satânicos encontram-se em todas as cidades, ocupados em organizar em partidos os que se opõem à lei de Deus. Alguns que professam ser santos e outros declaradamente incrédulos, se filiam a esses partidos. Não é hora de o povo de Deus fraquejar. Não podemos deixar de ficar em guarda um momento sequer. [230]

"Fortalecei-vos no Senhor e na força do Seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo. Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra os exércitos espirituais da maldade, nos lugares celestiais. Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau, e, havendo feito tudo, ficar firmes. Estai, pois firmes, tendo cingidos os vossos lombos

com a verdade, e vestida a couraça da justiça; e calçados os pés na preparação do evangelho da paz; tomando sobretudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno. Tomai também o capacete da salvação, e a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus." Efésios 6:10-17.

"E peço isto: que a vossa caridade aumente mais e mais em ciência e em todo o conhecimento. Para que aproveis as coisas excelentes, para que sejais sinceros e sem escândalo algum até ao dia de Cristo, cheios de frutos de justiça, que são por Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus." Filipenses 1:9-11.

"Deveis portar-vos dignamente conforme o evangelho de Cristo, ... estais num mesmo espírito, combatendo juntamente com o mesmo ânimo pela fé do evangelho. E em nada vos espanteis dos que resistem, o que para eles, na verdade, é indício de perdição, mas para [231] vós, de salvação, e isto de Deus. Porque a vós foi concedido, em relação a Cristo, não somente crer nEle, como também padecer por Ele." Filipenses 1:27-29.

Existem reveladas nestes últimos dias visões de glória futura, cenas traçadas pela mão de Deus; e estas devem ser prezadas por Sua Igreja. O que alentou o Filho de Deus em Sua traição e julgamento? — Ele viu o trabalho de Sua alma, e ficou satisfeito. Teve uma visão da eternidade, e viu a felicidade daqueles que por Sua humilhação receberiam perdão e vida eterna. Foi ferido pelas transgressões deles, e moído por suas iniqüidades. O castigo que lhes traz a paz estava sobre Ele, e pelas Suas pisaduras foram sarados. Seus ouvidos ouviram as aclamações dos resgatados. Ele ouviu os remidos entoando o cântico de Moisés e do Cordeiro.

Devemos ter uma visão do futuro e da felicidade do Céu. Postai-vos no limiar da eternidade e ouvi a acolhida amável feita aos que nesta vida cooperam com Cristo, considerando privilégio e honra sofrer por amor dEle. Ao reunirem-se aos anjos, lançam eles suas coroas aos pés do Redentor, exclamando: "Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e ações de graças... ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro, sejam dadas ações de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre." Apocalipse 5:12-13.

Ali os remidos saudarão aqueles que os guiaram ao Salvador crucificado. Unem-se em louvor Àquele que morreu para que os se-

res humanos tivessem vida tão duradoura quanto a de Deus. Cessou o conflito. Toda tribulação e contenda chegaram ao fim. Cânticos de vitória enchem o Céu todo, ao estarem os remidos de pé em redor do trono de Deus. Todos entoam a alegre estrofe: “Digno, [232] digno é o Cordeiro que foi morto, e vive novamente, como triunfante vencedor.”

“Olhei, e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono e perante o Cordeiro, trajando vestidos brancos e com palmas nas suas mãos; e clamavam com grande voz, dizendo: Salvação ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro.” Apocalipse 7:9-10.

“Estes são os que vieram de grande tribulação, e lavaram os seus vestidos, e os branquearam no sangue do Cordeiro. Por isso estão diante do trono de Deus, e O servem de dia e de noite no Seu templo; e Aquele que está assentado sobre o trono os cobrirá com a Sua sombra. Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede; nem Sol nem calma alguma cairá sobre eles. Porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará, e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida; e Deus limpará de Seus olhos toda a lágrima.” Apocalipse 7:14-17. “E não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas.” Apocalipse 21:4. [233]

Capítulo 40 — Recompensas do esforço

"Se a obra que alguém edificou nessa parte permanecer, ...esse receberá galardão." 1 Coríntios 3:14. Gloriosa será a recompensa conferida, quando os fiéis obreiros se reunirem em torno do trono de Deus e do Cordeiro. Quando João, em sua condição mortal, contemplou a glória de Deus, caiu como morto: não foi capaz de suportar o que via. Quando, porém, os filhos de Deus se houverem revestido de imortalidade, eles O verão assim como é. 1 João 3:2. Estarão em pé diante do trono, aceitos no Amado. Todos os seus pecados terão sido apagados, removidas todas as suas transgressões. Poderão contemplar a glória do trono de Deus, em todo o seu esplendor. Participaram dos sofrimentos de Cristo, foram Seus coobreiros no plano da redenção, e com Ele participam da alegria de verem almas salvas no reino de Deus, para ali louvarem a Deus por toda a eternidade.

A alegria dos remidos

Meu irmão e minha irmã, exorto-vos a que vos prepareis para a vinda de Cristo nas nuvens do céu. Diariamente desarraigai de vosso coração o amor do mundo. Aprendei por experiência o que significa ter comunhão com Cristo. Preparai-vos para o juízo, para que, quando Cristo vier para ser admirado por todos os que crêem, possais achar-vos entre os que O encontrarão em paz. Naquele dia os remidos resplandecerão com a glória do Pai e do Filho. Os anjos, tangendo suas harpas de ouro, darão as boas-vindas ao Rei e a Seus troféus de vitória — os que foram lavados e branqueados no sangue do Cordeiro. Reboará um cântico de triunfo, que enche todo o Céu. [234] Cristo venceu. Ele entra nas cortes celestiais, acompanhado de Seus resgatados, testemunhas de que Sua missão de sofrimento e sacrifício não foi em vão.

A ressurreição e ascensão de nosso Senhor é prova certa do triunfo que, sobre a morte e a sepultura, alcançarão os santos de Deus, e uma garantia de que o Céu está aberto para os que lavam

suas vestes do caráter e as branqueiam no sangue do Cordeiro. Jesus ascendeu ao Pai como representante da raça humana, e Deus levará os que refletem a Sua imagem para que contemplem Sua glória e dela compartilhem. [235]

Há ali moradas para os peregrinos da Terra. Há vestes para os justos, com coroas de glória e palmas de vitória. Tudo que nos tem tornado perplexos em relação às providências de Deus será esclarecido no mundo vindouro. As coisas difíceis de se compreenderem terão ali explicação. Os mistérios da graça nos serão explanados. Onde nossa mente finita apenas descobria confusão e promessas fragmentadas, veremos a mais perfeita e bela harmonia. Saberemos que o amor infinito determinou as experiências que pareciam as mais probantes. Ao compreendermos o terno cuidado dAquele que faz todas as coisas cooperarem para o nosso bem, regozijar-nos-emos com indizível alegria, cheios de glória.

Não poderá existir a dor na atmosfera do Céu. No lar dos remidos não haverá lágrimas, nem cortejos fúnebres, nem trajes de luto. "Morador nenhum dirá: enfermo estou; porque o povo que habitar nela será absolvido da sua iniqüidade." Isaías 33:24. Abundante torrente de ventura fluirá e se avolumará com o decorrer da eternidade.

Ainda nos encontramos por entre as sombras e torvelinhos das atividades terrestres. Consideremos com maior empenho o bem-aventurado além. Que a nossa fé penetre através de toda nuvem de trevas, e contemple Aquele que morreu pelos pecados do mundo. Ele abriu as portas do Paraíso para todos quantos O recebam e nEle creiam. Dá-lhes o poder de se tornarem filhos e filhas de Deus. Que as aflições que tão profundamente nos penalizam, se tornem instrutivas lições, que nos ensinem a avançar para o prêmio celestial de nossa alta vocação em Cristo. Animemo-nos com o pensamento de que o Senhor em breve virá. Que esta esperança nos alegre o coração. "Ainda um poucochinho de tempo, e O que há de vir virá, e não tardará." Hebreus 10:37. Bem-aventurados são os servos que, [236] quando o Senhor vier, forem encontrados vigiando.

Rumo ao lar

Estamos em caminho para o lar. Aquele que nos amou a ponto de morrer por nós, construiu-nos uma cidade. A Nova Jerusalém é o

nosso lugar de descanso. Não haverá tristeza na cidade de Deus. Jamais se ouvirão nela gemidos de pesar, nem lamentos por esperanças malogradas ou amizades desfeitas. Logo as vestes de tristeza serão transformadas em trajes nupciais. Logo testemunharemos a coroação de nosso Rei. Aqueles cuja vida estiver escondida com Cristo, os que na Terra combateram o bom combate da fé, resplandecerão com a glória do Redentor no reino de Deus.

Não demorará muito para que vejamos Aquele em quem se centralizam as nossas esperanças de vida eterna. E, em Sua presença, todas as provações e sofrimentos desta vida serão como nada. "Não rejeiteis, pois a vossa confiança, que tem grande e avultado galardão. Porque necessitais de paciência, para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa. Porque ainda um poucochinho de tempo, e O que há de vir virá, e não tardará." Hebreus 10:35-37. Olhai para cima, olhai para cima, e vossa fé aumente continuamente. Que esta fé vos guie pelo caminho estreito, às portas da cidade de Deus, ao grande além, ao vasto e ilimitado futuro de glória destinado aos remidos. "Sede, pois irmãos pacientes, até à vinda do Senhor. Eis que o lavrador espera o precioso fruto da terra, aguardando-o com paciência, até que receba a chuva temporã e serôdia. Sede vós também pacientes, fortalecei os vossos corações; [237] porque já a vinda do Senhor está próxima." Tiago 5:7-8.

Apêndices

O dom de profecia

No princípio, quando o homem foi criado e posto no jardim do Éden, podia falar face a face com seu Criador e com os anjos. Com a entrada do pecado, esse privilégio lhe foi retirado. O homem ficou sujeito à morte, e incapaz de olhar para a maravilhosa glória de Deus ou viver em Sua presença.

Mas, conquanto o homem decaído não mais pudesse falar diretamente com Deus, nosso amante Pai celestial sempre tem mantido comunicação com a família humana. Mediante o ministério dos santos anjos, Ele proveu para os homens e mulheres proteção contra as influências do mal, e auxílio para viverem de acordo com Sua vontade. E, por meio do poder de Seu Espírito Santo, Deus tem falado ao coração dos homens, e possibilitado, mesmo ao mais pecador e ignorante, achar o caminho que conduz à maneira exata de agir e à vida eterna.

Deus tem também falado à raça decaída por meio de escolhidos instrumentos humanos, a quem, mediante visões e sonhos, comunicou o conhecimento de Seu propósito. Esses mensageiros de Sua vontade têm sido conhecidos como homens santos, ou profetas, separados pelo próprio Senhor para a obra especial de receber e comunicar à humanidade a verdade do Céu. "Se entre vós houver profeta", declara Deus, "Eu, o Senhor, em visão a Ele Me farei conhecer, ou em sonhos falarei com Ele." Números 12:6.

A Escritura Sagrada é uma compilação dos escritos de homens singularmente honrados por Deus. Ao povo que vivia em seu tempo [238] esses homens transmitiram mensagens divinas; ensinaram verdades espirituais e deram conselhos e advertências à Igreja para tempos futuros. Aos profetas "foi revelado que, não para si mesmos, mas para nós, eles ministravam estas coisas que agora vos foram anunciadas por aqueles que, ...vos pregaram o evangelho". 1 Pedro 1:12.

Na era patriarcal

O dom de profecia não se limita a certa época. Encontram-se, no relato inspirado, exemplos de sua manifestação desde os tempos primitivos. Enoque, o sétimo depois de Adão, foi profeta. Olhando através dos séculos, viu em visão profética a vinda do Senhor e a execução do juízo final sobre os ímpios. Judas 14-15. O Senhor apareceu em visão a Abraão, Isaque e Jacó, predizendo as bênçãos que concederia à sua posteridade. Com eles renovou Seu concerto, fazendo-lhes ver de antemão a recompensa final dos justos, e contemplar as glórias da cidade celestial, cujo Construtor e Artífice é Deus. Hebreus 11:10.

Moisés, escolhido por Deus para guiar os israelitas, do cativeiro do Egito à terra de Canaã, foi um poderoso profeta. Predizendo a vinda do Messias, disse: "O Senhor teu Deus te despertará um Profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu; a Ele ouvireis." Deuteronômio 18:15. Deus deu muitas revelações a este homem fiel; e, conquanto a glória divina não lhe fosse inteiramente revelada, a Palavra declara que Deus falava com ele "cara a cara". Deuteronômio 34:10.

Depois de os filhos de Israel se estabelecerem em Canaã, a [239] influência dos idólatras, de que se achavam cercados, desviou-os do verdadeiro Deus para a adoração do Sol, da Lua, das estrelas, bem como para o culto das imagens de escultura, feitas de ouro, prata, madeira e pedra. Assim transgrediram os mandamentos do Céu que haviam sido dados para seu próprio bem. O amante coração de Deus sofreu ao ver a nação escolhida transviada de seu Criador e Benfeitor, e seguindo procedimento que a levaria à ruína.

Por entre a apostasia geral, alguns havia que mantinham aliança com Jeová; e dentre estes Deus escolhia profetas a quem comissionava para exortar o povo ao arrependimento e advertir dos males que seu proceder certamente lhes acarretaria. "O Senhor, Deus de seus pais, lhes enviou a Sua palavra pelos Seus mensageiros, madrugando e enviando-lhos; porque Se compadeceu do Seu povo e da Sua habitação." 2 Crônicas 36:15.

Entre os profetas de Israel, salientaram-se Samuel, Elias, Eliseu, Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel. Com palavras veementes exortavam o povo a que se apartassem de seus maus caminhos,

assegurando-lhe que o Senhor os receberia com indulgência e abençoaria, e os curaria de seu estado transviado. Alguns dos escritos desses profetas têm aplicação especial para o tempo em que vivemos. Escreveram de coisas que deveriam acontecer "nos últimos dias" (Isaías 2:2), ou no tempo do fim. Daniel 12:4.

No primeiro advento de Cristo

O último dos profetas do Antigo Testamento foi Malaquias. Durante o período do formalismo que precedeu o aparecimento de Cristo, tanto quanto o indique qualquer relato existente, não houve manifestação do dom de profecia. Foram, porém, enviados profetas para preparar o caminho para o Messias. Zacarias, pai de [240] João Batista, "foi cheio do Espírito Santo, e profetizou". Lucas 1:67. Simeão, homem "justo e temente a Deus", que "esperando a consolação de Israel", veio pelo Espírito ao templo e profetizou, de Jesus, que seria uma "luz para alumiar as nações, e para glória de Teu povo Israel". Ana, a profetisa, "falava dEle a todos os que esperavam a redenção em Jerusalém". Lucas 2:25, 32, 38. E não houve em época alguma profeta maior do que João Batista, escolhido por Deus para proclamar a Israel o advento do "Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo". João 1:29.

Nos dias dos apóstolos

O princípio da era cristã foi assinalado pelo derramamento do Espírito Santo e pela manifestação dos vários dons espirituais; e entre eles estava o dom de profecia. No livro dos Atos lemos os discursos inspirados de Pedro e Estêvão, de outros cristãos da igreja primitiva, bem como das quatro filhas de Filipe, "donzelas, que profetizavam", e de um profeta chamado Ágabo. Atos 21:9.

O apóstolo Paulo teve visões da glória do Céu. 2 Coríntios 12:1-7. No duodécimo capítulo de 1 Coríntios ele dedica extensa consideração aos dons do Espírito que foram outorgados, não para uma época somente, mas "até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo". Efésios 4:13. "A uns pôs Deus na Igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar profetas, em

terceiro doutores, depois milagres, depois dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas.” 1 Coríntios 12:28.

[241] João, o último sobrevivente dos doze apóstolos de Jesus, era profeta. No último livro da Bíblia, ele fala das visões que lhe foram dadas quando estava desterrado na ilha de Patmos. Registrando essas visões, declara serem elas “a revelação de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu, para mostrar aos Seus servos as coisas que brevemente devem acontecer”; e diz que Cristo “as enviou, e as notificou à João Seu servo; o qual testificou da Palavra de Deus, e do testemunho de Jesus Cristo, e de tudo que tem visto”. Apocalipse 1:1-2.

Desaparecimento durante a grande apostasia

As Escrituras predizem a grande apostasia, que mesmo nos dias dos apóstolos começara a manifestar-se entre certos falsos irmãos da igreja, e finalmente deveria culminar na manifestação do “homem do pecado, o filho da perdição”, de quem Paulo escreveu aos Tessalonicenses. 2 Tessalonicenses 2:1-7.

Em cumprimento desta predição, contam-nos os relatos históricos que, seguindo-se à morte do último dos apóstolos de Jesus, alguns membros da igreja cristã começaram a afastar-se da singeleza da verdade ensinada por Cristo; e pouco a pouco foram levados a unir-se com o mundo nas práticas pagãs.

Passando-se os anos, e crescendo a igreja em número de adeptos e em popularidade, houve muitos que se tornaram cada vez menos estritos em sua obediência ao ensino da Bíblia, até que finalmente no quinto e sexto séculos depois de Cristo, a maior parte dos que professavam ser cristãos não viviam realmente em conformidade com os ensinos de Cristo. Durante muitos séculos, dali em diante, predominou um forma apóstata de cristianismo. A verdade foi suprimida [242] e perdida de vista, e prevaleceu a ignorância.

A esses séculos de apostasia chama a História “Idade Escura”, durante a qual se fizeram tentativas para alterar ou rejeitar muitos dos ensinos fundamentais da Bíblia. Em tais circunstâncias, não é para surpreender que naquele tempo, assim como nos séculos que imediatamente precederam o primeiro advento de Cristo, a manifestação do dom de profecia houvesse quase totalmente desaparecido.

Restabelecimento nos últimos dias

As Escrituras, porém, ao mesmo tempo que predizem esta terrível apostasia, também ensinam explicitamente que, pouco antes da segunda vinda de Cristo, muitos serão libertos das trevas do erro e da superstição. Mais uma vez a Terra deve ser iluminada com a glória de Deus. As puras verdades da Bíblia devem resplandecer. E neste tempo de iluminação celeste, assinalando a aproximação do fim dos séculos, deverão novamente manifestar-se na verdadeira igreja os dons do Espírito. "E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do Meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos mancebos terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos; e também do Meu Espírito derramarei sobre os Meus servos e Minhas servas naqueles dias, e profetizarão." Atos 2:17-18.

Em termos claros o profeta João fala dos remanescentes, ou da última igreja, como sendo os que "guardam os mandamentos de Deus, e têm o testemunho de Jesus Cristo". Apocalipse 12:17. Noutro passo dá o mesmo escritor uma definição clara do que ele quer dizer com a expressão "testemunho de Jesus". Quando uma ocasião João pretendia adorar o anjo que lhe aparecera em visão, disse este: [243]

"Olha não faças tal; sou teu conservo e de teus irmãos, que têm o testemunho de Jesus: adora a Deus." Apocalipse 19:10.

Em idênticas circunstâncias o mesmo anjo disse, como se acha registrado noutro lugar:

"Olha não faças tal; porque eu sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas." Apocalipse 22:9.

O pensamento expresso é o mesmo em ambos estes passos. Num deles, entretanto, é dito que os "irmãos" de João têm "o testemunho de Jesus"; no outro esses irmãos são chamados "os profetas".

Portanto, são os profetas que têm o "testemunho de Jesus"; e o anjo que apareceu a João é evidentemente o mensageiro especial que traz instrução para todos os profetas — sem dúvida é o anjo Gabriel, que apareceu a Daniel. Daniel 8:16; 9:21. O mesmo anjo disse mais a João: "o testemunho de Jesus é o espírito de profecia". Apocalipse 19:10.

Comparando a expressão bíblica do “testemunho de Jesus” com a declaração de Apocalipse 12:17, relativa ao “resto ... que guarda os mandamentos de Deus e tem o testemunho de Jesus Cristo”, concluímos que, antes da segunda vinda de Cristo, Sua verdadeira igreja guardará seus mandamentos e terá o Espírito de Profecia.

O rápido cumprimento das predições das Escrituras Sagradas relativas aos sinais e acontecimentos que deveriam caracterizar as cenas finais da história da Terra é uma prova evidente de que estamos vivendo agora nos últimos dias. Portanto, deve existir hoje um grupo de cristão que guardam os mandamentos de Deus e tem o testemunho [244] de Jesus Cristo — O Espírito de Profecia. Onde os encontramos?

Provado pela palavra

Em conseqüência do fanatismo resultante da obra de homens que falsamente se dizem ensinados por Deus, muitas pessoas sensatas olham com grande desconfiança ou mesmo incredulidade para quem pretenda haver recebido revelações divinas. Entretanto, o pesquisador da verdade tanto deve precaver-se contra o engano dos falsos profetas ou ensinadores, como contra sua própria falta em não reconhecer os que são verdadeiros. “Não desprezeis as profecias; examinai tudo. Retende o bem.” 1 Tessalonicenses 5:20-21.

De conformidade com esta exortação, cumpre aos crentes em Cristo tomar em sincera consideração as provas da direção divina do atual movimento adventista, bem como a manifestação do dom de profecia ligada a este movimento. Menosprezar a obra do Espírito Santo, manifesta por meio desse dom, é perigoso. Contudo, somos advertidos a acautelar-nos dos “falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores”. E a prova é: “Por seus frutos os conhecereis.”

Tão impossível é para os homens colher “uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos” como encontrar verdade pura e poder santificador procedendo de um vil impostor. “Toda a árvore boa produz bons frutos, e toda a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa dar maus frutos; nem a árvore má dar frutos bons. ... Portanto, pelos seus frutos os conhecereis.” Mateus 7:15-20.

Os ativos trabalhos de Ellen G. Harmon, conhecida, depois de seu casamento, por Sra. Ellen G. White, abrangeram um período

de setenta anos, sessenta dos quais foram passados na América do Norte, e dez na Europa e Australásia. Durante esse longo tempo ela [245] foi agraciada com muitas revelações, que acreditava provirem do Céu, e esforçou-se fielmente por escrevê-las para instrução da Igreja. Muitos volumes de seus escritos foram publicados e têm circulação mundial. Muitos milhares de pessoas, convencidas pelas Escrituras de que estamos vivendo próximo ao final da história da Terra, têm sido levadas a crer que a Sra. White foi um instrumento por cujo meio Deus falou pelo Espírito de Profecia à Sua Igreja remanescente. Essa crença é certamente digna de consideração. O caráter de seu trabalho deve ser julgado por sua própria vida, por seus ensinos, e pela natureza das revelações que recebeu.

A Sra. White sempre desejava que seu trabalho e ensinos fossem provados pela norma da Palavra de Deus, tal como se acha revelada nas Escrituras Sagradas. "Que os testemunhos sejam julgados pelos seus frutos", escreveu ela. "Que espírito revelam seus ensinos? Qual tem sido o resultado de sua influência? ... Ou Deus está ensinando a Sua igreja, reprovando os seus erros e fortalecendo a sua fé, ou não está. Essa obra é de Deus ou não o é. Deus nada faz de parceria com Satanás. Minha obra ... ou traz o cunho de Deus ou o cunho do maligno. Não há meio-termo neste caso."

"Desde que o Senhor Se tem manifestado pelo Espírito de Profecia, o passado, o presente e o futuro se desenrolaram diante de meus olhos. Foram-me mostrados rostos que eu nunca vira, e anos depois, vendo-os tornei a reconhecê-los. Tenho sido despertada do sono sob a viva impressão de assuntos que previamente foram sugeridos à minha mente; e, à meia-noite, punha-me a escrever cartas que atravessaram o continente, chegando ao seu destino em momentos de crise e evitando à obra de Deus graves prejuízos. Isso tem sido o meu trabalho durante muitos anos. Uma virtude me impelia a reprovar e censurar faltas de que eu não tinha a menor noção. Seria essa [246] minha obra... uma obra de cima ou da Terra? ... Os que realmente desejam conhecer a verdade, hão de encontrar provas suficientes em que apoiar sua fé." — Testemunhos Seletos 2:286-287.

A missão de Cristo engrandecida

A encarnação de Jesus Cristo, o divino Filho de Deus — “Cristo em vós, esperança da glória” (Colossences 1:27), é o grande tema do evangelho. “NEle habita corporalmente toda a plenitude da divindade. E estais perfeitos nEle.” Colossences 2:9-10. A aceitação ou rejeição desta verdade vital é uma das provas divinamente indicadas para alguém que pretenda ter o dom de profecia.

“Não creiais a todo o espírito”, escreveu o apóstolo João “mas provai se os espíritos são de Deus; porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo. Nisto conhecereis o Espírito de Deus: Todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus.” 1 João 4:1-3.

Profetas falsos não exaltam a Cristo. Antes chamam a atenção para si mesmos. “Falarão coisas perversas, para atrair os discípulos após si.” Atos 20:30. A fim de conseguir isso, ensinam de maneira a agradar a mente carnal daqueles que em seu coração “dizem aos videntes: Não vejais; e aos profetas: Não profetizeis para nós o que é reto; dizei-nos coisas aprazíveis”. Isaías 30:10. Estes pretensos profetas ou ensinadores “do mundo são; por isso falam do mundo, e o mundo os ouve”. 1 João 4:5.

Nos ensinos da Sra. White, Cristo é reconhecido e exaltado como o único Salvador para os pecadores. Afora Cristo, “debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos”. Atos 4:12. Em seu próprio trabalho para o Mestre, ela [247] exemplificou as seguintes instruções por ela dadas a seus irmãos no ministério:

“Cristo crucificado, Cristo ressurgido, Cristo assunto ao Céu, Cristo vindo outra vez — deve abrandar, alegrar, e encher o espírito do ministro, por tal forma, que ele apresente estas verdades ao povo em amor e profundo zelo. O ministro desaparecerá então, e Jesus será revelado. “Exaltai a Jesus, vós que ensinais o povo, exaltai-O nos sermões, em cânticos, em oração. Que todas as vossas forças conviriam para dirigir ao ‘Cordeiro de Deus’ almas confusas, transviadas, perdidas. Erguei-o, ao ressuscitado Salvador, e dizei a todos quantos ouvem: Vinde Àquele que ‘vos amou, e Se entregou a Si mesmo por nós’. Efésios 5:2. Seja a ciência da salvação o tema

central de todo sermão, de todo hino. Seja ela manifestada em toda súplica. Não introduzais em vossas pregações coisa alguma que seja um suplemento a Cristo, a sabedoria e o poder de Deus. Mantende perante o povo a Palavra da vida, apresentando Jesus como a esperança do arrependimento e a fortaleza de todo crente. Revelai o caminho da paz à alma turbada e acabrunhada, e manifestai a graça e suficiência do Salvador." — Obreiros Evangélicos, 159-160.

"À lei e ao testemunho"

O inimigo da justiça sempre se tem esforçado para levar os homens a desrespeitar os reclamos da lei de Jeová. E mediante Seus profetas Deus sempre tem procurado levar os homens à compreensão das prescrições obrigatórias de Sua lei eterna e imutável. Está escrito acerca de Seu antigo povo: "E o Senhor protestou a Israel e a Judá, pelo ministério de todos os profetas, e de todos os videntes, dizendo: Convertei-vos de vossos maus caminhos, e guardai os Meus mandamentos e os Meus estatutos, conforme toda a lei que ordenei a vossos pais e que Eu vos enviei pelo ministério de Meus servos, os profetas." 2 Reis 17:13. [248]

Nesta época em que vivemos, em que há manifesta e generalizada tendência para desprezar as normas da lei de Deus, a Sra. White, firme e destemidamente, esforçou-se por despertar a consciência dos homens para a santidade dos mandos divinos. A imutabilidade daquela lei, e a necessidade vital de obediência, mediante o poder de Cristo, a cada um de seus reclamos, inclusive o quarto mandamento, têm sido constantemente encarecidas em seu trabalho público. Sobre a relação da lei para com o evangelho, escreveu ela:

"Na vida de Cristo se tornam patentes os princípios da lei; e, ao tocar o Espírito Santo de Deus o coração, ao revelar a luz de Cristo aos homens a necessidade que têm de Seu sangue purificador e de Sua justificadora justiça, a lei é ainda um instrumento para nos levar a Cristo a fim de sermos justificados pela fé. 'A lei do Senhor é perfeita, e refrigera a alma.' Salmos 19:7.

"'Até que o céu e a Terra passem', disse Jesus, 'nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido.' Mateus 5:18. O Sol que brilha no céu, a sólida Terra sobre que habitamos, são testemunhas de Deus, de que Sua lei é imutável e eterna. Ainda

que passem, perdurarão os divinos preceitos. 'É mais fácil passar o céu e a Terra do que cair um til da lei.' Lucas 16:17. O sistema de tipos que apontavam para Cristo como o Cordeiro de Deus, devia ser abolido por ocasião de Sua morte; mas os preceitos do decálogo são tão imutáveis como o trono de Deus." — O Desejado de Todas as Nações, 308.

As Escrituras sendo honradas

Os escritos da Sra. White indicam constantemente a Bíblia como [249] a grande fonte de toda a verdade espiritual. São abundantes em citações escriturísticas, às quais ela não dá interpretação fantasiosa. Seus escritos não são, pelos adventistas do sétimo dia, considerados um acréscimo à Bíblia, nem seu estudo deve ocupar o lugar do estudo da Bíblia. Ela própria escreveu:

"A Palavra de Deus é suficiente para iluminar o espírito mais obscurecido, e pode ser entendida por aqueles que a desejam compreender. Não obstante, alguns dos que professam fazer da Palavra de Deus o seu estudo, procedem de maneira que é contrária aos seus mais claros ensinos. Portanto, para que homens e mulheres fiquem sem desculpa, Deus lhes dá testemunhos claros e diretos, fazendo-os voltar à Palavra que negligenciaram seguir." "Os testemunhos não são para diminuir a Palavra de Deus, mas para exaltá-la e atrair para ela os espíritos, para que a bela simplicidade da verdade impressione a todos."

"Nossa divisa deve ser: 'À Lei e ao Testemunho! se eles não falarem segundo esta Palavra, é porque não têm iluminação.' Isaías 8:20 (VT). Temos uma Bíblia cheia da mais preciosa verdade. Ela contém o alfa e o ômega do conhecimento. A Escritura, dada por inspiração de Deus, é 'proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra'. 2 Timóteo 3:16-17. Tomai a Bíblia como o vosso livro de estudo." — Obreiros Evangélicos, 309.

Aos seus irmãos do ministério, ela escreveu: "Não defendais teorias nem provas que Cristo jamais mencionou e não têm fundamento na Bíblia. Temos verdades grandiosas e solenes para o povo. 'Está escrito' é a prova que deve ser apresentada a toda alma. Recorramos

à Palavra de Deus para obter guia. Busquemos um 'Assim diz o Senhor'. Temos tido já bastantes métodos humanos. Um espírito adestrado na ciência mundana unicamente, deixará de compreender [250] as coisas de Deus; mas a mesma mente, convertida e santificada, verá na Palavra o poder divino."

Cumprimento das predições

Uma das características que distinguem o Deus verdadeiro de todos os falsos é o poder de comunicar-Se com os homens tanto acerca do passado como do futuro. Por meio do profeta Isaías, Jeová lança um desafio aos deuses adorados pelos gentios: "Anunciai-nos as coisas passadas, para que atentemos para elas, e saibamos o fim delas; ou fazei-nos ouvir as coisas futuras. Anunciai-nos as coisas que ainda hão de vir, para que saibamos que sois deuses." Isaías 41:22-23. E por causa da incapacidade desses falsos deuses para fazerem isso, Jeová declara: "Eis que sois menos do que nada e a vossa obra é menos do que nada: abominação é quem vos escolhe." Isaías 41:24.

Uma das provas indicadas por Deus para o reconhecimento do verdadeiro profeta é o exato cumprimento de suas palavras. Ao antigo Israel Deus disse por meio de Moisés, que foi poderoso profeta:

"Se disseres no teu coração: Como conheceremos a palavra que o Senhor não falou? Quando o tal profeta falar em nome do Senhor, e tal palavra se não cumprir, nem suceder assim, esta é a palavra que o Senhor não falou; com soberba a falou o tal profeta, não tenhas temor dele." Deuteronômio 18:21-22.

Muitos exemplos poderiam ser mencionados em que foi conferida previsão profética à Sra. White. Muitas vezes ela viu em visão pessoas a quem não conhecia. Mais tarde, em suas viagens, encontrou-as, e apresentou-lhes mensagens a elas destinadas, que [251] lhe tinham sido conferidas em visão — mensagens que revelavam conhecimento de suas ações ou intuitos, o que ela não poderia ter recebido de qualquer fonte humana.

Nos primeiros anos de seu trabalho, numa ocasião em que ela, seu esposo e o Pastor José Bates eram quase os únicos que pregavam a verdade do sábado, foi-lhe revelado a futura expansão do movimento, então incipiente, e de que eles eram os vanguardeiros.

A 1º de novembro de 1848, numa reunião realizada em Dorchester, Massachusetts, foi concedido à Sra. White uma visão em que contemplou a mensagem simbolizada pelo Sol nascente, que aumentava de intensidade até iluminar o mundo todo.

Depois desta visão, ela disse ao esposo que o Senhor desejava que ele iniciasse a publicação de uma pequena revista, e a obra de publicar a verdade cresceria até que as publicações se assemelhassem a torrentes de luz que envolveriam a Terra. Sob o ponto de vista humano, essa era na verdade uma predição ousada. Os crentes eram pouquíssimos em número, pobres em bens deste mundo, e suas doutrinas eram muito impopulares. Deus, porém, para quem todas as coisas são possíveis, cumpriu maravilhosamente essa palavra. Desde aquele tempo, a publicação de literatura repleta da verdade, efetuada por esta denominação, tem constantemente aumentado até que a venda da matéria impressa, em todas as partes do mundo, atinge a milhões de dólares anuais.

Relatando suas primeiras visões, a Sra. White estampou graficamente as experiências pelas quais o povo adventista deverá passar antes que o Senhor volte. Numa ocasião em que as manifestações do espiritismo se limitavam às "pancadas misteriosas", em Rochester, Nova Iorque, foi-lhe mostrado o crescimento rápido e fenomenal que aquele culto teria no futuro. Predisse a decretação de leis que obrigariam a observância do domingo em países em que naquela ocasião [252] prevalecia inteira liberdade religiosa. Todas estas predições e muitas outras foram publicadas e difundidas amplamente. Os mutáveis acontecimentos ocorridos desde que estas predições foram escritas, têm demonstrado a veracidade de muitas delas, e seu cumprimento tem inspirado confiança crescente de que suas profecias relativas ao triunfo final da causa dos adventistas do sétimo dia igualmente se cumprirão. A prosperidade desse movimento tem sido promovida de maneira assinalada mediante os conselhos e advertências que pela sua voz e pena receberam os dirigentes e obreiros.

Seu estado durante as visões

Especialmente durante os primeiros anos de sua obra, as visões da Sra. White eram freqüentemente concedidas na presença de muitas testemunhas. Durante essas manifestações ela ficava inteiramente

inconsciente de tudo quanto a rodeava na Terra. Contudo, freqüentemente andava e fazia graciosos gestos enquanto descrevia as cenas que testemunhava. Sua força em tais ocasiões era fenomenal. Homens fortes esforçavam-se por mover sua mão ou braço da posição em que os mantinha, mas não o conseguiam. Uma ocasião, em casa do Sr. Curtis, em Topsham, Maine, em 1845, ela tomou de sobre a cômoda uma grande Bíblia de uso da família, que pesava cerca de oito quilos, e, segurando-a com o braço esquerdo estendido, em posição mais alta que a cabeça, virava as páginas com a mão direita. E então com os olhos voltados para cima em direção diversa da do livro, lia corretamente muitas passagens das Escrituras, apontando os versículos com o indicador da mão direita. Com sua força normal ela teria dificuldade mesmo para levantar aquele pesado volume; enquanto, porém, de modo sobrenatural fortalecida em visão, susteve-o [253] erguido, com o braço estendido, durante mais de meia hora.

Relatando suas visões, a Sra. White freqüentemente falava de alguém que a instruía, a quem chamava "meu anjo assistente", "meu instrutor" ou "meu guia". Por meio dessas expressões referia-se a um anjo resplendente, glorioso, que invariavelmente agia como seu guia e instrutor.

Posto que a Sra. White muitas vezes falasse quando em visão, todavia nenhum fôlego lhe saía dos lábios. Em 26 de junho de 1854, em Rochester, Nova Iorque, estando ela em visão, dois médicos se esforçaram por mostrar que devia haver alento em seus pulmões. Entre outras provas, foi posta uma vela acesa tão perto de seus lábios quanto possível sem os queimar; entretanto não houve nenhuma agitação na chama, embora naquela ocasião ela estivesse falando com força. A primeira indicação de que voltava da visão era uma inspiração profunda. Talvez se passassem vários segundos antes que tomasse o segundo fôlego. Então, depois de mais algumas inspirações profundas, voltava a respirar normalmente.

Essas condições físicas são análogas às do profeta Daniel, quando em visão, conforme ele as registra no décimo capítulo de sua profecia. Ele se refere a uma perda de força, e ao aparecimento de um anjo que lhe comunicava força sobrenatural. "Quanto a mim", declara ele, "desde agora não resta força em mim, e não ficou em mim fôlego. E uma como semelhança de um homem me tocou outra vez, e me confortou." Daniel 10:17-18.

Uma testemunha ocular

O Pastor Urias Smith, que durante sua vida privou com a Sra. White, e seu esposo, deu o seguinte testemunho atinente ao dom [254] especial que ela possuía:

"Todas as provas a que se podem submeter essas manifestações demonstram serem elas genuínas. As comprovações, tanto internas como externas, são conclusivas. Estão de acordo com a Palavra de Deus e consigo mesmas. Manifestam-se quando o Espírito de Deus está presente de maneira especial, a não ser que as pessoas mais aptas para julgar estejam invariavelmente enganadas. Tranqüilas, nobres e impressionantes, impõem-se elas a todos os que as contemplam como efetivamente o contrário daquilo que é falso e fanático.

"Seu fruto é de molde a mostrar que a fonte de que elas procedem é contrária ao mal.

"1. Seu objetivo é da mais pura moralidade. Condenam todo vício e exortam à prática de toda virtude. Indicam os perigos pelos quais devemos passar para irmos ao reino. Revelam os ardis de Satanás. Previnem-nos contra suas ciladas. Têm surpreendido ainda em estado embrionário planos após planos de fanatismo, que o inimigo tem procurado incutir em nosso meio. Desmascararam hedionda iniqüidade, revelaram faltas ocultas, e descobriram os maus intuitos dos hipócritas. Elas nos têm movido e induzido a maior consagração a Deus, a mais zelosos esforços pela santidade de coração, e a maior diligência na causa e serviço de nosso Mestre.

"2. Conduzem-nos a Cristo. Como a Bíblia, apresentam-nO como a única esperança e único Salvador da humanidade. Descrevem-nos em vívidos caracteres, Sua vida santa e exemplo piedoso, e com apelos irresistíveis nos exortam a seguir Seus passos.

"3. Conduzem-nos à Bíblia. Apresentam aquele livro como a Palavra de Deus, inspirada e inalterada. Exortam-nos a tomar aquela Palavra como nossa conselheira, e como norma de fé e prática. E, com força impelente, solicitam-nos que estudemos suas páginas, [255] detida e diligentemente, e nos familiarizemos com seus ensinos, pois ela deve julgar-nos no último dia.

"4. Têm confortado e consolado muitos corações. Têm fortalecido o débil, animado o fraco, reerguido o desanimado. Da confusão têm trazido a ordem, tornando direitos os lugares tortos, e lançando

luz sobre o que era negro e obscuro. Pessoa alguma, que esteja isenta de preconceitos, poderá ler seus comoventes apelos para uma moralidade pura e elevada, sua exaltação de Deus e do Salvador, sua denúncia de todo mal e suas exortações a tudo que é santo e de boa fama; sem ser compelida a dizer: 'Estas palavras não são de endemoninhado.'"

O valor de sua obra

Depois de setenta anos de trabalho ativo em muitos países, escrevendo e pregando, a Sra. White adormeceu pacificamente em Jesus, em seu lar, próximo de Santa Helena, Califórnia, a 16 de julho de 1915. Foi sepultada ao lado de seu esposo no cemitério de Oak Hill, em Battle Creek, Michigan, em 24 de julho. No sermão fúnebre, o Pastor A. G. Daniells, presidente da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, disse, referindo-se ao seu trabalho:

"Talvez não tenhamos sabedoria bastante para bem definir que parte precisamente da obra da Sra. White foi de maior valor para o mundo; todavia, parece que a grande quantidade de literatura profundamente religiosa que deixou, se mostra ser da maior utilidade para todos. Seus livros são em número acima de vinte volumes. Alguns deles foram traduzidos para muitas línguas, em diferentes partes do mundo, tendo alcançado uma circulação de mais de dois milhões de exemplares, e continuam a propagar-se aos milhares.

"Ao observar-se o campo da verdade evangélica — a relação do homem para com seu Senhor e seus semelhantes — vê-se que [256] a obra da Sra. White deu a estes grandes fundamentos um apoio [257] positivo e construtivo. Ela tocou cada ponto das necessidades vitais da humanidade, e a ergueu a um nível mais alto.

"Ela repousa agora. Sua voz silenciou; depôs a pena. Mas a influência poderosa dessa vida ativa, esforçada e repleta do Espírito Santo, continuará. Sua vida, ligada às coisas eternas, cumpriu-se em Deus. A mensagem proclamada e a obra feita deixaram um monumento que nunca desmoronará nem perecerá. Os muitos volumes que deixou, em que trata de cada aspecto da vida humana, e insiste em cada reforma necessária para o melhoramento da sociedade, representada na família, cidade, Estado e nação, continuarão a moldar o sentimento público e o caráter individual. Suas mensagens serão

mais apreciadas do que o foram no passado. A causa a que dedicou a vida, e que foi tão moldada e prosperou tanto por essa mesma vida, avançará com vigor e rapidez crescentes através dos anos. Nós que estamos identificados com essa causa, não precisamos alimentar receio algum, a não ser o de deixarmos de cumprir nossa parte tão fielmente como deveríamos.”